



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português V

Volume 1

Marli Hermenegilda Pereira

Mikaela Roberto

Ricardo Stavola Cavaliere



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

**MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO**



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

www.cederj.edu.br

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Marilvia Dansa de Alencar

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Maria de Freitas Reis Teixeira

Material Didático

Elaboração de Conteúdo

Marli Hermenegilda Pereira

Mikaela Roberto

Ricardo Stavola Cavaliere

Direção de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Coordenação de Design Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

Supervisão de Design Instrucional

Aroaldo Veneu

Design Instrucional

Ana Cristina Andrade

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Revisão Linguística e Tipográfica

Beatriz Fontes

Elaine Bayma

Flávia Saboya

Licia Matos

Maria Elisa Silveira

Mariana Caser

Yana Gonzaga

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Renan Alves

Vinicius Mitchell

Capa

Renan Alves

Programação Visual

Alexandre d'Oliveira

Camille Moraes

Cristina Portella

Deborah Curci

Filipe Dutra

Larissa Averbug

Maria Fernanda de Novaes

Mario Lima

Núbia Roma

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Copyright © 2015, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

P436

Pereira, Marli Hermenegilda.

Português V: volume 1 / Mikaela Roberto, Ricardo Stavola Cavaliere. –
Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2015.

168 p.: il. 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0015-6

1. Português. 2. Fonética. I. Roberto, Mikaela. II. Cavaliere, Ricardo
Stavola. III. Título.

CDD:869

Referências bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Social

Gabriell Carvalho Neves Franco dos Santos

Instituições Consorciadas

CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

Presidente: Alexandre Sérgio Alves Vieira

IFF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor: Jefferson Manhães de Azevedo

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Reitor: Luis César Passoni

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ruy Garcia Marques

UFF - Universidade Federal Fluminense

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Leher

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

Sumário

Aula 1 • Conceitos preliminares.....	7
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Ricardo Stavola Cavaliere</i>	
Aula 2 • Ramos da fonética e classificação dos sons linguísticos	21
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Ricardo Stavola Cavaliere</i>	
Aula 3 • Classificação articulatória das consoantes.....	35
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Ricardo Stavola Cavaliere</i>	
Aula 4 • Classificação articulatória das vogais.....	53
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
Aula 5 • O fone, o fonema e o alofone.....	65
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Mikaela Roberto</i>	
<i>Ricardo Stavola Cavaliere</i>	
Aula 6 • Neutralização de traços distintivos: o arquifonema	83
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Mikaela Roberto</i>	
<i>Ricardo Stavola Cavaliere</i>	
Aula 7 • Transcrição fonética e fonológica.....	105
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Mikaela Roberto</i>	
<i>Ricardo Stavola Cavaliere</i>	
Aula 8 • A sílaba: conceito e estrutura.....	123
<i>Mikaela Roberto</i>	
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
Aula 9 • A descrição dos segmentos vocálicos.....	141
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
Referências.....	163

Aula 1

Conceitos preliminares

*Marli Hermenegilda Pereira
Ricardo Stavola Cavaliere*

Meta da aula

Conceituar fonética e fonologia como disciplinas linguísticas.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os campos de estudos da fonética e da fonologia;
2. distinguir o papel dos sons linguísticos no sistema da língua e no ambiente do discurso;
3. conceituar fonologia sincrônica e fonologia diacrônica.

Introdução

Quando nos iniciamos no estudo dos sons que integram o sistema linguístico, comumente tomamos ciência de duas áreas de investigação que, de tanto serem citadas em conjunto, aparentam ser tão somente denominações alternativas da mesma disciplina: a *fonética* e a *fonologia*. Na verdade, a fonética e a fonologia, embora tenham extrema vinculação quanto ao objeto geral de estudo – ambas as disciplinas se ocupam do estudo do som linguístico –, constituem áreas claramente distintas quanto aos objetivos específicos, ou seja, quanto à perspectiva com que cada uma delas se debruça sobre a análise dos sons da língua. Nestas primeiras linhas, vamos nos ocupar da distinção entre fonética e fonologia; apesar de ser uma introdução meramente teórica, nosso estudo nesse ponto inicial merece dedicada atenção, pois saber com segurança quais são os campos de atuação dessas duas disciplinas constitui pré-requisito indispensável para que venhamos a entender conceitos fundamentais a elas correlacionados ao longo de todo o curso.

A fonética e a fonologia

Vamos partir de um exemplo simples: ao pronunciarmos a palavra *fica*, verificamos que os sons que constituem sua **cadeia fônica** podem ser subdivididos em dois grupos, a que denominamos sílabas: *fí-ca*. Dividir a sequência fônica de uma palavra em sílabas é algo que aprendemos nas nossas primeiras aulas de linguagem e constitui, por assim dizer, um saber sobre a língua que adquirimos durante o próprio processo de aquisição da linguagem, da capacidade de falar. Agora, experimentemos uma troca: em vez de *fica*, pronunciemos a palavra *dica*. O resultado dessa troca decorre de uma segmentação da palavra em nível inferior ao da sílaba, de tal sorte que uma unidade sonora presente na primeira sílaba, representada pela letra *f*, é substituída por outra unidade sonora representada pela letra *d*.

Chegamos, pois, a duas unidades sonoras que, por motivos didáticos, serão explicados detalhadamente mais adiante, e passaremos a representar com as letras entre barras inclinadas: /f/ é a unidade sonora inicial de *fica* e /d/ é a unidade sonora inicial de *dica*. O fato de a troca da unidade /f/ pela unidade /d/ implicar a mudança da palavra *fita* para a palavra *dica* é altamente relevante, pois nos indica que /f/ e /d/ se opõem distintivamente no sistema linguístico do português, ou seja, /f/ e /d/ estão em *oposição pertinente* entre si. Um par de palavras com

Cadeia fônica

Sequência de unidades sonoras menores que, dispostas segundo as regras do sistema fonológico, constituem unidades sonoras maiores.

significados diferentes e cadeia sonora idêntica, como o caso de *fica/dica*, *faca/vaca*, *cata/cada*, caracteriza um fenômeno denominado de *par mínimo*. Imaginemos, agora, um outro fato: ao pronunciar a palavra *dica*, podemos esperar, pelo menos, duas pronúncias distintas para o som referente à letra *d*. Um falante carioca, muito provavelmente, irá pronunciar esse som de uma forma mais chiada, algo que se aproxime de *dchica*. O símbolo fonético correspondente a esse chiado é [dʒ]. No entanto, se for um falante nordestino, provavelmente, ele produzirá um som mais dental, ou seja, ao produzir o *d*, ele tocará a língua nos dentes ou atrás dos dentes. O símbolo fonético correspondente a esse som dental é [d]; diferentemente da troca de /f/ por /d/, as diferentes pronúncias do *d* não implicam alteração na palavra, que continua sendo a mesma palavra *dica* com uma leve mudança na pronúncia. Tal fato nos conduz à conclusão de que [dʒ] e [d] mantêm entre si uma oposição irrelevante ou impertinente. Esses dois sons podem ser trocados um pelo outro, na mesma posição na palavra, sem implicações maiores do que a variação de sotaque, razão por que o fenômeno é conhecido como *variação livre*. A pronúncia do “r” no final de sílaba em várias regiões do Brasil também constitui um caso de variação livre, pois não acarreta nenhuma modificação de significado.

O que vimos até aqui observando serve para distinguirmos bem os campos de atuação da fonética e da fonologia. As unidades [f], [d] e [dʒ] participam do sistema de sons do português, contudo, enquanto a oposição entre /f/ e /d/ é pertinente, pois não se pode efetuar a troca desses sons entre si sem que se altere a integridade da palavra, a oposição [d] e [dʒ] é impertinente ou não distintiva. A fonologia ocupa-se tão somente do estudo das unidades sonoras que mantêm oposição pertinente com as demais unidades do sistema da língua, ou seja, unidades que têm *valor funcional* dentro do sistema. Assim, a oposição entre /f/ e /d/ é fonologicamente relevante, mas a oposição entre [d] e [dʒ] é fonologicamente irrelevante, a ponto de [d] e [dʒ] serem entendidos como um único som. Por outro lado, a fonética ocupa-se do estudo material de todos os sons que integram o sistema linguístico, sejam os que mantêm valor distintivo com as demais unidades, sejam os que perdem essa distinção em face de outros, por isso as características articulatórias e acústicas de [f], [d] e [dʒ] são igualmente relevantes no campo da investigação fonética.

Imaginemos, por analogia, que uma pessoa necessite de uma caneta esferográfica para escrever um texto. Poderá servir-se, para tanto, de

um conjunto variado de canetas, que se distinguem materialmente por serem mais longas, outras mais macias, ou mesmo mais arredondadas. São, pois, canetas distintas do ponto de vista material. Do ponto de vista funcional, entretanto, todas cumprem o mesmo papel, sendo entendidas como um único ser em nível mais elevado de abstração. Suas diferenças materiais apresentam-se, assim, irrelevantes aos olhos do escritor, pois todas cumprem a mesma função.

À fonética tem-se atribuído o papel de estudar os sons da linguagem humana do ponto de vista material ou físico, descrevendo detalhadamente como eles são produzidos e quais são seus efeitos acústicos. A fonologia cuida do papel que tais sons desempenham no sistema de uma língua particular: se têm ou não valor distintivo em face de outros sons, se podem ocorrer em qualquer posição silábica ou estão restritos a dada vizinhança fonológica etc. Por esse motivo, não é plenamente correto falarmos de uma fonética do português, do francês ou do italiano, porém de uma fonologia do português, do francês etc., visto que o estudo dos sons da linguagem humana em seu aspecto físico independe dos sistemas fonológicos a que pertencem.



Para mostrar a distinção entre fonética e fonologia, convencionou-se usar [] para a transcrição fonética e / / para a transcrição fonológica.

Atividade 1

Atende ao Objetivo 1

1. Reconheça as atividades de pesquisa a seguir discriminadas como da competência da fonética ou da fonologia:

- a) Descrição detalhada de todos os sons linguísticos, que pertencem a todas as línguas conhecidas: _____.
- b) Avaliação sobre a função de cada som linguístico na cadeia fônica de palavras em determinada língua: _____.
- c) Descrição dos sons linguísticos que detêm valor distintivo entre si em determinada língua: _____.
- d) Caracterização das regras de construção da sílaba em uma determinada língua: _____.
- e) Estudo dos mecanismos de articulação dos sons linguísticos pelo aparelho fonador: _____.
- f) Nas línguas há regras que são gerais, universais (aplicam-se a todas as línguas), enquanto há outras regras que são particulares, características de cada língua individual. Cabe à _____ o estudo desse sistema abstrato tanto das regras universais como aquelas que caracterizam diferentes línguas.
- g) No inglês, é possível a combinação dos sons 's' e 'm' em início de sílaba e o uso da consoante 't' em final de palavras (ex.: *smart*), enquanto no português essa sequência é evitada. Essas diferenças combinatórias são estudadas pela _____, ao passo que a descrição da produção dos sons 's', 'm', 'a', 'r' e 't', independentemente de qualquer língua, compete à _____.

2. Um pesquisador brasileiro, após realizar um estudo sobre a pronúncia do Rio Grande do Sul, resolve enviá-lo para publicação em um periódico estrangeiro. Para que o texto apresente todos os detalhes da pronúncia sulista, em caráter contrastivo com os demais falares do Brasil, deverá pautar-se em uma descrição fonética ou fonológica? Justifique a resposta.

Respostas Comentadas

Para responder às questões propostas, você deve perceber que fonética e fonologia são disciplinas complementares que têm um mesmo objeto de estudo: a unidade sonora. No entanto, cada uma faz uma investigação priorizando um enfoque distinto. Enquanto a fonologia se ocupa dos sistemas linguísticos, caracterizando quais sons são, funcionalmente,

distintos em uma determinada língua, a fonética descreve a realização concreta dos sons de uma determinada língua, levando em conta as possíveis realizações de uma mesma unidade sonora.

Mediante essa explicação, em 1. você dever ter respondido: a) fonética; b) fonologia; c) fonologia; d) fonologia, e) fonética, f) fonologia e g) fonologia, fonética. Em 2., espera-se que você identifique que o pesquisador deve pautar-se numa descrição fonética, já que seu objetivo é descrever como os falantes de uma determinada variedade linguística (do Rio Grande do Sul) produzem as unidades sonoras. Essa é uma das tarefas da fonética. À fonologia importa descrever um determinado sistema linguístico (português, alemão, francês etc.) e não as diversas realizações sonoras dentro de uma mesma língua.

Trubetzkoy e o ato de fala

A distinção entre fonética e fonologia dá oportunidade a que façamos referência às ideias de **Nicolai S. Trubetzkoy**, considerado o pai da moderna fonologia, nas quais essas duas áreas de investigação se delimitam segundo o ponto de vista de como se abordam os fenômenos da linguagem. Sempre que uma pessoa fala com outra, estabelece-se um ato de fala. Como unidade de comunicação, o ato de fala está ligado a inúmeros fatores que não são propriamente linguísticos, senão decorrentes da situação em que a comunicação se constrói: o interlocutor, o trato social, o ambiente físico etc. (TRUBETZKOY, 1986). Para que, entretanto, se concretize, o ato de fala implica o uso de uma língua comum aos dois ou mais interlocutores. A língua, por assim dizer, participa da construção do ato de fala juntamente com os demais fatores extralinguísticos e a ele se vincula reciprocamente, já que, assim como acatamos a premissa de que não há ato de fala sem participação do sistema linguístico, também havemos de admitir que a única razão de ser da própria língua está na existência do ato de fala. Como assinala Trubetzkoy, “sem atos de fala concretos, a língua não existiria, de sorte que o ato de fala e a língua se pressupõem reciprocamente” (TRUBETZKOY, 1986, p. 1).

Assim, uma coisa é estudar a linguagem humana mediante análise do ato de fala, em que a língua se alia a elementos extralinguísticos para construir um complexo ambiente de comunicação. Outra coisa é estudar a língua como entidade individualizada e abstrata. A língua em



**Nicolai
Trubetzkoy
(1890-1938)**

Linguista russo cujas ideias contribuíram decisivamente para a distinção entre fonética e fonologia como disciplinas autônomas, embora correlacionadas pelo mesmo objeto de estudo: o som linguístico.

si é um sistema complexo, formado por um conjunto de sistemas mais específicos. Dentre esses sistemas constituintes da língua está o de sons, de que ela se serve para erigir a face material das palavras. O estudo desse sistema se faz separadamente dos demais, dada a necessidade de se usarem teoria e metodologia próprias, que deem conta de todos os seus aspectos. Eis por que o estudo dos sons da língua se faz em área diferente da do estudo do significado ou da morfossintaxe.

Contudo, a especificidade do estudo ainda não se individualiza bem nesses termos. Sabemos que o significado de uma sentença pode mudar em face dos diversos atos de fala em que é usada, devido à participação de elementos extralinguísticos na arquitetura do texto. Uma frase como “O governador decretou ponto facultativo na sexta-feira”, tomada em seus limites meramente linguísticos, tem um significado bastante restrito, algo como “os funcionários públicos não estarão obrigados a ir trabalhar na sexta-feira”. Por outro lado, considerado no ambiente do ato de fala, o significado dessa frase alia-se a componentes extralinguísticos que constroem sentidos bem mais extensos e multiplamente distintos. Assim, se um advogado pronuncia a tal frase em conversa com seu cliente, cuja audiência estava previamente marcada para a sexta-feira, seu sentido passa a ser “Não haverá audiência na sexta-feira”. Isso nos demonstra que há um significado linguístico, isto é, restrito à frase em si, que não corresponde necessariamente ao sentido resultante nas diversas situações discursivas em que tal frase é pronunciada. Hoje, enquanto a semântica da língua estuda o significado nos limites do sistema linguístico, a semântica do discurso estuda o significado no campo do ato de fala.

Semelhantemente, ao estudar o som da língua, convém dispormos de uma ciência que deles se ocupe nos limites do sistema linguístico e outra que os estude no ambiente difuso do ato de fala. Tomemos, por exemplo, uma frase como “Cuidado com o cão”. Pronunciada a título de mera advertência, durante o caminho à residência de um amigo, a sequência melódica da frase certamente reduzir-se-ia à alternância de sílabas tônicas e átonas, em tom mediano ou em **padrão entonacional** mais sóbrio. Se a situação discursiva, entretanto, implica um cão feroz avançando contra alguém, a frase “Cuidado com o cão” decerto será pronunciada em tom bem mais elevado, aliado à expressão fisionômica de pavor ou surpresa. Do ponto de vista puramente linguístico, a alteração de tom na frase pronunciada pelo falante não altera o significado da sentença, ou seja, são elementos irrelevantes ou impertinentes. No entanto, do ponto

Padrão entonacional

Refere-se às variações de altura do tom laríngeo que não recaem sobre uma unidade sonora, mas sobre uma sequência mais longa (palavra, sequência de palavras) e formam a curva melódica da frase: frase interrogativa, exclamativa, afirmativa etc.

de vista discursivo, o citado efeito sonoro serve para revelar ao interlocutor que a pessoa que lhe está transmitindo a notícia ficou chocada ou mesmo emocionalmente traumatizada em face do perigo iminente. Diga-se ainda que, caso estivesse dando a informação não a um amigo, mas a uma pessoa desconhecida, a mesma pessoa talvez abrisse mão dos alongamentos silábicos, a fim de não demonstrar explicitamente sua emoção em face do acidente.

O falante, enfim, modula o padrão entonacional da frase de acordo com certas intenções decorrentes do ato de fala. Se estudarmos a frase em questão nos limites da língua, as sílabas longas e breves não implicarão alteração de sentido, visto que constituem fatos, como dissemos, irrelevantes ou impertinentes. Se, por outro lado, investigamos os valores semânticos da frase no ambiente difuso do texto, aí considerados os fatores extralinguísticos, decerto que haveremos de considerar relevantes as alternâncias de sílabas longas e breves ou a variação de tom silábico.

Por tal motivo, Trubetzkoy, já em seus estudos pioneiros, defendia a criação de uma ciência que se ocupasse do estudo dos sons no universo restrito das línguas e de outra que os estudasse na seara da língua em uso, do ato de fala. Tendo objetos diferentes, essas ciências também haveriam de usar metodologias diferentes: a ciência dos sons no ato de fala ocupar-se-ia dos fenômenos físicos concretos em que tais sons se manifestam, com respaldo no método das ciências naturais. Já a ciência dos sons da língua deveria levar em conta métodos puramente linguísticos, que aferissem em que medida eles eram pertinentes na construção das palavras e frases. A ciência dos sons do ato de fala Trubetzkoy denomina fonética; a dos sons da língua, fonologia.

Atividade 2

Atende ao Objetivo 2

Dê um exemplo que mostre que a mudança do padrão entonacional de uma frase pode levar à modificação de valores discursivos.

Força ilocucionária

Quando alguém produz um enunciado em certas condições comunicativas e com certas intenções, tais como ordem, ameaça, pedido, pergunta etc., diz-se que o enunciado ganha uma determinada força ilocucionária. Assim, a força ilocucionária é o significado ilocutório do ato, aquilo que determina a sua função como ordenar, avisar, perguntar, convidar, ameaçar etc.

Resposta Comentada

Para responder a essa questão, você precisa dar um exemplo com a mesma frase que pode indicar forças ilocucionárias distintas, dependendo do padrão entonacional. Por exemplo, imagine o seguinte contexto: Você vai à casa de um amigo pela primeira vez. Ao chegar lá, você se depara com um cão, então, pergunta ao seu conhecido: “– Este cão morde?”. Ele diz que não, o que o deixa aliviado. Nesse contexto, o enunciado “Este cão morde” apresenta um padrão entonacional ascendente e tem a **força ilocucionária** de uma pergunta. Agora imagine se você chegasse à casa de seu amigo e se deparasse com dois cães. Você, apavorado, perguntaria ao dono da casa: “– Esses cachorros mordem?” Então ele responderia: “– Aquele não, agora este cão morde.” Nessa segunda ocorrência, o enunciado “Este cão morde.” já apresenta um padrão modular contínuo, sinalizando uma declaração. Assim, esses dois exemplos ilustram que a mudança de articulação entonacional pode levar à modificação de valores discursivos.

A título de definição

Entende-se, pois, por fonologia – também fonêmica (cf. CÂMARA JR., 1977) ou fonemática (cf. ALARCOS LLORACH, 1954) – a disciplina linguística que se ocupa do estudo da função dos elementos fônicos das línguas, ou seja, que estuda os sons do ponto de vista de seu funcionamento na linguagem e de sua utilização para, enquanto unidades significativas menores, formar unidades significativas maiores.

Como observa judiciosamente Alarcos Llorach, pautado na teoria saussuriana do signo linguístico, a análise do significante, isto é, da face fônica do signo, revela que toda língua tem, de um lado, um número bastante variado de sons que se realizam e são perceptíveis na fala e, de outro lado, uma série limitada de regras abstratas que formam o sistema expressivo da língua, as quais servem de modelo ideal nas manifestações individuais e concretas (ALARCOS LLORACH, 1954, p. 12). Os sons e as regras sistêmicas, os primeiros físicos e fisiológicos, as segundas abstratas e sociais, não podem ser objeto da mesma disciplina, já

que exercem papéis diferentes no amplo campo da linguagem humana. Enquanto os primeiros são a matéria palpável do significante, as segundas constituem sua forma.

Exemplifique-se: o português detém um conjunto extenso de sons, classificados normalmente em consoantes, vogais e semivogais, que se agrupam de acordo com regras estabelecidas pelo sistema linguístico para formar a face fônica do signo, isto é, seu significante. Ao estudarmos um dado som em particular, digamos a consoante *f*, podemos cuidar da sua descrição física, aí incluindo sua articulação e o efeito acústico que produz: trata-se de um estudo da substância do som, nos limites de sua materialidade. Por outro lado, numa outra linha de investigação, o estudo de nosso sistema linguístico revela que o som *f* se submete a determinadas regras de construção do significante: aparece em início, mas não em final de palavra, pode formar grupos consonantais apenas com certas consoantes (*fl* e *fr*), não pode ocupar o ápice ou centro da sílaba (como, por sinal, todas as consoantes dessa língua) etc.

A disciplina que se ocupa dos sons quanto a sua substância a fonética. Já a disciplina que se ocupa das normas que ordenam essa matéria sonora é a fonologia. A primeira lida com fatos materiais e concretos; a segunda, com puras abstrações formais, que constituem um sistema.

Fonologia sincrônica e fonologia diacrônica

O estudo das conhecidas dicotomias saussurianas (SAUSSURE, 2006) revela que o grande mestre suíço separou a linguística em dois campos opostos, segundo o sentido em que se estuda a língua. Se investigamos um estado de língua, descrevendo-o sobre o “eixo das simultaneidades”, temos *linguística sincrônica*. Se, por outro lado, estudamos o processo de evolução e transformação de uma língua sobre o “eixo das sucessividades”, temos *linguística diacrônica*. Para Saussure, como os sistemas são organismos cujos elementos pertencem necessariamente ao mesmo momento ou estado cronológico, o estudo do sistema linguístico só pode ser sincrônico.

Por este motivo, Saussure separou a fonética histórica da fonética descritiva, denominando essa última fonologia. Em última análise, acreditava Saussure que, se a fonologia estuda a função dos elementos fônicos em um sistema, tal disciplina é necessariamente sincrônica. Com efeito, não é por acaso que a maior parte das investigações fonológicas tenha sido dedicada aos estudos sincrônicos, pois chega a ser intuitivo o

fato de que uma língua se estuda dentro das relações que se estabelecem no eixo das simultaneidades.

Não se pode negar, contudo, que os métodos usados pela fonologia também se aplicam ao estudo da mudança linguística, que constitui o cerne da *linguística histórica ou diacrônica*. Assim, ao lado da fonologia sincrônica, que estuda o sistema fonológico de um estado da língua, surge a fonologia diacrônica, segundo a qual a evolução dos fatos fônicos deve ser estudada com relação aos sistemas que sofreram as mudanças. Como nos ensina o gramático espanhol Alarcos Llorach, “a fonologia, assim, não é uma disciplina necessariamente sincrônica, já que seus métodos são extensíveis às investigações diacrônicas” (ALARCOS LLORACH, 1954, p. 15)

Atividade 3

Atende ao Objetivo 3

Em que aspectos se distinguem a fonologia sincrônica e a fonologia diacrônica?

Resposta Comentada

Nessa questão, você deve estar consciente da dicotomia saussuriana, sincronia e diacronia, para estabelecer a diferença entre fonologia sincrônica e fonologia diacrônica. Saussure postula que há duas formas de se estudar os fatos linguísticos: uma do ponto de vista sincrônico, ou seja, o estudo de um fenômeno gramatical a partir de um determinado estado da língua. Nessa perspectiva, estudam-se os elementos linguísticos estabelecendo seu valor funcional numa relação contrastiva com os demais elementos do sistema linguístico. Já na diacronia, um determinado aspecto gramatical é estudado a partir de sua evolução. Nesse enfoque, observa-se o fenômeno em diversas fases de uma língua.

A partir dessas noções, você pode estabelecer a diferença entre as duas fonologias. Assim, a fonologia sincrônica vai estabelecer o valor distintivo das unidades sonoras contrastando-as com outras unidades do sistema numa determinada fase da língua, enquanto a fonologia diacrônica estuda os fatos fônicos levando em conta, não um determinado estado da língua, mas diversas fases, focalizando as mudanças ocorridas.

Conclusão

Nesta aula, tomamos conhecimento da fonética e da fonologia como campos de estudo dos sons linguísticos e estabelecemos as diferenças conceituais entre esses campos. Verificamos, ainda, como a fonética e a fonologia cuidam dos sons linguísticos tanto no ambiente do discurso quanto no plano abstrato do sistema da língua. Por fim, conceituamos fonologia sincrônica e fonologia diacrônica como subáreas da fonologia na tarefa de estudar e descrever os sons do português, seja em uma época específica, seja no curso histórico da língua.

Atividade Final

Atende ao Objetivo 1

1. No português, verifica-se que as consoantes /s/ e /l/ não podem formar um grupo consonantal no interior da mesma sílaba. A pesquisa que levou à semelhante constatação é de caráter fonético ou fonológico? Justifique a resposta.

2. Sabemos que os falantes nativos de uma língua distinguem-se em face do que popularmente se denomina sotaque. Um levantamento dos variados sotaques dos brasileiros é de caráter fonético ou fonológico? Explique.

Respostas Comentadas

1. Nesta aula, você viu que a fonologia se ocupa da descrição e do funcionamento das unidades sonoras em um determinado sistema linguístico, atribuindo-lhes valor distintivo. Essas unidades costumam se combinar em padrões que se repetem, caracterizando a estrutura silábica de cada língua. Cada língua se organiza silabicamente de maneira distinta. Assim, caracterizar a estrutura silábica de uma língua é uma das tarefas essenciais da fonologia.

2. Para fazer um levantamento das várias formas de pronúncia do brasileiro, é preciso oferecer uma descrição articulatória detalhada das diversas realizações de uma unidade sonora, levando em conta as nuances de pronúncia de cada som. Essa análise do ponto de vista articulatório e concreto do som, sem considerar seu valor funcional dentro do sistema linguístico, é própria da fonética.

Resumo

Nesta aula, distinguimos a fonética e a fonologia como disciplinas que estudam os sons da língua. Vimos que a fonética estuda os sons linguísticos em seu aspecto material ou físico, ao passo que a fonologia cuida dos sons em seu aspecto funcional. Os sons que figuram no sistema linguístico do português podem ser estudados no plano fonético, caso em que todos os sons interessam ao estudo; e no plano fonológico, caso em que interessam somente os sons que têm valor funcional distintivo no sistema. Também distinguimos a fonologia sincrônica, que estuda os sons em dado estado de língua, ou seja, em um certo momento da mudança que a língua sofre ao longo do tempo; e a fonologia diacrônica, que estuda exatamente o processo de mudança que os sons da língua e, por extensão, o próprio sistema linguístico sofre no decorrer do tempo. A fonologia sincrônica atual, obviamente, dedica-se ao estado presente do sistema de sons do português.

Aula 2

Ramos da fonética e classificação
dos sons linguísticos

*Marli Hermenegilda Pereira
Ricardo Stavola Cavaliere*

Meta da aula

Reconhecer os ramos da fonética e conhecer a classificação articulatória dos sons consonantais do português.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir os ramos específicos em que se subdivide a fonética;
2. identificar os elementos constituintes do aparelho fonador.

Introdução

Como vimos na primeira aula, a fonética tem como objetivo estudar e descrever os sons linguísticos. Devido a esse propósito, essa disciplina é abrangente e se ramifica, pelo menos, em três áreas, dependendo da perspectiva adotada para estudar as unidades sonoras.

Os ramos da fonética

A fonética, como disciplina que estuda o som linguístico em seu aspecto material, pode ser subdividida em três áreas bem definidas: a fonética articulatória, a fonética acústica e a fonética auditiva. A primeira descreve e classifica os sons da fala de acordo com sua articulação no aparelho fonador. À segunda cabe o estudo das propriedades físicas dos sons linguísticos e do percurso que as ondas sonoras trilham para chegar aos ouvidos do ouvinte. Já a terceira ocupa-se da maneira como os sons da fala são captados pelo aparelho auditivo e interpretados pelo cérebro humano. Vamos conhecer mais um pouco esses três ramos da fonética.

A fonética articulatória

Sem dúvida, a área da fonética que mais interessa aos que se dedicam ao estudo linguístico é a da *fonética articulatória* (ou fisiológica), já que seu objeto está diretamente vinculado à manifestação da língua em sua materialidade, ou seja, ao modo como o falante produz os sons da língua, à anatomia e ao funcionamento do aparelho fonador. Nessa área de pesquisa, por exemplo, tomamos ciência de como o organismo humano produz cada uma das unidades sonoras que integram o sistema de sons de uma língua, bem como dos fatores, sejam de ordem fisiológica ou anatômica, que podem interferir na boa articulação desses sons. É com base na fonética articulatória, igualmente, que se criou uma classificação dos sons linguísticos, amplamente utilizada nos estudos fonéticos, conforme veremos adiante.

O domínio da fonética articulatória auxilia a atividade profissional em áreas conexas, tais como a fonoaudiologia. Muitos indivíduos nascem com uma fissura labiopalatal, conhecida como “lábio leporino”, que impede a articulação natural de alguns sons linguísticos. Outros sofrem de distúrbios neurológicos que dificultam a movimentação da musculatura do aparelho fonador ou mesmo de distúrbios psicológicos

que podem levar à gagueira. A fonoaudiologia, ao atuar na terapia dos distúrbios da fala de maneira geral, lança mão dos recursos oferecidos pela fonética articulatória, de tal sorte que se possa “educar” o indivíduo quanto à adequada articulação dos sons linguísticos.

Outra área que se vem servindo bastante da fonética articulatória é a denominada fonética forense, atividade laboratorial em que se analisam exemplares da fala humana, geralmente gravados em fita magnética ou em meio digital, a fim de que se possa identificar o indivíduo para fins de prova judicial. Entre os elementos identificadores do indivíduo estão determinados hábitos peculiares de articulação dos sons, tais como uma excessiva expiração em consoantes oclusivas ou certa dificuldade de construção de grupos consonantais, por exemplo.



Se quiser mais informações sobre fonética forense, pode consultar o *site* do Instituto de Criminalística: http://www.igp.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=87&Itemid=113.

A fonética acústica

Outro ramo da fonética muito utilizado em áreas conexas é o da fonética acústica. No ensino de línguas estrangeiras, tem-se tentado identificar padrões de percepção dos sons de dada língua pelo falante nativo e pelo falante estrangeiro, bem como as razões por que o primeiro é mais capaz do que o segundo na tarefa de identificar os fonemas nas cadeias sonoras das palavras. É comum, a respeito, observarmos que nossa capacidade de entender uma língua estrangeira é bem maior quando conversamos pessoalmente com um falante nativo dessa língua do que quando ouvimos uma música no rádio ou quando assistimos a um filme no cinema. Tal fato está vinculado ao comportamento que o som linguístico tem no ambiente físico em que é produzido.

Fatores como frequência e amplitude das ondas sonoras que constituem os sons da fala, muito estudados na área da fonética acústica, permitiram a invenção de aparelhos destinados a registrar graficamen-

te a voz humana, denominados espectógrafos. Dos primeiros espectogramas gráficos aos atuais espectogramas tridimensionais, obtidos mediante programas de computação, a ciência muito evoluiu, a ponto de obter percepção de parâmetros como a frequência e o controle da intensidade vocal. Dispomos hoje, como resultado da pesquisa em fonética acústica, de programas de identificação dos sons linguísticos que conseguem transformar palavras em texto escrito, muito utilizados em telefones celulares e *tablets*.

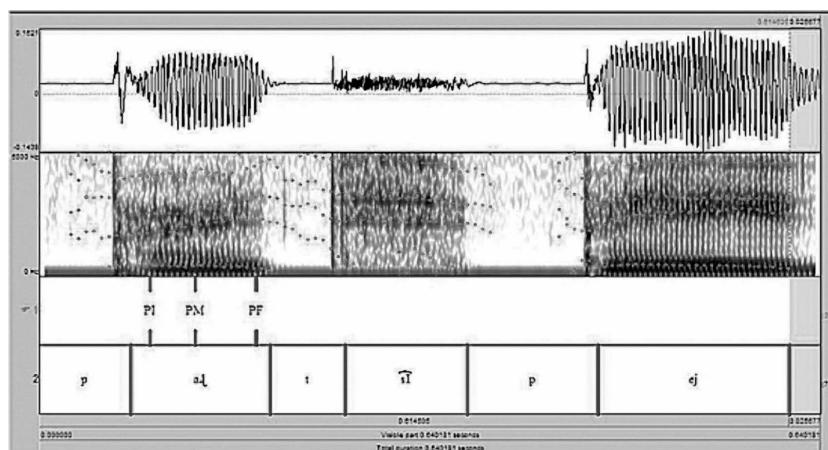


Figura 2.1: Espectrograma da consoante /R/ antecedida pela vogal /a/.

Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502012000200002&script=sci_arttext



Os recursos de identificação dos sons linguísticos em telefones celulares, uma das conquistas da engenharia eletrônica, resultam da pesquisa dos sons da língua na área da fonética acústica.

A fonética auditiva

Cabe à fonética auditiva o estudo da percepção dos sons da língua pelo aparelho auditivo. O complexo mecanismo do ouvido capta as ondas sonoras que nos chegam do exterior e as converte em impulsos nervosos que chegam ao cérebro através do nervo auditivo. Uma das

questões que mais se discutem no campo da fonética auditiva diz respeito à percepção e ao reconhecimento do som da língua pelo bebê nos primeiros meses de vida. A hipótese hoje mais acatada é de que o cérebro humano já está instruído para distinguir o som linguístico do som não linguístico, ou seja, ao nascer, o bebê já tem a capacidade de selecionar, entre os estímulos sonoros que recebe, aqueles que têm relação com a faculdade da fala, fato que facilita enormemente o processo de aquisição da linguagem.

Com efeito, dos primeiros dias de vida até a fase de articulação plena de frases, a criança entra em contato com uma série de sons de toda natureza, tais como o arrastar de móveis, objetos que caem, espirros e toses, além, evidentemente, dos sons da língua. Nossa capacidade de identificar esses sons, no conjunto de todos os sons que ouvimos no início da vida, como integrantes de um sistema destinado a comunicar conceitos, constitui um dos objetos de interesse da fonética auditiva, já que é pela audição que entramos em contato com a língua no meio social.

A interdependência da fonética auditiva e da fonética articulatória resume-se na própria interdependência das faculdades humanas de produzir e perceber os sons da fala, de tal sorte que a ausência ou mau desempenho de uma delas implica prejuízo significativo para a outra. Assim, não é incomum que as pessoas, caso venham a perder a capacidade de ouvir, passem a ter dificuldade de falar. Como já observamos, sabe-se que os recém-nascidos vêm dotados de certa predisposição para concentrar-se em determinados sons em detrimento de outros, no processo de desenvolvimento da fala (LYONS, 1981, p. 69). Em outros termos, o bebê seleciona pelo meio auditivo os sons relevantes para a linguagem humana, fato que confere à fonética auditiva importante papel na investigação sobre a própria natureza das línguas.



Por volta do sexto mês de vida, o bebê começa a balbuciar e produz uma gama variada de sons, muitos dos quais não são de sua língua materna. Isso também acontece com as crianças deficientes auditivas; logo, balbuciar não depende do fornecimento de dados de informação acústico-auditiva.

Atividade 1

Atende ao Objetivo 1

Numere os parênteses de acordo com os seguintes rótulos:

1- fonética articulatória 2- fonética acústica 3- fonética auditiva

- a) () Os sons oclusivos são produzidos com uma barreira total na cavidade bucal.
- b) () Os tons musicais são harmoniosos e agradáveis ao ouvido.
- c) () As vogais são produzidas pela articulação livre.
- d) () Nós reconhecemos as fricativas pelo ruído de fricção.
- e) () As consoantes possuem ruído na sua composição.
- f) () Ruído é uma onda sonora não periódica.
- g) () Os surdos conseguem entender muito do que as pessoas falam pela leitura labial.
- h) () O arredondamento dos lábios é um dos fatores que causam diferenças entre as vogais.
- i) () A limitação de nossa audição depende de características da membrana do tímpano, como sua espessura.

Resposta Comentada

Para você responder corretamente a essa atividade, é necessário fazer a seguinte associação: fonética articulatória = produção dos sons; fonética auditiva = recepção dos sons; fonética acústica = propriedades físicas do som. Fazendo essa correlação, fica fácil identificar os ramos da fonética. Assim, temos: a (1); b (3); c (1); d (3); e (2); f (2); g (3); h (1) e i (3).

O aparelho fonador

Uma das tarefas da fonética articulatória consiste em estudar o aparelho fonador, constituído dos chamados órgãos da fala. De início, cabe observar que tais órgãos servem primariamente a outros aparelhos do organismo humano, ou seja, atuam apenas secundariamente como elementos do aparelho fonador. Com efeito, cabe aos pulmões oxigenar o sangue, enquanto órgão do aparelho respiratório, mas também, subsidiariamente, é esse órgão que expelle a corrente de ar necessária para produzir a voz; já as cordas vocais, que podem parecer a princípio elementos destinados unicamente à produção da fala, na verdade, cumprem o papel básico de evitar (se fechadas) a passagem de alimentos pela traqueia. Quanto aos demais elementos que participam do aparelho fonador, a maioria situada na boca, como lábios, dentes, língua etc., evidencia-se que seu papel original está ligado ao funcionamento do aparelho digestivo.

Funcionamento do aparelho fonador

Vamos estudar, neste item, o mecanismo fisiológico que produz os sons da língua. Preliminarmente, convém advertir que nossos órgãos fonadores produzem inúmeros sons que, não obstante expressem certo valor semântico no ato de enunciação, não podem ser considerados sons linguísticos. Este é o caso do sopro com projeção dos lábios, que denota enfado ou irritação, do assobio que expressa surpresa ou estupefação, o ronco típico dos diálogos, como *hãrrã*, *hũrrum*, que expressam anuência etc. Alguns desses sons, entretanto, que em geral apenas expressam valores semânticos na conversação, participam excepcionalmente do sistema fonológico de uma dada língua. Esse é o caso do **clique**. O *xhosa*, uma das línguas oficiais da África do Sul e o hotentote, grupo de línguas *khoisan* do Sudoeste africano, são exemplos de línguas em que o clique tem valor fonológico.

Clique

Som produzido pela sucção do ar retido na boca, mediante compressão da língua com os alvéolos. Entre os falantes do português, é usado para expressar valores semânticos como desagrado, contrariedade ou repreensão no diálogo.



Veja e ouça um falante do *xhosa* articulando cliques em várias palavras dessa língua em: <http://www.youtube.com/watch?v=31zzMb3U0iY>.

Praticamente todos os sons da fala resultam das modificações vibratórias que a corrente de ar expirado sofre durante o processo de fonação. Os estudos de Kenneth L. Pike sobre as línguas indígenas da América do Norte (PIKE, 1947), entretanto, demonstram que o aparelho fonador também produz sons linguísticos mediante modificação do ar inspirado.

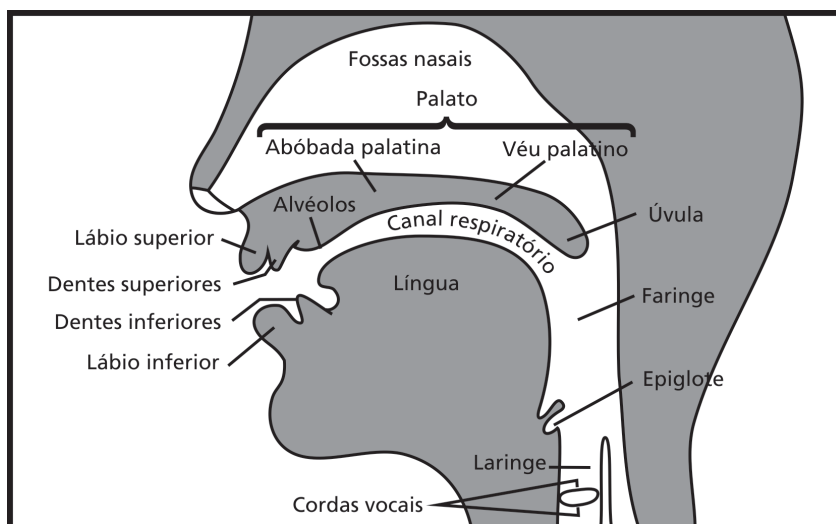


Figura 2.2: O aparelho fonador.

Não resta dúvida, porém, de que na grande maioria das línguas conhecidas os sons linguísticos são produzidos através da expiração do ar. A pressão do diafragma e dos músculos da caixa torácica sobre os pulmões provoca a expulsão do ar através dos brônquios e da traqueia até chegar à laringe. No topo desse órgão, situam-se as cordas vocais, dois pares de membranas superpostos e separados por uma cavidade conhecida como ventrículo de Morgagni. As cordas vocais se posicionam como lábios que se abrem para possibilitar a entrada e saída de ar durante a respiração através de uma abertura triangular denominada glote. Uma válvula situada na saída da laringe, a epiglote, controla o fechamento da glote para evitar a entrada de saliva e alimentos no aparelho respiratório no ato de deglutição.

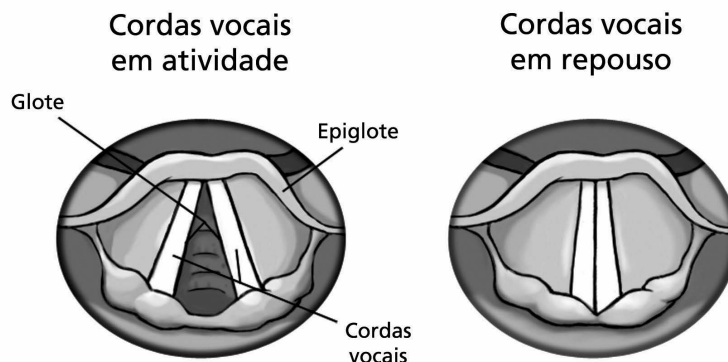


Figura 2.3: Glote, cordas vocais e epiglote.

Ao respirarmos, o ar passa pela glote sem provocar qualquer alteração sonora, já que as cordas estão regularmente afastadas; no entanto, ao emitirmos a voz, as cordas vocais se unem, provocando o fechamento da glote. A pressão do ar expirado irrompe na glote e provoca a vibração das cordas, de que resulta o efeito acústico vocal. A natureza física da voz – grave, aguda, rouca etc. – deve-se a fatores fisiológicos, como a espessura das cordas vocais e a frequência de vibração. As vozes masculinas normalmente resultam de frequências mais baixas do que a das vozes femininas. Certas qualidades primárias da voz, como o tom, a intensidade e a quantidade, conhecidas como **traços suprasegmentais**, são adquiridas na laringe.

Traço suprasegmental

São traços de variação da fala que envolvem mais do que um segmento, isto é, mais do que uma consoante, vogal ou semivogal. Os principais traços suprasegmentais ou prosódicos são o acento, a duração, o tom e a entoação.

Fonte: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=651>

Após passar pela glote, o ar percorre o espaço em que se situam a faringe, a boca e as fossas nasais, onde sofre variadas modificações que vão dar a configuração final dos sons linguísticos. Dá-se ao conjunto das modificações impostas à corrente expiratória nas cavidades superiores o nome de articulação. Em outros termos, articular um som implica atribuir-lhe o conjunto de características que o distingue dos demais sons, mediante estreitamentos ou oclusões que modulam a corrente de ar nas cavidades faríngea, bucal e nasal. O processo de articulação de um dado som normalmente implica a concorrência de um articulador ativo (o que se movimenta) e um articulador passivo. Os articuladores passivos localizam-se na mandíbula superior, exceto o véu palatino que fica na parte posterior do palato. Eles são: lábio superior e o “céu da boca”, que se divide em: alvéolos, palato duro, véu palatino (ou palato mole) e úvula, conhecida como “campanhia”. Os articuladores ativos são: a língua, o lábio inferior, o véu palatino e as cordas vocais. A partir da posição do articulador ativo em relação ao articulador passivo, podemos definir o lugar de articulação (ou ponto de articulação) dos sons consonantais.

Ao fim dessa exposição, podemos esquematizar as funções do aparelho fonador da seguinte forma:

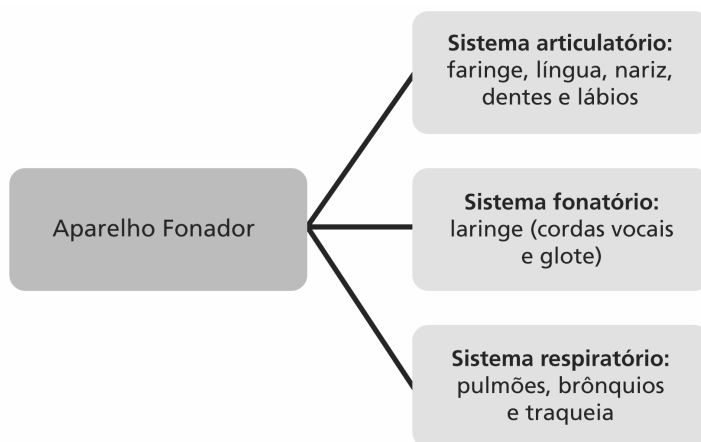


Figura 2.4: Sistemas que desempenham um papel na produção do som da fala.

A partir do funcionamento desses órgãos do aparelho fonador é que nós produzimos os sons da fala que se dividem em: consoantes, vogais e semivogais. A eles dedicaremos várias aulas.

===== **Atividade 2** =====

Atende ao Objetivo 2

1. Marque V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmativas. Justifique a(s) alternativa(s) falsas:

- () Os órgãos do aparelho fonador têm a função primária de produzir sons.
- () As cordas vocais situam-se na laringe.
- () Todos os sons linguísticos são produzidos durante a expiração.
- () A produção de sons linguísticos se inicia na laringe.
- () Os pulmões e a caixa torácica fornecem a corrente de ar, e os brônquios e a traqueia são os condutores dessa corrente para a laringe.
- () Na cavidade bucal encontram-se os principais articuladores.

2. Marque (1) para articulador ativo e (2) para articulador passivo:

- () língua
- () alvéolos
- () lábios inferiores
- () lábios superiores
- () véu palatino
- () dentes superiores
- () úvula
- () palato duro

Respostas Comentadas

1. (F), (V), (F), (V), (V) e (V).

Vimos que os órgãos do aparelho fonador não têm como função primária a produção dos sons da fala. Esses órgãos têm outras funções primárias, como mastigar, respirar, engolir, cheirar etc.

No português, os sons linguísticos são produzidos com a corrente de egressiva, ou seja, aquela que sai dos pulmões em direção à boca. No entanto, existem outras línguas, africanas, por exemplo, que produzem sons linguísticos durante a inspiração.

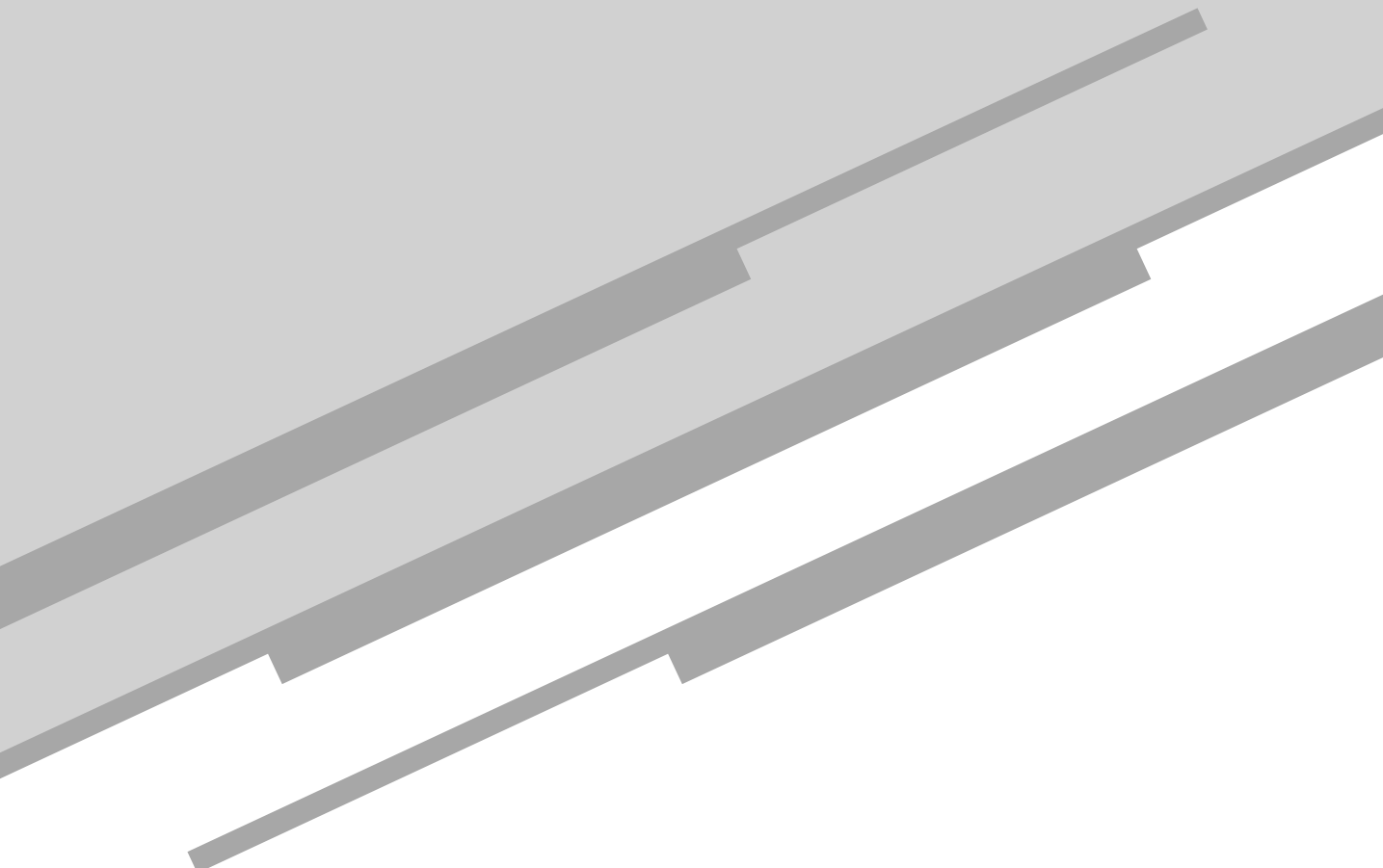
2. Os articuladores ativos são dotados de movimento e, em sua maioria, ficam localizados na mandíbula inferior, como: língua e lábios inferiores. Os articuladores passivos se localizam no maxilar superior, parte fixa da boca, e são: lábios superiores, dentes superiores, alvéolos, palato duro e úvula. Quanto ao véu palatino, pode ser ativo na produção dos sons nasais em que ele se abaixa para a corrente de ar também passar pelas fossas nasais e pode ser passivo na produção dos sons orais, já que se encontra em sua posição de repouso, ou seja, levantado.

Resumo

Estudamos os ramos da fonética e suas respectivas áreas de estudo. Vimos que a fonética articulatória se ocupa da produção dos sons linguísticos, enfatizando o funcionamento do aparelho fonador humano. A fonética acústica dedica-se ao estudo do som linguístico no ambiente de sua propagação e a fonética auditiva cuida da percepção do som linguístico pelo aparelho auditivo. Nos comentários sobre cada área de competência da fonética, verificamos que muitas são as profissões da sociedade contemporânea que se servem de suas conquistas, tais como a fonoaudiologia, que se utiliza da fonética articulatória, e a engenharia, que aproveita os ganhos da fonética acústica. Posteriormente, estudamos o aparelho fonador, seus elementos constitutivos e a função de cada um deles.

Aula 3

Classificação articulatória das consoantes



*Marli Hermenegilda Pereira
Ricardo Stavola Cavaliere*

Meta da aula

Conhecer a classificação articulatória das consoantes do português.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. classificar os sons consonantais com base na fonética articulatória;
2. conhecer a tabela fonética articulatória.

Introdução

Como vimos na aula anterior (Aula 2), há diversos enfoques adotados pela fonética para estudar os sons linguísticos, no entanto, nos interessa aqui a classificação articulatória das consoantes da língua portuguesa. Para entender esta aula, é importante que você revise a constituição do aparelho fonador, pois toda classificação das consoantes exige o domínio de uma linguagem técnica relacionada aos órgãos que compõem esse aparelho.

A classificação dos sons linguísticos permite sua identificação científica e sua referência em textos acadêmicos, uma conduta indispensável para quem se dedica ao estudo da fonética. Com o domínio da classificação dos sons, evitaremos, a partir de agora, o indesejável hábito de denominá-los com o nome das letras que os representam na língua escrita.

Podemos dividir as unidades sonoras em três categorias: consoantes, vogais e semivogais. Essas duas últimas denominam-se sons livres porque se articulam sem obstrução da corrente de ar, seja pela cavidade bucal, seja pelas fossas nasais. Já as consoantes são sons obstruídos, pois sua articulação implica uma obstrução total ou parcial da corrente de ar que flui pela cavidade bucal. Devido a sua maior complexidade, cuidaremos especificamente, a seguir, da classificação das consoantes, isto é, dos sons total ou parcialmente obstruídos.

Classificação articulatória das consoantes

Para classificar, articulatoriamente, as consoantes, geralmente, utilizamos três critérios: lugar ou ponto de articulação, modo de articulação e grau de vozeamento. Vejamos inicialmente como se comportam os sons linguísticos quanto ao modo de articulação.

Modo de articulação das consoantes

A classificação do modo de articulação das consoantes está relacionada à trajetória da corrente de ar egressiva, ou seja, aquela que sai da boca. Nesse trajeto, a corrente de ar pode sofrer uma obstrução total ou parcial à sua passagem, provocada pelo encontro ou pela aproximação dos órgãos articuladores. De acordo com o grau e a forma de obstrução, as consoantes podem ser classificadas em:

Sons oclusivos ou plosivos – Assim se denominam as consoantes articuladas mediante obstrução total da passagem do ar, conforme ocorre com a consoante inicial de *pai*, *tudo*, *cada* etc. No caso de *pai*, a consoante inicial [p] resulta da liberação da corrente de ar que estava totalmente obstruída pelos dois lábios. Em *tudo*, a consoante inicial oclusiva [t] se obtém com a liberação da corrente de ar que estava totalmente obstruída pela língua em contato com os alvéolos, por isso o som [t] também é chamado de alveolar (muitos falantes usam como articulador passivo a arcada dentária superior em vez dos alvéolos). Já em *cada*, a consoante oclusiva inicial [k] resulta da liberação da corrente de ar que havia sido totalmente obstruída pelo dorso da língua em contato com o véu palatino, levando a uma pronúncia velar dessa consoante.

Sons fricativos – Em outra modalidade de produção dos sons linguísticos, temos as consoantes fricativas, assim denominadas devido a um estreitamento da passagem do ar, provocado pela aproximação do articulador ativo a um articulador passivo, de que resulta, em geral, um ruído assemelhado ao da fricção. Note, por exemplo, o efeito sonoro das consoantes iniciais em *seda*, *vela*, *janela* etc.

Sons laterais – Algumas consoantes articulam-se mediante obstrução da passagem do ar pelo eixo central da boca, mas permitem que essa corrente de ar flua pelas paredes internas da cavidade bucal, ou seja, pela parte lateral. É o caso da consoante inicial de *lata* e do som representado pelo dígrafo (duas letras que representam apenas um som) *lh* em *lhe*. Trata-se, portanto, de sons parcialmente obstruídos denominados laterais.

Sons africados – Uma modalidade mais complexa de articulação sonora resulta nos chamados sons africados, compostos de uma breve oclusão seguida de fricção. Em muitas regiões do Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, é comum ouvirmos uma consoante africada antes da vogal *i* em palavras como *tipo* e *digo*. Em áreas interioranas, uma africada pode preceder a vogal *u* em palavras como *tudo*: “tchudu”.

Sons nasais – Uma consoante nasal é produzida mediante fluxo da corrente de ar que sai simultaneamente pela boca e pelas fossas nasais. É o abaixamento do véu palatino que permite a distribuição da corrente de ar pelos dois órgãos. Os articuladores produzem uma obstrução total da passagem da corrente de ar pela boca. Em palavras como *mãe* e *não*, a consoante inicial é nasal. Na produção do [m], os articuladores que provocam a barreira são os dois lábios e na articulação do [n] a obstrução é ocasionada pelo toque da ponta da língua nos alvéolos ou nos dentes

superiores. Outro som nasal é a consoante representada pelo dígrafo *nh*, como em *linha*. As consoantes nasais são parecidas com as oclusivas, diferenciando-se apenas quanto ao abaixamento do véu palatino e a consequente liberação da corrente de ar pelas fossas nasais.



Denominamos *orais* os sons produzidos mediante fluxo da corrente de ar pela cavidade bucal. Assim, excetuando as consoantes nasais e as vogais nasais, todos os outros sons do português são orais.

Sons vibrantes – Há casos de sons linguísticos articulados mediante uma série de rápidos toques da língua e um articulador passivo, que pode ser o véu palatino ou os alvéolos. Trata-se de uma sequência de brevíssimas obstruções, cujo efeito geral é semelhante ao de um *reco-reco*, razão por que são denominados vibrantes. A palavra *rato*, por exemplo, pronunciada por um gaúcho do interior, apresenta uma consoante inicial vibrante. Convém não confundir sons vibrantes com outros que a literatura fonética contemporânea denomina róticos, devido ao fato de serem representados graficamente pela letra *r* – o termo *rótico* é uma referência à letra ρ (*rô*) do grego. A confusão ocorre porque a letra *r* pode representar tanto consoantes vibrantes quanto consoantes de outra natureza articulatória, conforme percebemos no final do verbo *cantar*: se pronunciada por um gaúcho, a consoante representada pela letra *r* será vibrante, mas se pronunciada por um carioca será fricativa. Nesse caso, dizemos que a consoante é um rótico vibrante na pronúncia sulista e um rótico fricativo na pronúncia carioca.

Tepe – O tepe também é um tipo de consoante vibrante, pois é articulado mediante rápida oclusão provocada pelo toque do ápice (ou ponta) da língua nos alvéolos superiores. Por ser representado graficamente pela letra *r*, o tepe inclui-se no grupo dos róticos. Na tradição gramatical, o tepe é comumente denominado “vibrante simples”. Do ponto de vista fonológico, o tepe tem a característica de sempre posicionar-se, na cadeia fônica da palavra, entre duas vogais como, no exemplo, *aro*, ou como segunda consoante de um grupo consonantal, *braço*, por exemplo.

Coda silábica

Consoante ou grupo de consoantes que se situam após o núcleo vocálico da sílaba. Assim, dizemos que na palavra *mar* a consoante representada pela letra *r* está em posição de coda silábica.

Sons retroflexos – Incluídos entre os sons linguísticos dotados de obstrução parcial, os retroflexos são assim denominados por se articularem mediante flexão da língua para trás, em direção ao véu palatino. O som retroflexo, no português do Brasil, também é mais um caso de rótico, representado pela letra *r*, e ocorre em **coda silábica** como nas palavras *porta*, *cor*. Ocorre no dialeto “caipira” e costuma ser produzido por falantes do interior de São Paulo.

A classificação dos sons linguísticos até aqui exposta, como dissemos, leva em conta o modo de articulação. Dois outros fatores completam a classificação: o ponto ou lugar da articulação na cavidade bucal e a presença ou ausência do traço de sonoridade. Vejamos, a seguir, esses casos.

Classificação das consoantes quanto ao ponto ou lugar de articulação

Como vimos na descrição do aparelho fonador, na articulação dos sons consonantais estão envolvidos dois articuladores: um ativo e outro passivo. Para efeitos de classificação, geralmente, se usa o nome dos articuladores passivos. Vejamos cada ponto:

Sons bilabiais – Assim denominamos os sons articulados mediante aproximação do lábio inferior ao lábio superior. Consoantes como a inicial das palavras *pai*, *beijo* e *mãe* têm articulação bilabial.

Sons labiodentais – Em certas consoantes, a articulação se processa aproximando-se a parte interna do lábio inferior da arcada dentária superior. Dizemos, então, que se trata de um som labiodental, como o que se pronuncia no início das palavras *faca* e *vida*. Não é incomum que alguns falantes do português articulem as consoantes labiodentais como bilabiais, sobretudo quando precedem as vogais ditas **arredondadas**, como em *vulto*, *voo*, *fuga* etc.

Sons alveolares – São denominados sons alveolares os que são produzidos mediante toque ou aproximação da língua na região dos alvéolos, como ocorre no início de *tapa*, *dedo*, *seda*, *zebra* etc. Observe que em *tapa* e *dedo* as consoantes iniciais são oclusivas quanto ao modo de articulação, e alveolares quanto ao ponto de articulação; já em *seda* e *zebra*, as consoantes iniciais são fricativas alveolares. Muitos falantes articulam as oclusivas alveolares na região da arcada dentária, razão por que, nesse caso, manifestam-se como linguodentais.

Vogais arredondadas

Vogais que se articulam mediante arredondamento dos lábios.



Dependendo da articulação de cada falante, as consoantes /t/ e /d/ podem ser linguodentais ou alveolares.

Sons alveopalatais – São os sons produzidos na região limiar entre os alvéolos e o palato duro. Pronuncie as palavras *chave* e *jarra* e observe que, na sílaba inicial, a parte medial da língua se aproxima da região alveopalatal.

Sons palatais – Palatais são os sons linguísticos articulados na região do palato duro. A parte medial da língua toma um formato encurvado e se aproxima do palato duro, também conhecido como “céu da boca”. Exemplos de sons palatais, no português, são os sons correspondentes aos dígrafos *lh* e *nh*.

Sons velares – Denominamos velares os sons que são articulados na região do véu palatino. Esse é o caso da consoante oclusiva que está no início da palavra *casa*, ou da que está no início da palavra *gula*. Observe que, ao pronunciarmos a sílaba inicial dessas palavras, o dorso da língua se eleva e toca o véu palatino. Há casos de sons velares que alguns foneticistas interpretam como uvulares, ou seja, produzidos na região da úvula. É o caso do rótico /R/, conhecido como “erre forte”, típico do interior sulista em palavras com *rua*, *rio* etc.

Sons vozeados e desvozeados

Quando articulamos o som linguístico em conjunto com a vibração das cordas vocais, dizemos que o som é vozeado (sonoro); se a articulação implica as cordas vocais afastadas, portanto sem vibração, dizemos que o som é desvozeado (surdo). Não é tarefa fácil perceber o vozeamento de consoantes, tarefa que requer bastante experiência nos estudos fonéticos. Uma boa técnica é a de tentar imitar o rosnado de um cão com a boca fechada (a corrente de ar sairá pelas fossas nasais). O ruído resultante é o do vozeamento. Você pode observar, na **Figura 3.1**, a posição das cordas vocais afastadas (à sua esquerda) e aproximadas (à sua direita). No primeiro caso, temos a produção de um som desvozeado (ou surdo) e no segundo, um som vozeado ou sonoro.

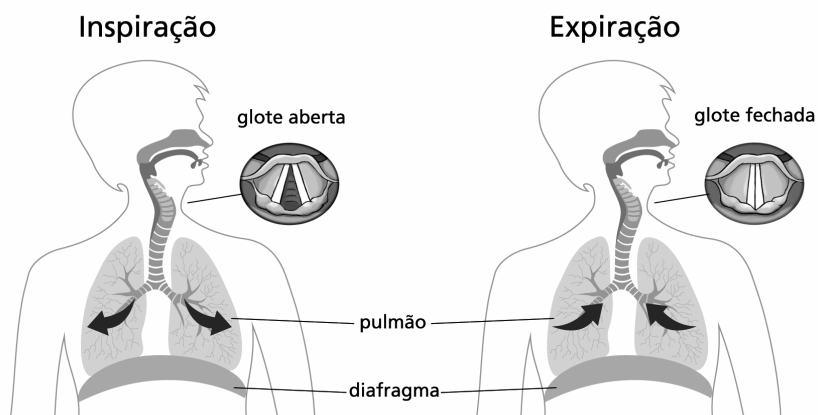


Figura 3.1: Posição das cordas vocais.



Um exercício que você pode fazer para perceber a diferença entre um som vozeado e um desvozeado é colocar a palma da mão na sua garganta, na região conhecida como pomo de adão, e pronunciar de maneira contínua o som correspondente à letra *f* (somente o som da consoante) e depois pronunciar continuamente o som correspondente à letra *v* (também pronuncie somente o som da consoante), depois faça a alternância dos dois sons. O que você percebeu? Na produção da consoante fricativa [f] não ocorre vibração das cordas vocais, portanto, essa é uma consoante desvozeada ou surda, diferentemente da fricativa [v] em que ocorre a vibração, porque é um som vozeado ou sonoro.

Agora que você já conheceu os parâmetros para classificação das consoantes, veja a notação dos segmentos consonantais:

modo de articulação + lugar ou ponto de articulação + grau de vozeamento

Exemplos:

[t] Consoante oclusiva, alveolar (ou dental), desvozeada

[d] Consoante oclusiva, alveolar (ou dental), vozeada

Cabem, por fim, duas observações:

1. A nomenclatura fonética é muito variada, sobretudo em face das teorias distintas com que se descreve o fato linguístico, razão por que muitos termos classificatórios que não foram aqui citados podem ser encontrados em textos especializados. Assim, denominações como consoante líquida, consoante molhada, consoante aproximante, consoante apical, entre outras, podem fortuitamente aparecer em leituras complementares. Caso (tais) esses termos apareçam, uma consulta aos dicionários de terminologia linguística é recomendada.
2. Existe diferença entre a pronúncia (forma oral) das palavras e sua forma escrita, conforme mostram os exemplos:
 - c) letras que não correspondem a nenhum som: *hoje*, *homem*;
 - d) sons que não são representados por nenhuma letra: *advogado* (*adivogadu*);
 - e) uma letra correspondendo a vários sons: letra *e* nas seguintes palavras - *dente* (*děnti*); *ela* (*éla*) e *ele* (*éli*); letra *o* nas seguintes palavras - *bolo* (*bôlu*); *bola* (*bóla*) e *bonde* (*bõndi*); letra *s* nas seguintes palavras - *sapo* (*sapu*), *casa* (*caza*);
 - f) um som representado por várias letras: o som [ʃ] cuja pronúncia é (chê) pode ser representado pelas letras *ch*, *x*, *z* e *s*. Exemplos: *chuva*, *xadrez*, *paz* (na pronúncia chiada do carioca) e *pasta* (também na pronúncia chiada do carioca).

Tabela fonética consonantal

Após essa explanação detalhada da produção articulatória das consoantes, apresentamos uma tabela com os segmentos consonantais do português falado no Brasil. Vale ressaltar que essa tabela é uma adaptação da apresentada por Thaís Cristófaró Silva (2003, p. 7):

Tabela 3.1: Tabela fonética consonantal

			Pontos de articulação						
			Bilabial	Labiodental	Dental ou alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Uvular
Modos de articulação	Oclusiva	desv.	p		t			k	
		voz.	b		d			g	
	Africada	desv.				tʃ			
		voz.				dʒ			
	Fricativa	desv.		f	s	ʃ		x	χ
		voz.		v	z	ʒ		ɣ	ʁ
	Nasal	voz.	m		n		ɲ		
	Tepe	voz.			r				
	Vibrante	voz.			r				
	Retroflexa	voz.			ɻ				
	Lateral	voz.			l		ʎ		

A coluna da esquerda apresenta o modo de articulação, como já explicado anteriormente. Na parte superior, aparece o ponto de articulação. É importante observar que, além desses critérios, há também a distinção desvozeado e vozeado; se houver apenas um símbolo, é porque o som é vozeado.

O quadro a seguir lista exemplos de palavras que ilustram cada um dos segmentos consonantais apresentados anteriormente. No exemplo ortográfico, a letra em **negrito** corresponde à consoante cujo símbolo fonético é apresentado na primeira coluna. A segunda coluna apresenta a nomenclatura utilizada para classificar as consoantes.

Quadro 3.1: Lista de símbolos fonéticos usados para representar as consoantes

Símbolo fonético	Classificação das consoantes	Exemplos ortográficos
[p]	Consoante oclusiva bilabial desvozeada	p ato; a p to
[b]	Consoante oclusiva bilabial vozeada	b ato; abraço
[t]	Consoante oclusiva dental ou alveolar desvozeada	a t raso; to c a

[d]	Consoante oclusiva dental ou alveolar vozeada	dúvida; dar
[k]	Consoante oclusiva velar desvozeada	cabelo; queijo
[g]	Consoante oclusiva velar vozeada	globo; gota; guerra
[tʃ]	Consoante africada alveopalatal desvozeada	tia, atitude, tesoura (pronúncia do dialeto carioca quando “t” ocorre diante do som da vogal “i”)
[dʒ]	Consoante africada alveopalatal vozeada	dia, adiar, dezoito (pronúncia do dialeto carioca quando “d” ocorre diante do som da vogal “i”)
[f]	Consoante fricativa labiodental desvozeada	foguete; afiar
[v]	Consoante fricativa labiodental vozeada	vozes; trovão
[s]	Consoante fricativa dental ou alveolar desvozeada	sapo; assado; calça
[z]	Consoante fricativa dental ou alveolar vozeada	zebra; casa; exato
[ʃ]	Consoante fricativa alveopalatal desvozeada	chuva; xícara; faz; atrás (no dialeto carioca, quando as consoantes fricativas ocorrem em final de sílaba, elas apresentam um “som chiado” representado pela fricativa alveopalatal)
[ʒ]	Consoante fricativa alveopalatal vozeada	gelo, girafa, janela
[x]	Consoante fricativa velar desvozeada	rua; carro; mar (pronúncia carioca)
[χ]	Consoante fricativa velar vozeada	carga; corvo (pronúncia carioca)
[χ]	Consoante fricativa uvular desvozeada	rua; carro; mar (pronúncia gaúcha)
[ʁ]	Consoante fricativa uvular vozeada	carga; corvo (pronúncia gaúcha)
[m]	Consoante nasal bilabial vozeada	mel; trama
[n]	Consoante nasal dental ou alveolar vozeada	nariz; menina
[ɲ]	Consoante nasal palatal vozeada	ninho; tinha
[r]	Tepe dental ou alveolar vozeada	aro; cravo (pronúncia na maioria dos dialetos brasileiros)
[r]	Vibrante dental ou alveolar vozeada	aro; cravo (pronúncia gaúcha)
[ɹ]	Consoante retroflexa dental ou alveolar vozeada	carga; mar (conhecido como “r” caipira, falado, principalmente, no interior de São Paulo)
[l]	Consoante lateral dental ou alveolar vozeada	lado; atlas
[ʎ]	Consoante lateral palatal vozeada	palha; telha



No *link* a seguir, há um recurso em que você pode clicar no símbolo e ouvir o som correspondente: http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php.



Os símbolos usados na **Tabela 3.1** foram extraídos da tabela da Associação Internacional de Fonética. Eles compõem o *International Phonetic Alphabet* (IPA) ou Alfabeto Fonético Internacional (AFI) e são usados por linguistas, fonaudiólogos, tradutores, professores, estudantes de Letras etc. As fontes desse alfabeto podem ser obtidas, gratuitamente, pela internet no seguinte endereço: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/FonteSILDoulos>.

Atividade 1

Atende ao Objetivo 1

Pronuncie cada palavra a seguir e indique as que iniciam com som oclusivo e as que iniciam com som fricativo:

- a) casa - _____
- b) sapo - _____
- c) barca - _____
- d) peito - _____

e) chuva - _____

f) faca - _____

g) zebra - _____

h) toque- _____

i) queda - _____

Resposta Comentada

Para responder a essa questão, você deve perceber a diferença de produção de um som oclusivo e de um som fricativo. Na realização de um som oclusivo, a corrente de ar encontra uma barreira total à sua passagem, provocada pelo encontro dos dois articuladores, e quando é liberada lembra o barulho de uma explosão. Os itens *a*, *c*, *d*, *h* e *i* apresentam palavras que começam com um som oclusivo. Na produção dos sons fricativos, a corrente de ar encontra uma obstrução parcial, provocada pela aproximação dos dois órgãos articuladores, e produz um som que remete a uma fricção. Os itens *b*, *e*, *f* e *g* apresentam palavras iniciadas com um som fricativo.

Atividade 2

Atende ao Objetivo 1

Correlacione as colunas de acordo com o tipo de som linguístico representado pela letra em negrito:

a) oclusivo (1); fricativo (2); lateral (3); vibrante (4); tepe (5)

() tempo

() carro

() fuga

() ira

() risca

() seiva

() aro

() palha

b) bilabial (1); labiodental (2); alveolar ou dental (3); palatal (4); velar (5)

() luta

() figo

() regra

() neto

() prática

() costa

() olho

() lado

Resposta Comentada

Essa atividade ajudará você a identificar o modo de articulação (letra a) e o ponto de articulação (letra b) das consoantes do português: a) (1) (1) (2 e 4) (5) (4 e 2) (5) (2) e (3); b) (3) (5) (1) (4) (2) (3) (5) e (3). Você deve ter observado que a letra *r* da palavra *risco* e o dígrafo *rr* da palavra *carro* podem corresponder a duas classificações (fricativo e vibrante). Isso irá depender da região em que o falante mora. Se ele for carioca, provavelmente, irá realizar uma consoante fricativa, no entanto, se ele for gaúcho, o mais comum é que ele produza uma consoante vibrante nesse contexto.

Atividade 3

Atende ao Objetivo 2

Dê a classificação fonética dos fones (sons) representados pelos seguintes símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA):

Exemplo: [b] - consoante oclusiva bilabial vozeada

[ʃ] _____

[k] _____

[l] _____

[ɸ] _____

[f] _____

[ɲ] _____

[r] _____

Resposta Comentada

Essa atividade irá auxiliá-lo a fixar a notação dos segmentos consonantais: modo de articulação + lugar ou ponto de articulação + grau de vozeamento. O ideal é tentar fazê-la sem a consulta à tabela fonética.

[ʃ] consoante fricativa alveopalatal desvozeada.

[k] consoante oclusiva velar desvozeada.

[l] consoante lateral alveolar vozeada.

[ʁ] consoante fricativa uvular vozeada.

[f] consoante fricativa labiodental desvozeada.

[ɲ] consoante nasal palatal vozeada.

[r] consoante vibrante simples alveolar vozeada ou tepe.

=====

===== **Atividade 4** =====**Atende aos Objetivos 1 e 2**

1. Dê o símbolo (do IPA) correspondente às conjugações de traços a seguir e exemplo de sua ocorrência em uma palavra. Exemplo: Consoante oclusiva velar desvozeada = [k] casa.

Consoante oclusiva velar vozeada =

Consoante fricativa alveopalatal desvozeada =

Consoante fricativa alveopalatal vozeada =

Consoante nasal alveolar vozeada =

Consoante vibrante simples alveolar vozeada ou tepe =

2. Complete as frases:

- a) A depender da posição das cordas vocais, os sons se distinguem em _____ e _____.
- b) Quando o véu palatino está abaixado, produzimos sons _____; quando ele está levantado produzimos sons _____.
- c) Os órgãos articuladores podem ser de dois tipos: articuladores _____ e articuladores _____.

Respostas Comentadas

1. Essa atividade é muito útil para que você comece a fazer uma associação entre letra/som:

Consoante oclusiva velar vozeada = [g] **agulha**.

Consoante fricativa alveopalatal desvozeada = [ç] **chave, xícara**.

Consoante fricativa alveopalatal vozeada = [ʒ] **ajuda, gelo**.

Consoante nasal alveolar vozeada = [n] **nada**.

Consoante vibrante simples alveolar vozeada ou tepe = [r] **arado**.

Como já foi dito na observação 2, no final da seção “Sons vozeados e desvozeados”, não há uma relação biunívoca entre letra/som. Às vezes, uma mesma letra (*grafema*) pode corresponder a mais de um som (*fonema*), como é o caso das letras *g* e *x*. A letra *g* pode representar tanto a oclusiva velar vozeada [g], como em **gato**, quanto a fricativa alveopalatal vozeada [ʒ], como em **gelo**. Para você saber a que som se refere cada letra, precisa sempre levar em conta a pronúncia e não apenas a escrita. Na grafia, a letra *g*, quando está diante das vogais *a*, *o* e *u* e das consoantes *r*, *l*, sempre representará o som de uma consoante oclusiva [g]: **garota, gota, gola, gula, grito, globo**. Quando a letra *g* vier diante das vogais *e* e *i*, sempre corresponderá ao som de uma consoante fricativa alveopalatal [ʒ]: **girafa, gilete, gente**. Em relação à letra *x*, a diversidade de representação de sons é bem maior. Essa letra pode representar os seguintes sons: [z] **exato**; [s] **sexta** e [ç] **xícara**. Como se vê, nesta disciplina, o essencial é prestar atenção ao som das palavras e não se guiar apenas pelas letras.

2. a) Vozeados, desvozeados.
 b) nasais, orais;
 c) ativos, passivos.

Conclusão

Nesta aula, estudamos a classificação articulatória das consoantes e conhecemos os símbolos fonéticos correspondentes a cada uma. Vimos, também, a importância de se distinguir letra/som porque, nem sempre, há uma correspondência direta entre esses dois elementos. A classificação dos sons linguísticos é essencial no estudo da fonologia e da fonética, pois atua como conhecimento acessório que nos possibilita fazer referências aos sons discriminando-os uns dos outros.

Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

Identifique o traço articulatório comum (modo de articulação, ponto de articulação ou grau de vozeamento) aos conjuntos de sons:

[p, b, t, d, k, g] _____

[t, n, s, l] _____

[k, g, χ, ʁ] _____

[b, v, m, ŋ] _____

Resposta Comentada

Neste exercício, você verá que os sons compartilham alguns traços articulatórios, o que faz com que eles formem classes naturais de sons:

[p, b, t, d, k, g] todas são oclusivas;

[t, n, s, l] todas são alveolares ou dentais;

[k, g, x, ɣ] todas são velares;

[b, v, m, ŋ] todas são vozeadas.

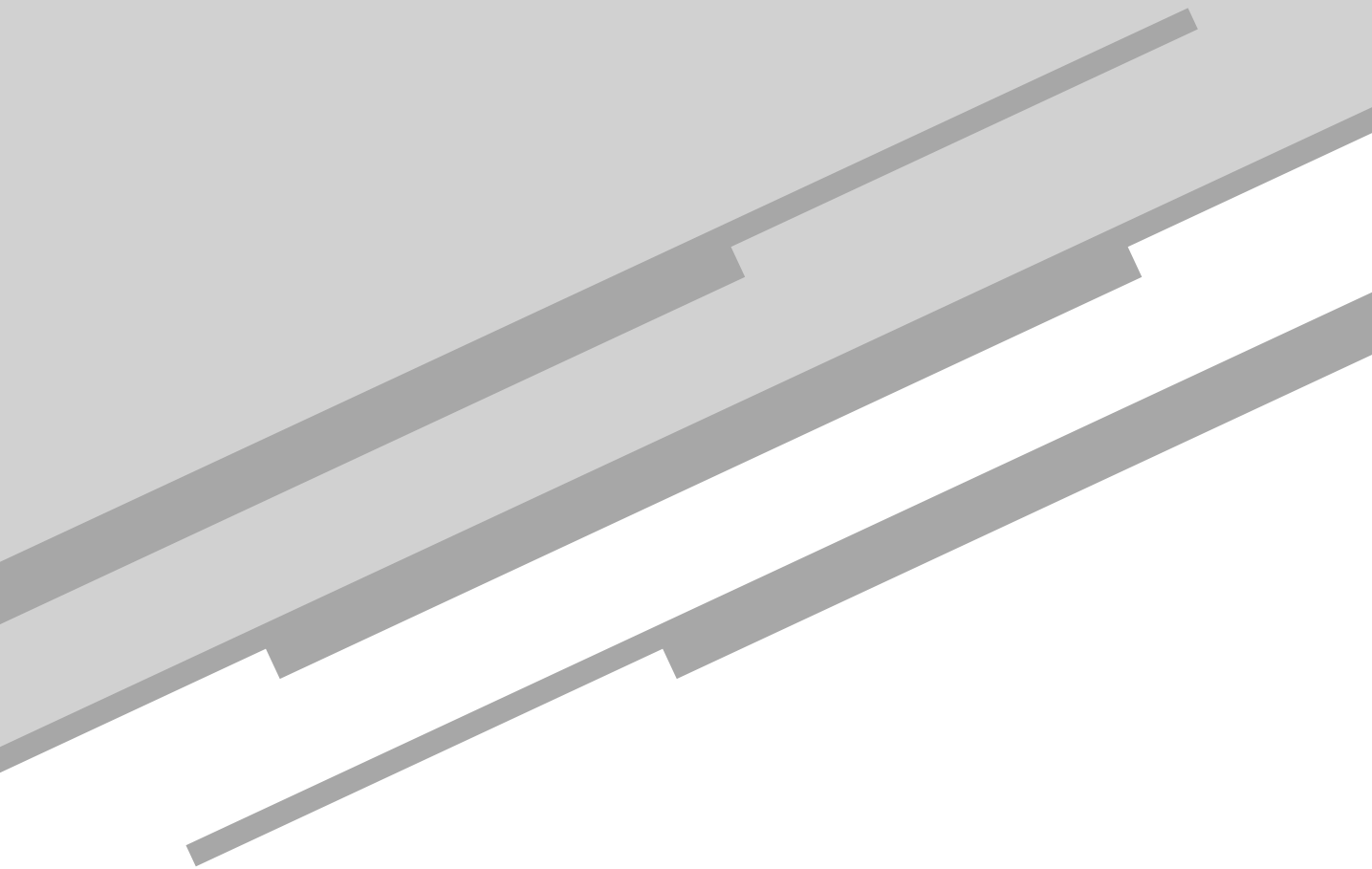
Resumo

Nesta aula, vimos que a classificação articulatória das consoantes envolve três critérios:

1. modo de articulação – refere-se ao tipo de obstrução (total ou parcial) que a corrente de ar sofre durante sua passagem em direção à boca. Os modos de articulação são: oclusivas, fricativas, africadas, laterais, nasais, vibrantes, retroflexas e tepe;
2. ponto ou lugar de articulação – é a região onde o som é articulado. Quando as consoantes são produzidas, dois órgãos articuladores estão envolvidos. Um ativo, dotado de movimento, e o outro, passivo. Os órgãos articuladores são: língua, lábio inferior, véu palatino (ativos) e lábio superior, dentes incisivos superiores, alvéolos, palato duro, véu palatino e a úvula (passivos). Os pontos de articulação das consoantes são: bilabiais, labiodentais, dentais ou alveolares, alveopalatais, palatais, velares e uvulares;
3. grau de vozeamento – as consoantes podem ser vozeadas (sonoras) quando a corrente de ar passa pelas cordas vocais fechadas e provoca uma vibração; no entanto, se as cordas vocais estiverem abertas, a corrente de ar passará livremente sem provocar vibração. Nesse caso, as consoantes são denominadas desvozeadas (surdas).

Aula 4

Classificação articulatória das vogais



Marli Hermenegilda Pereira

Meta da aula

Conhecer a classificação articulatória das vogais do português.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. classificar os sons vocálicos com base na fonética articulatória;
2. conhecer os símbolos fonéticos das vogais do português.

Introdução

Como vimos na aula anterior (Aula 3), as unidades sonoras podem ser classificadas, do ponto de vista articulatorio, em três categorias: consoantes, vogais e semivogais. Vimos que as consoantes são produzidas com uma obstrução total ou parcial da corrente de ar que passa pela boca. No entanto, o mesmo não ocorre com as vogais e as semivogais. Sua articulação não provoca nenhum impedimento da passagem da corrente de ar, ou seja, ela sai livremente pela boca. Em virtude disso, os parâmetros articulatorios para classificar esses sons são diferentes dos critérios usados para distinguir as diversas consoantes. Nesta aula, conheceremos esses parâmetros e os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional (referenciado pela sigla AFI) – *International Phonetic Alphabet* (IPA) usados para representar as vogais do português.

Classificação articulatória das vogais

A língua e os lábios são os principais órgãos do aparelho fonador envolvidos na produção dos sons vocálicos. Para classificar articulatoriamente as vogais, utilizamos três critérios: posição da língua em termos de altura, posição da língua em função de sua anterioridade/posterioridade e arredondamento ou não dos lábios. Vejamos inicialmente como se comportam as vogais quanto à altura da língua.



As vogais são produzidas com a vibração das cordas vocais, portanto, são sons sonoros ou vozeados.

Altura da língua

A classificação da altura da língua está relacionada à dimensão vertical ocupada por esse órgão dentro da cavidade bucal. Há um ponto baixo, quando a língua está em repouso, em oposição a um ponto alto (a região palatal ou o céu da boca) e pode haver pontos intermediários. De

acordo com a altura da língua, as vogais do português podem ter quatro níveis: vogal baixa, vogal média-baixa, vogal média-alta e vogal alta.

Vogal baixa – Assim se denomina a vogal produzida com a língua em situação de repouso. Pronuncie a vogal *a* diante de um espelho e observe a posição de sua língua. O que você reparou? Isso mesmo, a língua fica abaixada, porque essa vogal é baixa. Palavras como *ar*, *pá*, *mar* apresentam a vogal baixa *a* em sua constituição.

Vogais médias – Como o próprio nome já demonstra, a altura da língua, na produção das vogais médias, apresenta um nível de elevação intermediário: a língua nem está em situação de repouso, nem está próxima do palato. Como já vimos, as vogais médias podem ser classificadas como média-baixa ou média-alta. Para observar a realização dessas vogais, pronuncie as vogais *é* e *ó* e você observará uma ligeira elevação da língua. Vogais desse tipo são médias-baixas. Palavras como *fé* e *dó* apresentam vogais dessa natureza. No entanto, se você produzir as vogais *ê* e *ô*, vai notar que sua língua se eleva um pouco mais. Por isso, esses sons recebem o nome de vogais médias-altas. Exemplos de ocorrência dessas vogais são: *ver* e *por*.

Vogais altas – Essas vogais são produzidas com o nível máximo de elevação da língua, ou seja, a língua fica próxima à região palatal. Para perceber a realização desses sons vocálicos, produza as vogais *i* e *u*. O que você notou? Sua língua quase toca o palato, não é mesmo? Por isso, essas vogais são denominadas altas. As palavras *vi* e *tu* apresentam esses sons vocálicos.

A classificação dos sons vocálicos até aqui exposta, como dissemos, leva em conta a altura da língua em sua posição vertical. Vejamos, a seguir, a classificação das vogais a partir do parâmetro referente à posição do corpo da língua na dimensão horizontal.

Classificação das vogais quanto à anterioridade/posterioridade da língua

Simultaneamente à elevação da língua em direção ao palato, ocorre o seu avanço/recuo na posição horizontal. Vogais produzidas com a língua avançada em direção aos lábios são chamadas de vogais anteriores. Em português, as vogais *é*, *ê* e *i* são classificadas como vogais anteriores. No entanto, quando a língua está recuada, produzimos as vogais posteriores *ó*, *ô* e *u*. Você deve ter notado que a vogal *a* não foi incluída em

nenhuma dessas duas classificações. Isso porque ela é uma vogal central, ou seja, a língua não se encontra nem na posição avançada nem na posição recuada. Por fim, apresentaremos o último critério utilizado para classificar as vogais do português: o arredondamento ou não dos lábios.



Alguns manuais referem-se à altura das vogais em termos de abertura/fechamento da boca e utilizam a seguinte classificação: aberta (baixa), meio-aberta (média-baixa), meio-fechada (média-alta) e fechada (alta).

Arredondamento dos lábios

Diferentemente do critério anterior, perceber o arredondamento ou não dos lábios no momento em que produzimos uma vogal é bem mais fácil. Produza, em sequência, as vogais *ó*, *ô* e *u*. O que você percebe? Seus lábios se iniciam com um ligeiro arredondamento até chegar ao grau máximo. Essas vogais são denominadas arredondadas. Agora produza as vogais *a*, *é*, *ê* e *i* em sequência. O que você notou? Isso mesmo, seus lábios ficaram estendidos ou distensos. Assim, essas vogais são não-arredondadas.

Agora que você já conheceu os parâmetros para classificação das vogais, veja a notação dos segmentos vocálicos:

altura da língua + anterioridade/posterioridade + arredondamento dos lábios

Exemplo: vogal *a* - vogal baixa central não-arredondada.

Agora que você já conhece a classificação das vogais, experimente produzir as vogais pausadamente e observe como sua cavidade oral vai se modificando em cada uma. Por exemplo, pronuncie, em sequência, as vogais *i* e *a*. O que você observa? A posição da língua encontra-se mais alta durante a produção da vogal *i* (vogal alta) e fica em repouso na vogal *a* (vogal baixa). Pronuncie em sequência as vogais *i* e *u*. O que você nota? A língua encontra-se elevada durante a produção das duas, mas percebe-se que, na realização da vogal *i*, o corpo da língua fica mais

avancado (vogal anterior) e os lábios ficam distendidos (vogal não-arredondada), e na produção da vogal *u* o corpo da língua fica mais recuado (vogal posterior) e os lábios ficam arredondados (vogal arredondada). Agora, experimente pronunciar as vogais *é*, *ê*. O que acontece com a língua? A posição da língua é intermediária e sofre uma ligeira elevação na produção da vogal *ê* (vogal média-alta) em relação à vogal *é* (vogal média-baixa). Observa-se também que na realização das duas a língua avança em direção aos lábios (vogais anteriores) e quanto aos lábios, ficam distendidos (vogais não-arredondadas). Por fim, produza as vogais *ó* e *ô*. O que você percebe? A língua também fica numa posição intermediária com uma ligeira elevação na produção de *ô* (vogal média-alta) em relação à vogal *ó* (vogal média-baixa). Há também um recuo da língua, porque, como já foi visto, essas vogais são posteriores e os lábios sofrem um arredondamento, já que *ó* e *ô* são vogais arredondadas.



A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) classifica as vogais de acordo com quatro critérios: zona de articulação (central, anteriores e posteriores); intensidade (tônicas e átonas); timbre (abertas, fechadas e reduzidas) e papel da cavidade bucal (orais e nasais).

Atividade 1

Atende ao Objetivo 1

1. Pronuncie cada palavra e indique as que iniciam com uma vogal alta e as que iniciam com uma vogal baixa:

- | | | |
|----------------|-----------------|-----------------|
| a) asa _____ | d) ilha _____ | g) urso _____ |
| b) úvula _____ | e) árvore _____ | h) Itália _____ |
| c) arca _____ | f) usina _____ | i) avião _____ |

2. Correlacione as colunas de acordo com o tipo de som linguístico representado pela letra em negrito:

a) vogal média-baixa (1); vogal média-alta (2)

- | | |
|-----------|----------|
| () ovo | () céu |
| () ela | () meu |
| () ele | () vovô |
| () ideia | () avó |

b) vogal arredondada (1); vogal não-arredondada (2)

- | | |
|-------------|-----------|
| () luta | () figo |
| () regra | () neto |
| () prática | () gosto |
| () olho | () beber |

c) vogal anterior (1); vogal posterior (2); vogal central (3)

- | | |
|--------------|-------------|
| () gás | () vida |
| () elefante | () porta |
| () jogo | () urgente |
| () mel | |

Resposta Comentada

Para classificar as vogais, precisamos levar em conta três critérios: altura da língua, anterioridade/posterioridade e arredondamento ou não dos lábios. No exercício 1, pede-se para distinguir as vogais que são produzidas com a língua em posição de repouso, ou seja, baixa (a vogal *a*), ou com a língua elevada em sua altura máxima, ou seja, alta (vogais *i*, *u*). Nesse caso, as palavras em *a*, *c*, *e* e *i* se iniciam com a vogal baixa *a*; as palavras em *b*, *d*, *f*, *g* e *h* se iniciam com as vogais altas *i* e *u*.

No exercício 2. a), você deve ter percebido que as vogais médias anteriores são representadas, na escrita, pela letra *e* e as vogais médias posteriores são grafadas com a letra *o*. Mais uma vez, deve-se tomar cuidado, porque, como vimos em relação às consoantes, nem sempre há uma relação unívoca entre letra e som. Nesses casos, você precisa se guiar pela pronúncia

e não pela escrita. Assim temos: (2) ovo; (1) ela; (2) ele; (1) ideia; (1) céu; (2) meu; (2) vovô; (1) avó. Em 2. b), temos: (1) luta; (2) regra; (2) prática; (1) olho; (2) figo; (2) neto; (1) gosto; (2) beber. Em 3. c) temos: (3) gás; (1) elefante; (2) jogo; (1) mel; (1) vida; (2) porta ; (2) urgente.

Quadro das vogais

As sete vogais descritas compõem o conjunto das vogais tônicas orais do português. No entanto, como veremos nas aulas posteriores, esse conjunto sofre uma redução quando esses sons vêm em sílabas átonas. O quadro a seguir apresenta as vogais tônicas orais do português.

Quadro 4.1: Quadro das vogais tônicas orais do português

	Anterior não-arredondada	Central não-arredondada	Posterior arredondada
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Você pode observar, no quadro anterior, que a classificação das vogais está constituída segundo o que Trubetzkoy (1939) denominou “sistema vocálico triangular”. Esse sistema se reflete nas línguas do mundo, variando, apenas, a quantidade de vogais. No entanto, as vogais que estão na extremidade [a, i, u] estão presentes em todas as línguas já estudadas.

Como você pode observar, em português, há sete vogais orais. Ex-cetuando, a vogal [a] que fica na parte inferior do vértice do triângulo, as outras vogais são constituídas em pares: vogais médias-baixas [ɛ, ɔ]; vogais médias-altas [e, o] e vogais altas [i, u]. Além disso, é importante notar que todas as vogais anteriores são não-arredondadas e todas as vogais posteriores são arredondadas. Assim, fica mais fácil aprender a classificação das vogais!



As vogais, em português, também podem ser orais ou nasais. Quando o véu palatino (ou palato mole) está elevado, a corrente de ar sai apenas pela boca, produzindo uma vogal oral. Quando ocorre o abaixamento do véu palatino, a corrente de ar se distribui e uma parte sai pela boca e a outra pelas fossas nasais. Nesse caso, temos uma vogal nasal.

O quadro a seguir lista exemplos de palavras que ilustram cada um dos segmentos vocálicos apresentados. No exemplo ortográfico, a letra em **negrito** corresponde ao segmento vocálico cujo símbolo fonético é apresentado na primeira coluna. A segunda coluna apresenta a nomenclatura utilizada para classificar as vogais.

Quadro 4.2: Quadro dos símbolos fonéticos usados para representar as vogais

Símbolo fonético	Classificação das vogais	Exemplos ortográficos
[a]	Vogal baixa central não-arredondada	pato
[ɛ]	Vogal média-baixa anterior não-arredondada	aquela
[e]	Vogal média-alta anterior não-arredondada	telha
[o]	Vogal média-alta posterior arredondada	cor
[ɔ]	Vogal média-baixa posterior arredondada	costa
[i]	Vogal alta anterior não-arredondada	vila
[u]	Vogal alta posterior arredondada	curva



Para ouvir os sons correspondentes às vogais do português, acesse o seguinte endereço: http://www.fonologia.org/fonetica_vogais.php.

Atividade 2

Atende ao Objetivo 2

Dê a classificação fonética dos fones (sons) representados pelos seguintes símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA):

Exemplo: [a] vogal baixa central não-arredondada

- a) [e] _____
- b) [i] _____
- c) [o] _____
- d) [u] _____
- e) [ɛ] _____
- f) [ɔ] _____

Resposta Comentada

Seria interessante que você fizesse esse exercício sem consultar o quadro fonético das vogais para fixar melhor o que você aprendeu. A classificação fica da seguinte forma: a) vogal média-alta anterior não-arredondada; b) vogal alta anterior não-arredondada; c) vogal média-alta posterior arredondada; d) vogal alta posterior arredondada; e) vogal média-baixa anterior não-arredondada e f) vogal média-baixa posterior arredondada.

Conclusão

Nesta aula, estudamos a classificação articulatória das vogais e conhecemos os símbolos fonéticos correspondentes a cada uma. Vimos, também, a importância de se distinguir letra/som porque, nem sempre, há uma correspondência direta entre esses dois elementos. A classificação dos sons linguísticos é essencial no estudo da fonologia e da fonética, pois atua como conhecimento acessório que nos possibilita fazer referências aos sons discriminando-os uns dos outros.

Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

Dê o símbolo (do IPA) correspondente às conjugações de traços a seguir e exemplo de sua ocorrência em uma palavra na posição tônica:

Exemplo: = vogal baixa central não-arredondada [a] pá

- a) vogal alta anterior não-arredondada =
- b) vogal média-baixa anterior não-arredondada =
- c) vogal alta posterior arredondada =
- d) vogal média-baixa posterior arredondada =
- e) vogal média-alta anterior não-arredondada =
- f) vogal média-alta posterior arredondada =

Resposta Comentada

Este exercício é muito interessante, porque trabalha a correspondência entre letra/som. Temos em: a) [i] vida; b) [ɛ] vela; c) [u] curva; d) [ɔ] morta; e) [e] telha; f) [o] repolho.

Resumo

Aprendemos, nesta aula, a classificação das vogais tônicas orais do português. Elas são definidas com base nos parâmetros altura da língua, anterioridade/posterioridade da língua e arredondamento dos lábios. Assim, os fonemas vocálicos tônicos orais são sete: [a, ɛ, e, i, o, ɔ, u].

Aula 5

O fone, o fonema e o alofone

*Marli Hermenegilda Pereira
Mikaela Roberto
Ricardo Stavola Cavaliere*

Meta da aula

Esta aula tem como meta explorar os conceitos de fone, fonema e alofone, essenciais aos estudos da fonologia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. conceituar fone, fonema e alofone;
2. distinguir alofones livres e alofones posicionais.

Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula você precisará ter claras as noções introdutórias exploradas nas aulas anteriores.

Introdução

Você já parou para pensar em como é incrível o fato de conseguirmos identificar diferentes pronúncias e diferentes maneiras de falar, de modo a conseguir, apesar disso, reconhecer as palavras de nossa língua? O que nos leva a isso? Esta aula certamente auxiliará nesse entendimento.

A identificação dos sons linguísticos

Você certamente já percebeu que, ao ouvirmos uma pessoa falar em uma língua estrangeira desconhecida, somos incapazes de identificar os sons que se combinam para formar as palavras e frases, ou seja, o que ouvimos não passa de uma sequência incompreensível, uma sequência de sons indistintos. Por outro lado, ao ouvirmos um falante do português, conseguimos com extrema facilidade distinguir as palavras que compõem a sequência de sons que estruturam as frases. Trata-se de uma identificação tão fácil que sequer nos apercebemos de que estamos decodificando um sistema linguístico no ato de enunciação.

Essa nossa faculdade de identificar os sons da língua que falamos e individualizá-los dentro de cadeias fônicas decorre de nossa **competência linguística**, isto é, o conhecimento que o falante tem sobre o sistema de sua língua e que lhe possibilita usá-lo na construção de frases, para, em última instância, entender e fazer-se entender no ato de enunciação.

As palavras, como vimos, são unidades fônicas ou *cadeias fônicas* que podem decompor-se em unidades menores que o falante da língua consegue identificar em face da competência linguística. Exemplifiquemos: ao ouvir uma palavra como *lata*, o falante ativa uma técnica de análise dos elementos sonoros que a constituem, mediante procedimentos como inversão de sílabas – *lata* é o mesmo que *tala* em sílabas invertidas –, ou comparação entre palavras – *lata* e *luta*, que se distinguem pela troca do *a* pelo *u* –, sem ter clara noção de uma complexa faculdade de que é dotado: a de reconhecer sílabas, fonemas e tantos outros elementos pertinentes para o funcionamento do sistema fonológico de uma língua.

Outra faculdade inerente à competência linguística na área dos estudos sobre os sons da língua diz respeito ao domínio que o falante tem sobre o sistema fonológico de sua língua materna, no sentido de poder reconhecer quais são os sons válidos e os sons inválidos na pronúncia

Competência linguística

Sistema de regras dominado pelo falante que lhe possibilita criar e compreender um número infinito de frases em determinada língua. No âmbito da fonologia, é a competência linguística que confere ao falante um saber sobre as regras de combinação dos sons da língua em unidades maiores, denominadas cadeias fônicas, bem como a capacidade de utilizá-los na criação de cadeias fônicas inéditas.

das palavras. Por exemplo, se perguntamos a um falante do português se a palavra *nosocômio* pertence a sua língua, ele provavelmente dirá que tem dúvida (parece ser uma palavra desconhecida), mas que é bem provável tratar-se de uma palavra portuguesa. No entanto, se lhe perguntarmos se a palavra *shrimp* é portuguesa, ele certamente dirá que esta não é uma palavra do seu idioma.

Ainda que, porventura, não conheça nenhuma dessas duas palavras, o falante do português pôde guiar-se por faculdades que a competência linguística lhe conferiu para identificar palavras de sua língua materna, entre elas o reconhecimento dos padrões silábicos do português e dos fonemas que fazem parte do sistema fonológico dessa língua. Ao responder que *shrimp* não é uma palavra portuguesa, nosso falante certamente terá observado nessa palavra uma combinação de sons que as palavras do português não têm (caso do encontro de uma consoante palatal com um tepe na mesma sílaba). Já em *nosocômio*, a combinação dos sons consonantais e vocálicos em sílabas é típica das regras fonológicas do português, razão por que a competência linguística do falante lhe permitiu a imediata identificação dessa palavra como portuguesa, embora ele possivelmente nunca a tivesse ouvido.

O som linguístico em plano material e em plano abstrato

Uma vez verificado que todos nós, como falantes de uma língua, somos capazes de identificar os sons dessa língua, bem como suas propriedades combinatórias na construção de cadeias fônicas – faculdade que nos é conferida pela competência linguística – cabe agora discutir outro fato referente à variabilidade de pronúncia desses sons.

Na verdade, quando ouvimos as pessoas falarem em português, percebemos que elas apresentam diferenças de pronúncia e de padrão vocal em seu aspecto físico (o aspecto das ondas sonoras que nos chegam ao aparelho auditivo). Assim, um falante cearense, ao pronunciar a palavra *tiro*, deverá fazê-lo com um *t* oclusivo, ao passo que outro, digamos um carioca, poderá fazê-lo com um *t* africado. Quanto à vogal *i*, por exemplo, sua pronúncia pode ser mais centralizada na boca de um carioca ou mais anterior no padrão de um falante paulistano, ou seja, trata-se de um som de pronúncia variável quando dizemos a palavra *tiro*. No entanto, essas diferenças, que qualificamos como físicas ou materiais, não têm qualquer valor funcional, já que as variações de pronúncia da

consoante representada pela letra *t* não implicam alteração ou adulteração da palavra *tiro*. Também as variações de pronúncia da vogal *i* pouco importam para o entendimento dessa palavra.



Os falantes de uma língua pronunciam um mesmo som com *variações físicas ou materiais* que não implicam *valor funcional*.

Fica, assim, uma pergunta: como se explica o fato de certas diferenças físicas, na articulação dos sons linguísticos, não interferirem na nossa identificação dos sons da língua? A resposta está no conceito de *imagem acústica* que nos legou Ferdinand de Saussure (1857-1913). Na verdade, o falante reconhece os sons que compõem uma palavra em face de sua adequação a uma imagem acústica já armazenada no cérebro, fruto de seu saber sobre o sistema fonológico da língua.

É relativamente simples provar esse fato. Quando aprendemos uma língua estrangeira, digamos, o inglês, notamos que vários sons dessa língua se identificam com sons do português, razão por que sua reprodução e reconhecimento constituem tarefa relativamente fácil. Por outro lado, certos sons do inglês, como a consoante inicial da palavra *thing*, não pertencem ao sistema fonológico do português, e, consequentemente, não integram o conjunto de imagens acústicas de que dispomos. O resultado é que, ao ouvirmos esse som específico, nossa dificuldade de reconhecimento é bem maior, na verdade necessitamos de “certo tempo” para identificá-lo como unidade sonora.

Fato interessante, que todo aluno de línguas estrangeiras já experimentou, diz respeito à compreensão do texto oral em filmes ou programas de televisão estrangeiros. Experimente entender o que dizem os atores sem ler as legendas; sua capacidade de entendimento variará de acordo com sua competência linguística, de tal sorte que, se você tiver um conhecimento apenas mediano da língua estrangeira, sua capacidade de entender o que é dito não será muito boa. Mas se você resolver ler as legendas antes de ouvir o falante nativo, aí sua capacidade de entendimento cresce enormemente, mesmo tendo você apenas um conhe-

cimento mediano do idioma em questão. Isto se deve ao fato de que, ao lermos primeiramente as legendas, uma imediata tradução mental nos leva a identificar as palavras da língua estrangeira, cujas imagens acústicas estão armazenadas no nosso cérebro. Assim, quando nosso aparelho auditivo capta os sons pronunciados pelo falante nativo (com as variações físicas típicas desse falante), o reconhecimento das palavras fica muito mais fácil.



Os sons da língua podem ter variantes físicas ou materiais que correspondem a uma única imagem acústica, de caráter abstrato. A imagem acústica é o registro psíquico que fazemos desses sons, o qual nos possibilita identificá-los quando pronunciados pelos falantes da língua.

Conclui-se, pois, que os sons linguísticos têm uma face física ou material, de caráter variável, que se efetiva na pronúncia de cada falante, e uma face abstrata, uma imagem acústica, que está registrada no plano abstrato de nossa mente.

O fonema e o fone

O mais elementar dos conceitos da fonologia é a noção de fonema. Como você já deve saber, nem todo som produzido pelo homem serve para propósitos linguísticos e pode ser utilizado em combinação com outros em uma cadeia sonora significativa. O estalar da língua em situações de contrariedade, pigarros e arrotos, embora possam exprimir algo socialmente (um pigarro pode servir para chamar a atenção de alguém, um arroto pode servir para indicar satisfação em certas culturas), não se combinam com outros sons para gerar palavras. Fonemas têm tal função.

Mas, afinal, o que é um fonema? Pense no que distingue os pares de palavras já explorados nesta aula, ou os diversos pares de palavras a seguir: *bata* e *pata*; *mata* e *nata*, *avô* e *avó*, *tia* e *dia*, *caça* e *casa*. Em todos os casos, temos os chamados pares mínimos, ou seja, pares de palavras em que ape-

nas um elemento sonoro as diferencia. Nesse caso, se pensarmos na realização sonora (não na escrita), esse elemento corresponderá a um fonema.

Nem todos os sons de uma língua apresentam esse caráter distintivo, apenas aqueles que funcionam como fonemas. O par mínimo é um procedimento muito comum para saber se uma determinada unidade sonora é distintiva, ou seja, se possui valor fonêmico ou não numa determinada língua.

Se tomarmos o primeiro par mínimo, *bata* e *pata*, e o analisarmos por um processo chamado **comutação**, veremos que o que muda é /b/ e /p/, certo? Eis o que caracteriza essencialmente um fonema: trata-se de uma unidade formal capaz de distinguir palavras.



Comutação

Câmara Jr. (1989 [1970]) explanou a comutação no âmbito morfológico, já que o processo é bastante útil também na identificação de morfemas da língua por comparação. Ex.: *trabalho* e *trabalha*, em que os morfemas finais *-o* e *-a* distinguem as formas de primeira e terceira pessoas do presente do indicativo do verbo *trabalhar*. Constatado o fato de que cada uma das unidades em questão carrega em si uma informação gramatical (pessoa do discurso), sendo, portanto, significativa, fica evidente tratar-se de diferentes morfemas. Tal evidência se percebe com a simples aplicação do processo de comutação (substituição de uma unidade formal – neste caso um morfema – por outra).

Vejamos o que dizem Dubois et al. (1999) a respeito do fonema:

Fonema é a menor unidade destituída de sentido, passível de delimitação na cadeia da fala. Cada língua apresenta, em seu código, um número limitado e restrito de fonemas (de vinte a cinquenta, conforme a língua) que se combinam sucessivamente, ao longo da cadeia da fala, para constituir os significantes das mensagens, e se opõem, segmentalmente, em diferentes pontos da cadeia da fala, para distinguir as mensagens umas das outras. Sendo esta

sua função essencial, o fonema é seguidamente definido como a unidade distintiva mínima. O caráter fônico do fonema é acidental (L. Hjelmslev propõe o termo *cenema*, “unidade vazia, desprovida de sentido”); não obstante, isto é importante, já que todas as línguas conhecidas são vocais. O fonema é, pois, definido com referência à sua substância sonora, por certas características que se encontram nos diferentes níveis da transmissão da mensagem (nível motor ou genético, nível acústico, nível perceptivo, etc.). (DUBOIS et al., 1999, p. 280, grifos dos autores).

Vamos “traduzir” o que os autores definiram?

“*Fonema* é a menor unidade destituída de sentido”. Isso significa que, se tomarmos um fonema isoladamente, ele em si não significa nada. Pense na palavra “menina”. Se pegarmos o primeiro fonema dessa palavra, /m/, ele não significa nada. O fonema, nesse sentido, se distingue do morfema, o qual, conforme você já deve ter estudado, é a unidade mínima significativa, pois todo morfema carrega em si algum significado, seja lexical ou gramatical. O fonema, por sua vez, não. Ele sozinho não significa nada, daí a afirmação de que ele é a menor unidade *destituída de sentido* em uma língua.

Uma questão, entretanto, divide as opiniões dos especialistas a respeito da natureza do fonema: vimos no comentário sobre as palavras *fala* e *vala* que esse par mínimo distingue-se pela oposição dos fonemas /f/ e /v/, ou seja, por duas unidades mínimas distintivas. Ocorre que /f/ e /v/ a rigor só diferem quanto à oposição de um único traço, o traço da sonoridade (estudaremos mais a esse respeito na próxima aula), já que os demais traços desses fonemas são os mesmos – para tanto, basta que você observe o quadro das consoantes do português do Brasil (Aula 3) e constate o que caracteriza esse par de fonemas quanto ao ponto e modo de articulação. Por tal motivo, muitos foneticistas asseveram que a unidade mínima distintiva não é propriamente o fonema, porém o traço fonológico. Para tais especialistas, o fonema deve, então, definir-se como um conjunto ou feixe de traços fonológicos distintivos, mas deixemos esse assunto para a aula seguinte, certo?

Continuemos a “traduzir” a citação de Dubois *et al.* (1999): os autores afirmam que os fonemas “se combinam sucessivamente ao longo da cadeia da fala”. Esse trecho está fácil. Ao pronunciarmos a palavra “menina”, podemos perceber a presença de seis fonemas que se sucedem: /m/, /e/, /n/, /i/, /n/ e /a/. Essa sucessão ao longo da cadeia da fala tem a ver com a noção de linearidade discutida por Saussure (1969). A

bem da verdade, essa sucessão e, consequentemente, essa linearidade, não é assim tão tranquila quanto Dubois *et al.* fazem parecer. Se pensarmos no acento, por exemplo, veremos que ele é uma característica que diferencia um vocábulo de outro (pense no que diferencia sonoramente, por exemplo, as palavras “sabia” e “sabiá”). Essa característica distintiva não se manifesta linearmente em um fonema distinto, mas no que chamamos de **traço suprasegmental**, o que torna a noção de linearidade discutível, mas isso também é assunto para outro momento. Continuemos nossa “tradução”.

Os autores afirmam que os fonemas “se opõem segmentalmente”. Aqui cabe lembrarmos as noções saussurianas de **relação sintagmática** e **relação paradigmática**.

Peguemos a palavra que estamos estudando: *menina*. Nela, os seis fonemas estabelecem entre si uma oposição contrastiva, ou seja, é fácil percebermos que /m/ é diferente de /θ/, que é diferente de /n/, que, por sua vez, é diferente de /i/, que também difere de /n/, que, por fim, difere de /a/. Essa oposição, que se dá entre as unidades presentes na cadeia sonora (portanto, *in praesentia*), ocorre na relação sintagmática entre os fonemas (unidades mínimas da língua).

Agora, se pensarmos na palavra *menina* e na palavra *menino*, teremos dois fonemas que se opõem numa relação paradigmática: /a/ e /o/, gerando a distinção entre as duas palavras que constituem o par mínimo. Os dois se distinguem em uma relação diferente da anterior, pois não ocorre a presença simultânea de ambos na mesma cadeia sonora, você concorda? Daí dizermos que é uma oposição que se dá na ausência (*in absentia*), afinal, se um está presente, o outro não pode estar, mas ambos mantêm essa relação distintiva entre si.

Traço suprasegmental

Característica fônica que não se organiza linearmente na cadeia da fala, como os fonemas, mas afeta um segmento maior que um fonema, por exemplo, nasalidade, acento, entonação.

Relação paradigmática

Associa uma unidade da língua num enunciado a outras não presentes no enunciado, mas que ocupariam o mesmo espaço linear dentro dele.

Relação sintagmática

É feita com outras unidades presentes no enunciado, linearmente dispostas em outro espaço.



Castelar de Carvalho (1997, p. 109-130) explica de modo muito didático as relações sintagmáticas e paradigmáticas estabelecidas por Saussure. Aprofunde seus estudos conferindo a obra!

Mas avancemos na nossa “tradução” para um trecho bastante curioso, em que os autores afirmam: “O caráter fônico do fonema é acidental”. Você já tinha parado para pensar nisso? Que nossa manifestação linguística por meio da voz é acidental? O fato de os órgãos do aparelho fonador não serem exclusivamente empregados para a fala é um dos motivos que levam a tal afirmação. O ser humano poderia manifestar sua capacidade de comunicação verbal por meio de gestos, por exemplo, tal qual fazem os surdos, devido à impossibilidade de se apropriarem devidamente da linguagem oral.

Independente de qual teoria dá conta de explanar o caráter oral da linguagem verbal humana, o caráter acidental dos fonemas fica bastante evidente nas línguas de sinais, como a Libras, em que as unidades sonoras são representadas por configurações manuais, chamadas quiremas. Nas línguas de sinais, portanto, um fonema corresponde a um quirema e todas as noções que estamos começando a estudar em relação ao universo sonoro das línguas devem ser transportadas ao universo visogestual. Muito interessante, não?

Para concluirmos a “tradução” da citação de Dubois et al. (1999), peguemos o trecho final, em que os autores dizem ser o fonema “definido com referência à sua substância sonora, por certas características que se encontram nos diferentes níveis da transmissão da mensagem”. Esse trecho nos deixa bem evidente a abstração do fonema. Ele não é som, embora muitas gramáticas insistam em conceituá-lo como tal.

Mas se o fonema não é som... ele é o quê? E o som é o quê? Boas perguntas! Um fonema é uma imagem acústica, como diria Saussure, é a noção abstrata que se tem de um fone. Ocorre que, no momento em que dizemos uma palavra, os fonemas que as compõem terão que necessariamente realizar-se fisicamente (ou materialmente) em ondas sonoras, pois somente assim nosso interlocutor poderá captá-la através do aparelho auditivo. Essa realização física ou material do fonema denomina-se fone. Em termos saussurianos, o fonema seria a *forma* e o fone, a *substância*, à qual se referem Dubois et al. na definição “traduzida” aqui. Ao pronunciar a palavra *menina*, na verdade, o que você ouve são os fones, não os fonemas.

Embora cada pessoa produza uma realização sonora única, ao ouvirmos a palavra “menina” falada por um nordestino, uma criança, um doutor,

um analfabeto, um estrangeiro ou uma pessoa com algum tipo de distúrbio articulatorio, por exemplo, conseguimos entender que se trata (apesar das diferentes pronúncias) dos fonemas /m/, /e/, /n/, /i/, /n/ e /a/, certo?

Na primeira aula, vimos que a unidade sonora pode ser analisada a partir de duas perspectivas: a fonética e a fonológica. *A fonologia ocupa-se tão somente do estudo das unidades sonoras que mantêm oposição pertinente com as demais unidades do sistema da língua, ou seja, unidades que têm valor funcional dentro do sistema*, assim a fonologia estuda os fonemas de uma determinada língua. Por outro lado, *a fonética ocupa-se do estudo material de todos os sons que integram o sistema linguístico, sejam os que mantêm valor distintivo com as demais unidades, sejam os que perdem essa distinção em face de outros*, ou seja, a fonética estuda os fones de uma determinada língua. Como já vimos, os fones são representados entre colchetes [] e os fonemas são transcritos entre barras transversais / /.

Muito bem, se o fone é a realização de um fonema e se o fonema pode ser realizado de diferentes formas, estamos falando em variação. E a variação ocorre por diversos motivos, uns externos ao sistema linguístico, tais como lugar de origem, profissão, grau de escolaridade, idade, etc., outros, porém, condicionados a aspectos linguísticos, como veremos a seguir, ao estudarmos os alofones.

Atividade 1

Atende ao Objetivo 1

1. Que significa dizer que o fonema é uma “imagem acústica”?

2. Que distinção conceitual há entre fonema e fone?

3. Observe as três afirmações a seguir:

I. O par mínimo *pata* e *bata* se distingue numa relação paradigmática, pela troca dos fonemas /p/ e /b/.

II. A noção de linearidade defendida por Saussure está presente na relação sintagmática entre os cinco fonemas que compõem o vocábulo *livro*.

III. Os quiremas das línguas de sinais são prova efusiva do caráter acidental da manifestação oral de nossa capacidade comunicativa verbal.

Assinale a alternativa correta:

- a) Nenhuma alternativa é verdadeira.
- b) Todas as alternativas são verdadeiras.
- c) São verdadeiras apenas as alternativas I e III.
- d) São verdadeiras apenas as alternativas II e III.
- e) São verdadeiras apenas as alternativas I e II.

4. Em que consiste o processo de comutação e que utilidade tem nos estudos fonológicos?

5. Para cada par de som a seguir, forneça pares mínimos de modo a comprovar que são fonemas:

p/b =

ʃ/ʒ =

l/ʎ =

ɛ/e =

o/o =

Respostas Comentadas

1. Significa dizer que o fonema não corresponde a nenhuma realização concreta, mas a um registro psíquico elaborado a partir das várias possibilidades de realização de um fonema, que permite identificar as variações produzidas.

2. A distinção entre fonema e fone consiste no caráter abstrato do primeiro em contraste ao caráter concreto do segundo.

3. b) todas as alternativas são verdadeiras.

4. Por ser a comutação um procedimento no qual a substituição de um elemento de determinado nível (fonológico, morfológico, sintático, etc.) acarreta mudança no plano da expressão, ele se faz útil para a constatação de pares mínimos e isolamento do elemento que se quer investigar, no caso de nossos estudos, o fonema.

5. Você viu que o par mínimo é um recurso para identificar fonemas numa língua e consiste num par de palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica, excetuando o par de som semelhante. Um par de palavras é suficiente para caracterizar dois fonemas. Vejamos alguns exemplos:

p/b = pata/bata; pomba/bomba; pico/bico;

ʃ/ʒ = acha/haja;

l/ʎ = pala/palha/ mala/malha; falar/falhar;

ɛ/e = céu/seu; seca (verbo)/ seca (adjetivo);

o/o = molho (verbo)/molho (substantivo); avó/avô.

Alofone

A alofonia é o nome que se dá à variação fônica, sendo um fenômeno muito comum. Basta pensarmos em quais possíveis pronúncias existem para palavras como *leite*, em que o /t/ pode ser pronunciado chiado “tch” ou não. Pense em duas pessoas conversando, de modo que uma delas fale “tchia” (um carioca, por exemplo) e a outra fale *tia* (um baiano ou um potiguar, talvez). Apesar da fala de ambos ser diferente, não há dificuldades para que se entendam. O fonema é um só: /t/, mas ao ser pronunciada a palavra, o fonema acaba sendo realizado como [t] ou [tʃ]. O [tʃ] não é um fonema do português, apenas um alofone (uma variante) do fonema /t/.

Assim:

$$/t/ \rightarrow \begin{pmatrix} [t] \\ [tʃ] \end{pmatrix}$$

Lê-se: “/t/ se realiza como [t] ou [tʃ].”

Fonemas diferentes geram palavras diferentes (pois são distintivos), enquanto alofones diferentes não geram palavras diferentes.

Se falamos *tia* e *dia*, alternar /t/ e /d/ gera mudança de palavra, certo? Portanto, /t/ e /d/ são fonemas distintos da língua. Agora, se falamos “tia” e “tchia”, por exemplo, alternar [t] e [tʃ] não gera palavras distintas. Continuamos nos referindo à mesma palavra: *tia*. Então, [t] e [tʃ] (representação do “tch”) não são fonemas distintos, mas alofones de: /t/.



Como você viu, para fazer o levantamento dos fonemas de uma língua é preciso observar aqueles que são distintivos e, para isso, utilizamos o procedimento do par mínimo. Geralmente os sons que são foneticamente semelhantes (compartilham propriedades articulatórias) são candidatos a serem variantes de um mesmo fonema e aqueles foneticamente distintos possuem grandes chances de serem fonemas. Por isso, deve-se utilizar o recurso do par mínimo apenas para aqueles pares de sons foneticamente semelhantes: f/v, s/z, t/tʃ, l/ʎ, ε/e etc.

Alofone livre e alofone posicional

São muitas as alofonias possíveis no português brasileiro (PB). Tomemos, por exemplo, a palavra *mar* e pensemos nas realizações feitas por cariocas, alguns falantes do interior de São Paulo e alguns gaúchos. Teremos três possibilidades: na primeira, [ˈmax], dos cariocas, teremos uma fricção na parte posterior do trato vocal, na região velar; na segunda, [ˈmaɹ], dos falantes do interior de São Paulo, teremos o chamado “r” caipira ou, num termo mais apropriado, retroflexo; por fim, [ˈmar], dos falantes gaúchos, tem-se uma vibração na parte anterior do trato vocal. E esses três exemplos não esgotam todas as possíveis realizações no PB, uma vez que os chamados róticos constituem uma grande variedade de realizações na língua, como teremos oportunidade de ver em outras aulas. Se considerarmos essa variação associada à região do falante, diremos tratar-se de variação livre, uma vez que não será algum aspecto linguístico que condicionará uma ou outra realização.

A noção de variação livre não é muito “tranquila” nos estudos varia-
cionistas da Sociolinguística, uma vez que essa ciência defende que sem-
pre há alguma motivação para que a variação se manifeste. Nos estudos
fonológicos, porém, fala-se em variação livre quando essa motivação
não é de caráter especificamente linguístico, tal como o contexto fonéti-
co em que uma determinada variante ocorre.



Você deve ter observado um apóstrofo na transcrição entre col-
chetes da palavra *mar*, não é? Esse sinal é usado nas transcrições
para indicar a sílaba tônica das palavras.

Focando ainda a palavra *mar*, pensemos na realização retroflexa (do
“r” chamado caipira). No português do Brasil, essa realização só ocorre
em posição final de sílaba, diferente da fricativa carioca ou da vibrante
gaúcha, que ocorrerão em qualquer contexto, final ou de início de síla-
ba/palavra. Dizemos, assim, que [ɹ] é um alofone posicional, enquanto
[x, r] são alofones livres.

Observemos, agora, a palavra *tia*, considerando a realização carioca.
Se comparado a *tua* ou *teia*, por exemplo, fica evidente que a realiza-
ção africada [tʃ] só se realiza diante da vogal /i/, de modo que não
teremos pronúncias como “tchua” ou “tcheia”. Essa condição fonética
para a ocorrência da realização africada (chiada) define o caso de alo-
fonia como de variação posicional – também chamado de distribuição
complementar –, ou seja, diante de /i/ se realizará [tʃ] e diante das
demais vogais [t]. Em outras palavras, podemos dizer que [tʃ] e [t]
são variantes posicionais do fonema /t/. Assim, quando dois segmentos
estão em distribuição complementar (variantes posicionais), eles ocor-
rem em ambientes exclusivos, ou seja, onde uma das variantes ocorre,
a outra variante não ocorrerá. Esse caso de distribuição complementar
pode ocorrer da seguinte forma: /t/ ocorre como [tʃ] diante de [i] e
como [t] nos demais ambientes (NDA).

Por fim, para usar o método da distribuição complementar, é neces-
sário investigar os alofones numa das variedades do português: carioca,
gaúcha, potiguar etc.



Hora (2012, p. 42) sinaliza para a realização palatal [ʃ] para o “s” em final de sílaba na fala paraibana apenas antes de “t”, como, por exemplo, na palavra *pasta*, o que caracteriza distribuição complementar (variação posicional).

Atividade 2

Atende ao Objetivo 2

1. Pronuncie a palavra *dia* com o sotaque do falante carioca e com o sotaque do falante cearense. Que diferença há entre os alofones do fonema /d/?

2. No boxe que se refere à obra de Hora (2012), é mencionada a realização palatal [ʃ] para o “s” em final de sílaba na fala paraibana apenas antes de “t”. Nesse caso, o [ʃ] se caracteriza por ser um alofone livre ou posicional? Explique.

Respostas Comentadas

1. A diferença que há é que na fala carioca há a realização de um som africado [dʒ], enquanto a realização cearense é oclusiva [d].
2. No caso relatado, o [ʃ] é um alofone posicional, pois só se realiza em um contexto específico.

Conclusão

Nesta aula, pudemos refletir um pouco sobre a dupla possibilidade de entender o componente sonoro da língua: numa perspectiva concreta, o fone; numa perspectiva abstrata, o fonema. Vimos que não é possível interpretá-los como sinônimos e que os fones se realizarão de maneira variável, a depender de aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

Tomando como base o dialeto carioca, observe as palavras a seguir e diga se os alofones [d] e [dʒ] do fonema /d/ estão em distribuição complementar ou variação livre? Justifique sua resposta.

dia [dʒ] **dúvida** [d] **digno** [dʒ] **adeus** [d] **adiar** [dʒ]

dragão [d] **diário** [dʒ] **dado** [d] **pedir** [dʒ] **padrão** [d]

Resposta Comentada

No dialeto carioca, observamos que as consoantes oclusivas /t/ e /d/ apresentam realizações diferentes que dependem do ambiente linguístico em que elas ocorrem. Nos dados apresentados na questão, podemos constatar que sempre que o fonema /d/ ocorre diante da vogal [i], ele se realiza como [dʒ] e, nos demais contextos, ele se realiza como [d]. Assim, podemos afirmar que os alofones [d] e [dʒ] do fonema /d/ estão em distribuição complementar, porque ocorrem em ambientes linguísticos exclusivos, onde ocorre [dʒ], não ocorre [d].

Resumo

Nesta aula, aprendemos a conceituação de três figuras importantes nos estudos fonéticos e fonológicos: *fone*, *fonema* e *alofone*. Vimos que o fone é a unidade fonética, de caráter físico ou material, ao passo que o fonema é a unidade distintiva fonológica, já que se resume a uma *imagem acústica* que temos armazenada no cérebro. No tocante ao alofone, concluímos que se trata de um fone que concorre com outros como expressão física ou material do fonema. Também identificamos suas modalidades, quais sejam a do *alofone livre* e a do *alofone posicional*.

Informação sobre a próxima aula

A próxima aula tratará sobre traços distintivos e neutralização. Nela, você ficará ciente de como se organizam os fonemas e de que é possível haver a perda de características distintivas entre eles, gerando o fenômeno chamado neutralização. Nesse caso, surge um conceito a ser também estudado nesta aula: o de arquifonema.

Aula 6

Neutralização de traços distintivos:
o arquifonema

*Marli Hermenegilda Pereira
Mikaela Roberto
Ricardo Stavola Cavaliere*

Meta da aula

Esta aula tem como meta o estudo dos traços distintivos e da neutralização desses traços em alguns contextos fonológicos.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender em que consistem os traços distintivos e conhecer a proposta de traços distintivos de Chomsky e Halle;
2. entender o conceito de classe natural;
3. identificar traços pertinentes e traços impertinentes;
4. entender em que consiste a neutralização;
5. identificar o arquifonema como unidade fonológica representativa da neutralização de traços distintivos dos fonemas.

Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula, você precisará ter claras as noções exploradas nas aulas anteriores, especificamente o que diz respeito às características articulatórias de vogais e consoantes e às noções de fonema, fone e alofone, essenciais a este estudo.

Introdução

Na Aula 5, você já teve a oportunidade de conhecer conceitos basilares dos estudos fonológicos: fonema, fone e alofone. Nesta aula, você conhecerá outro conceito essencial: o arquifonema. Para entendê-lo, entretanto, é preciso que compreenda em que consiste o fenômeno da neutralização, o qual, por sua vez, exige que exploremos inicialmente os chamados traços distintivos. Vamos avançar, passo a passo, então!

Traços distintivos

Você certamente já ouviu falar da chamada **dupla articulação** da linguagem. André Martinet (1966), do Círculo de Praga, foi quem propôs essa dupla organização dos sistemas linguísticos, o que é até hoje amplamente aceito. Para Martinet, as línguas estavam organizadas em duas articulações: a primeira, de ordem morfológica, tinha o morfema (na época, denominado *monema*) como unidade de estudo; a segunda, de ordem fonológica, tinha o fonema como unidade mínima.

O problema de se entender essa “unidade mínima” como “indivisível”, conforme definem vários autores, é que essa unidade mínima é composta por um conjunto de características (traços) que distinguem um fonema de outro. Pensemos, por exemplo, no que diferencia os fonemas /f/ e /v/. Em /v/, há vibração das pregas vocais, enquanto em /f/ não há, ou seja, dizemos que /v/ é vozeado e /f/ não o é. Essa diferença entre um e outro é o que chamamos de traço distintivo.

Dupla articulação

Diz-se dos dois níveis em que a linguagem está organizada; os dois planos nos quais está constituída a linguagem. A primeira articulação é a das unidades significativas da língua: monemas ou morfemas. A segunda articulação é a das unidades distintivas: os fonemas. Dubois et al. (1999, p. 68), ao explicarem a dupla articulação mencionada por Martinet, lembram que ela evita a sobrecarga da memória, permitindo uma economia de esforços, tanto na emissão quanto na percepção da mensagem.



Se você colocar sua mão aberta encostada em sua garganta, poderá perceber a diferença entre consoantes vozeadas e desvozeadas. Tente produzir [v] e [f] e perceba que, ao pronunciar [v], é possível sentir a vibração em sua mão, enquanto em [f] não é.

O fonema não é, então, indivisível, uma vez que ele se caracteriza por ser composto de um grupo de traços organizados. Desse modo, não é o

fonema que distingue dois signos numa língua, mas sim os traços. No par mínimo *faca* e *vaca*, há dois fonemas distintos, mas, mais que isso, esses fonemas se distinguem entre si apenas por um único traço (vozeado/desvozeado), de modo que podemos dizer que não são os fonemas que distinguem os signos *faca* e *vaca*, mas o traço vozeado/desvozeado (sonoridade), já que é apenas esse aspecto que diferencia um fonema de outro.

Os traços distintivos, de acordo com Dubois et al. (1999, p. 198), “elementos fônicos mínimos suscetíveis de opor, numa mesma língua, dois signos diversos”, são, como afirma Hernandorena (1999), propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatório, como nasalidade, sonoridade, labialidade, coronalidade, que, de forma coocorrente, constituem os sons das línguas.

No nível fonético, os traços são caracterizados por Chomsky e Halle (1968, p. 297) como escalas físicas que descrevem aspectos do evento da fala e podem ser tomados independentemente, seja do ponto de vista da produção ou do ponto de vista da representação perceptual. [...] No nível fonológico, os traços são marcadores classificatórios abstratos, que identificam os itens lexicais da língua. Nesse nível os traços captam os contrastes fonológicos da língua (HERNANDORENA, 1999, p. 17).

Terceira articulação

Diz-se do nível de articulação referente aos traços distintivos. Nem todos os linguistas consideram a existência dessa articulação. Martinet (1966) previa apenas duas (a fonológica e a morfológica). Garcia (2008) apresenta uma explanação detalhada sobre a chamada terceira articulação. Confira no link: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91373>.

Eles seriam, então, a unidade mínima da chamada **terceira articulação**, como afirma Leonor Scliar Cabral (2003).

Dubois et al. (1999, p. 199) lembram que “os traços distintivos podem ser definidos nos diferentes estados da transmissão da mensagem linguística (neurológica, articulatória, acústica, auditiva)”, salientando ser este um problema que ainda hoje dificulta uma definição coerente. Dois exemplos ilustram bem esse problema e ambos podem ser mostrados com o par /p/ e /b/.

Em primeiro lugar, há quem os classifique como obstruintes, outros como oclusivos e outros como plosivos. Os termos, embora pareçam se referir à mesma característica, descrevem os fonemas com base em diferentes enfoques. Ao chamar os fonemas de obstruintes ou oclusivos, está-se referindo ao impedimento na passagem do ar no trato vocal, que é total. Ao chamar os fonemas de plosivos, está-se referindo à forma como o ar rompe a barreira imposta pelos lábios, numa espécie de explosão. Quando dizemos que os fonemas /p/ e /b/ são bilabiais, estamos nos referindo ao ponto de articulação, sendo este, portanto, um traço

de caráter articulatório. Em segundo lugar, quando dizemos que /p/ é desvozeado e /b/ é vozeado, esse traço não é articulatório, pois se refere à vibração das pregas vocais na emissão do som. Eis o problema levantado por Dubois *et al.* quanto à incoerência nas classificações dos traços distintivos: a falta de uniformidade nos critérios de categorização desses traços. Como se pode esperar diante de tal problema, são várias as propostas de classificação e descrição por diferentes estudiosos.



Hora (2012) apresenta a proposta de Jakobson, Fant e Halle (1951), que sofreu variações ao longo dos anos seguintes e buscou dar conta de todas as oposições presentes nas línguas do mundo em um conjunto bastante reduzido de traços (cerca de 12 a 15 traços). Vale a pena conferir para aprofundar o assunto!

No modelo de Chomsky e Halle (1968), os traços são definidos por dois pontos na escala física, representando um a presença, o outro a ausência da propriedade. Dessa forma, no nível fonológico, tem-se a representação com apenas dois valores. Tomando-se a sonoridade, por exemplo, o fonema /b/ será [+ vozeado], enquanto o fonema /p/ será [– vozeado] (também chamado de desvozeado).

Conhecendo a proposta de traços de Chomsky e Halle (1968)

Os traços propostos por Jakobson, Fant e Halle foram definidos acústica e articulatoriamente como: consonantal; vocálico; compacto; difuso; tenso; vozeado; nasal; contínuo; estridente; *checked*; grave; *flat* e *sharp*.

Chomsky e Halle, com a publicação do *The sound patterns of English* (SPE), em 1968, ampliaram o conjunto proposto por Jakobson e colaboradores, mantendo a característica binária e dando maior ênfase ao aspecto articulatório.

Os traços, de acordo com o SPE, são, segundo sintetiza muito bem Hora (2012), traços de classe principal, traços de ponto de articulação,

traços de modo de articulação, traço laringal e traços prosódicos, aqui resumidamente apresentados:

Os traços de classe principal são três: consonantal, silábico e soante.

- a) Consonantal: possui tal traço o segmento que é produzido com alguma obstrução da passagem de ar pelo trato vocal. No PB, consoantes têm esse traço.
- b) Silábico: possui tal traço o segmento com maior proeminência na sílaba. No PB, apenas as vogais têm esse traço.
- c) Soante: possui tal traço o segmento com sonoridade espontânea. No PB, vogais, semivogais, líquidas [l/r] e nasais têm esse traço. Oclusivas, fricativas e africadas não o têm.

Os traços de ponto de articulação dividem-se entre os referentes às consoantes e aqueles referentes às vogais.

Os traços referentes ao ponto de articulação das consoantes são quatro:

- a) Coronal: possui tal traço o segmento que é produzido com a elevação da lâmina da língua, como /t, d, s, z, ʃ, ʒ, r, ʀ, l/, respectivamente destacados nas palavras *tato*, *dato*, *sapo*, *casa*, *chá*, *já*, *rato*, *barato*, *lata*.
- b) Anterior: possui tal traço o segmento produzido na parte da frente do trato vocal, a partir da região dos lábios. Os fonemas labiais /p, b, m/ e os dentais/alveolares /t, d, s, z, l, n/ têm o traço [+anterior].
- c) Labial: possui tal traço o segmento produzido com o estreitamento dos lábios, como /p, b, m, f, v/.
- d) Distribuído: possui tal traço o segmento produzido com obstrução que se estende consideravelmente pelo trato vocal. No PB, /s, z, ʃ, ʒ/ têm o traço [+distribuído], respectivamente destacados nas palavras *sapo*, *casa*, *chá* e *já*, enquanto /f, v/ não o têm.

Os traços referentes ao ponto de articulação das vogais, por sua vez, são seis. Os três primeiros são relativos à posição da língua a partir de um ponto chamado neutro (correspondente à posição da língua quando em descanso):

- a) Alto: segmento produzido com a língua na posição mais alta. No PB, /i, u/ têm o traço.
- b) Baixo: segmento produzido com a língua na posição mais baixa. No PB, apenas o /a/ tem esse traço.



Quanto à posição da língua, as vogais consideradas médias precisarão dos dois traços para serem caracterizadas. Assim, as vogais /e, ε, o, o/ têm os traços [– alto] e [– baixo].

- c) Posterior: possui tal traço o segmento produzido com a retração da língua a partir do ponto neutro. No PB, as vogais /o, o, u/, respectivamente destacadas nas palavras *avô*, *avó* e *uva*, têm o traço [+ posterior].
- d) Arredondado: possui tal traço o segmento produzido com o arredondamento dos lábios. No PB, têm o traço as vogais /o, o, u/.
- e) Tenso: possui tal traço as vogais produzidas com o corpo ou a raiz da língua em maior grau de constrição do que vogais relaxadas. Vogais longas e ditongos têm o traço [+ tenso].
- f) Raiz da língua avançada (ATR): possuem tal traço as vogais produzidas com a raiz da língua sendo empurrada para frente. Esse traço distingue vogais médias abertas das fechadas, no PB. As vogais /i, e, o/ têm este traço.

Os traços de modo de articulação são quatro:

- a) Contínuo: possui tal traço o segmento produzido sem a interrupção da passagem de ar pelo trato vocal. No PB, todas as fricativas têm o traço [+ contínuo].
- b) Metástase retardada: possui tal traço o segmento que, após uma obstrução da passagem de ar, tem uma soltura, como os sons africados do PB.
- c) Nasal: possui tal traço o segmento em que há passagem de ar pelo trato vocal e nasal simultaneamente. No PB, /m, n, ɲ/, respectivamente destacados nas palavras *mata*, *nata* e *ninho*, têm o traço [+ nasal].
- d) Lateral: possui tal traço o segmento produzido com obstrução na parte central da boca e escape de ar pelas laterais. No PB, /l, ʎ/, respectivamente destacados nas palavras *lata* e *ilha*, têm o traço [+ lateral].

Os traços laringais definidos no SPE são três (*spread glottis, constricted glottis, voice*), mas interessa ao PB apenas o traço vozeado.

- a) Vozeado: possui tal traço o segmento produzido com a vibração das pregas vocais. No PB, as vogais, as semivogais, as líquidas e nasais são sempre vozeadas, além das oclusivas /b, d, g/, respectivamente destacadas nas palavras *bata*, *data* e *gata*, as fricativas /v, z, ʒ, ʁ/, respectivamente destacadas nas palavras *vaso*, *vaso*, *já* e *carga*, e a africada /dʒ/, como na pronúncia carioca da palavra *dia*.

Por fim, os traços prosódicos do SPE constituem propriedades fonéticas que estão acima dos segmentos, no nível da prosódia. Interessa-nos aqui dois: acento e *pitch*, mas existem outros, como duração, tempo, ritmo.

- a) Acento: trata-se da proeminência na emissão de uma sílaba, de modo que haja mais energia em sua produção do que na produção das demais sílabas da palavra. No PB, o acento tende a cair sobre a penúltima sílaba da palavra, daí afirmar-se que o padrão canônico de acentuação no português é paroxítono.
- b) *Pitch*: refere-se à frequência da vibração das pregas vocais e está associado ao tom ou à entonação. Há línguas tonais, como o chinês, em que palavras se distinguem entre si apenas pelo tom com que são proferidas. No PB, tal característica associa-se às diferenças de entonação presentes em diferentes regiões, de modo que afirmamos que determinados dialetos são mais “cantados” que outros.

O modelo de Chomsky e Halle abriu caminho, de acordo com Herndorena (1999, p. 44), para a formação das chamadas fonologias não lineares, dentre as quais se desenvolveu a Geometria de Traços, que tem como principais representantes Clements e Hume (1993), e que postula haver uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua (fonema). Assim, esses traços, que podem funcionar isoladamente ou como um conjunto solidário (as chamadas classes naturais, que estudaremos a seguir), estariam ordenados de modo a alguns serem mais “centrais” ou mais periféricos. A criança, no processo de aquisição das estruturas do componente fonológico, conseqüentemente, da linguagem, consegue, segundo a teoria, perceber o valor distintivo de alguns traços (mais centrais) antes que o de outros (mais periféricos).

O que essa proposta quer mostrar é que inicialmente é projetada uma estrutura e, à medida que a criança vai descobrindo o sistema do adulto, vai ligando – primeiro em caráter experimental e, depois, de forma definitiva – os traços periféricos com o valor fonológico pertinente naquele sistema-alvo que está adquirindo, até construir a estrutura interna de cada segmento da língua (HERNANDORENA, 1995, p. 102).

Traduzindo... a hierarquização proposta por Clements e Hume (1993) dá conta de explicar por que as crianças, ao adquirirem sua língua, têm mais facilidade em perceber alguns traços, enquanto outros levam mais tempo para serem adquiridos. Muito interessante, não? Mas, enfim, a teoria dos traços é ainda muito recente, havendo bastante divergência quanto ao real conjunto de traços e a como estariam eles organizados na formação de um fonema.



Se você quiser aprofundar mais a fonologia gerativa, traços distintivos e classes naturais, acesse os seguintes endereços:

- http://www.fonologia.org/arquivos/tb_matriz_fonetico_fonologica_pt.pdf
- http://www.fonologia.org/fonologia_modelos_lineares_gerativa.php

Atividade 1

Atende ao Objetivo 1

1. Identifique o traço distintivo dos pares mínimos a seguir, a partir da proposta de Chomsky e Halle:

a) vela/Vera: _____

b) caso/caço: _____

c) para/Pará: _____

d) pé/pê: _____

2. Assinale a alternativa correta:

(a) Não existe a chamada terceira articulação.

(b) Traços distintivos são características que os fonemas possuem e que os diferenciam uns dos outros com base em diferentes critérios, tais como sonoridade, ponto e modo de articulação.

(c) A noção de fonema como feixe de traços é a que até hoje melhor define o termo.

(d) A representação binária dos traços, com a adoção de [+] e [–], já não é mais adotada, mas marcou o início dos estudos na área.

3. Com base nos traços distintivos propostos por Chomsky e Halle (1968), atribua os valores + (presença do traço) e – (ausência do traço) para cada som listado no quadro a seguir:

Traços distintivos	p	b	t	d	k	g	l	r	m	n	f	v	ʃ	ʒ	tʃ	dʒ	ʁ
consonantal																	
coronal																	
anterior																	
labial																	
distribuído																	
contínuo																	
metástase retardada																	
nasal																	
lateral																	
vozeado																	

Respostas Comentadas

1. a) traço lateral de /l/ em *vela*, não presente em /r/, de *Vera*; b) traço vozeado presente em /z/ de *caso* e ausente em /s/ de *caço*; c) acento que é deslocado nas duas palavras, sendo o único traço que as distingue; d) raiz de língua avançada (ATR), traço que distingue as médias-baixas, no caso o /ɛ/ de *pé* das médias-altas, no caso o /e/ de *pê*.

2. Letra *b*.

Comentário: a) embora não haja consenso na adoção e no reconhecimento da chamada terceira articulação, ela é postulada por alguns estudiosos, não podendo ser negada, portanto, sua existência; c) a noção de feixe de traços foi suplantada por teorias que reconhecem o caráter organizado dos traços em níveis hierárquicos; d) a representação em questão ainda é amplamente adotada nos estudos sobre traços distintivos.

3.

Traços distintivos	p	b	t	d	k	g	l	r	m	n	f	v	ʃ	ʒ	tʃ	dʒ	ʎ
consonantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
coronal	–	–	+	+	–	–	+	+	–	+	–	–	+	+	+	+	+
anterior	+	+	+	+	–	–	+	+	+	+	+	+	–	–	–	–	–
labial	+	+	–	–	–	–	–	–	+	–	+	+	–	–	–	–	–
distribuído	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–
contínuo	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	+	+	+	+	–	–	+
metástase retardada	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	+	+	–
nasal	–	–	–	–	–	–	–	–	+	+	–	–	–	–	–	–	–
lateral	–	–	–	–	–	–	+	–	–	–	–	–	–	–	–	–	+
vozeado	–	+	–	+	–	+	+	+	+	+	–	+	–	+	–	+	+

Classes naturais

Os traços propostos por Chomsky e Halle eram combinados sem hierarquização. Para se ter uma ideia, um fonema era, na época, definido como um “feixe de traços”, o que passava uma ideia de “amontoado” de traços, dispostos sem critério específico. Embora atualmente criti-

cado por esse fato, o modelo de Chomsky e Halle conseguiu dar conta de explicar a aplicação de algumas regras fonológicas não a fonemas isoladamente, mas a grupos de fonemas que partilhavam traços em comum, formando classes naturais, o que viabilizou a representação de generalizações (falaremos sobre processos e regras fonológicas em outra aula, não se preocupe).

Classes naturais são, segundo Hora (2012, p. 58), grupos de segmentos que compartilham os mesmos valores dos traços distintivos. Assim, vogais formam uma classe natural, pois compartilham o traço [+ silábico], as consoantes [p, f, t, s, ʃ, x, k] formam uma classe natural, pois compartilham o traço [– vozeado] e as oclusivas formam uma classe natural, pois compartilham os traços [+ consonantal] e [– soante]. O autor destaca que “quanto menor for a classe natural maior será o número de traços necessários para descrevê-la. Essa correlação inversa, de certa forma, explicaria por que os processos fonológicos, em geral, envolvem mais classes naturais do que segmentos isolados” (HORA, 2012, p. 59).

===== **Atividade 2** =====

Atende ao Objetivo 2

1. Identifique que classe natural agrupa os seguintes fonemas:
 - a) /m, n, ɲ/: _____
 - b) /a, ε, e, i, o, ɔ, u/: _____
 - c) /p, b, m/: _____

2. Para cada grupo de sons listados, indicar que sons não pertencem à mesma classe natural. Explique sua resposta:
 - a) /l, r, d, ɔ, ʒ, f, ɲ/ =
 - b) /m, r, n, ɲ/ =
 - c) /t, d, s, ʎ, r/ =
 - d) /a, ε, e, i/ =

Respostas Comentadas

1. a) consoantes nasais; b) vogais; c) bilabiais. As classes naturais agrupam fonemas que partilham os mesmos traços. Assim, há que se identificar quais traços são comuns a todos os elementos do grupo para chegar à resposta.
2. a) O som /ɔ/, pois ele é uma vogal e os outros são consoantes; b) O som /ɾ/, que é um tepe, enquanto os outros elementos são consoantes nasais; c) O som /ʎ/, que é uma consoante palatal, e os outros sons são dentais ou alveolares (coronais); d) O som /a/, que é uma vogal central, enquanto as outras vogais são anteriores.

Traços fonológicos pertinentes e impertinentes

Retomemos, agora, o par mínimo *fala* e *vala*. A consoante /f/ inicial de *fala* caracteriza-se por quatro traços distintivos, a saber: consonantal, labial, contínuo e desvozeado. Já a consoante /v/, inicial de *vala*, possui os mesmos traços, com exceção do último: consonantal, labial, contínuo, vozeado. Se compararmos os traços fonológicos de /f/ com os de /v/, verificaremos que esses sons se distinguem tão somente porque /f/ tem o traço desvozeado e /v/ tem traço vozeado, portanto. Como a oposição vozeado × desvozeado implica alteração de palavras – conforme verificamos na oposição *fala* e *vala* –, dizemos que se trata de uma *oposição distintiva* e que os respectivos traços são *pertinentes*.

Quadro 6.1: Exemplo de traços fonológicos pertinentes.

		+ consonantal	
		+ labial	
<i>fala</i>	/f/	– vozeado	← oposição distintiva entre traços fonológicos pertinentes ←
		+ contínuo	
		+ consonantal	
		+ labial	
<i>vala</i>	/v/	+ vozeado	
		+ contínuo	



Os traços fonológicos *vozeado* e *desvozeado* são pertinentes em português, visto que estão em oposição distintiva.

Cuidemos agora de outra situação. A palavra *tifo* é pronunciada por um falante cearense com a consoante coronal anterior, não contínua e desvozeada. Já um falante carioca pronuncia a mesma consoante com metástase retardada (articulação africada). O que se percebe é que a presença do traço metástase retardada, único que distingue as duas realizações, não implica alteração de palavra. Por tal motivo, dizemos que o traço metástase retardada é um *traço impertinente* no português do Brasil. Interessante, não?

Quadro 6.2: Exemplo de traços fonológicos impertinentes.

	+ consonantal	
	+ coronal	
<i>tifo</i>	– vozeado	
[t]	– contínua	
(pronúncia cearense)	– <i>metástase</i>	oposição não distintiva entre traços fonológicos impertinentes
	retardada	
	+ consonantal	
	+ coronal	
<i>tifo</i>	– vozeado	
[tʃ]	– contínua	
(pronúncia carioca)	+ <i>metástase</i>	
	retardada	

Atividade 3

Atende ao Objetivo 3

1. Se retomarmos os pares mínimos da Atividade 1, podemos afirmar que os traços distintivos ali identificados são traços pertinentes? Justifique.

2. Considere a realização de uma criança de 2 anos e 7 meses para a palavra *pegar*: [pe'ka] (“pecá”). Nesse caso, o traço da sonoridade, ausente na realização da criança, é pertinente ou impertinente? Justifique.

Respostas Comentadas

1. Os traços distintivos que respondem à primeira atividade são todos pertinentes, uma vez que eles geram mudança de sentido, o que é constatado a partir da presença dos pares mínimos na atividade.

2. Neste caso, especificamente, o traço da sonoridade é irrelevante, portanto, impertinente, porque a criança ainda não identifica a distinção sonoridade × não sonoridade e, por isso, a realização de [k] não leva à intenção de produzir *pegar*, mas *pecar*.

Neutralização

Pensemos agora em casos nos quais dois fonemas da língua perdem suas propriedades distintivas em um dado contexto. Isso pode acontecer. Pense, por exemplo, nas vogais das palavras *avô* e *avó*. Ora, uma vez que temos um par mínimo, fica evidente tratar-se de duas vogais distintas, certo? Na primeira, temos uma vogal média-alta (fechada) /o/, enquanto na segunda temos uma vogal média-baixa (aberta) /ɔ/.

Essas duas vogais se distinguem unicamente pela presença, na primeira, do traço *raiz de língua avançada* (ATR), de acordo com os traços propostos por Chomsky e Halle (1968). Mas se tomarmos as duas como realizações possíveis para a vogal presente na primeira sílaba da palavra *coração*, por exemplo, veremos que a pronúncia fechada c[o]ração ou aberta c[ɔ]ração não gera palavra distinta (compare, por exemplo, a pronúncia de cariocas e baianos). Assim, o traço *raiz de língua avançada*, considerado um traço pertinente no português do Brasil, a exemplo do par mínimo *avô/avó*, perde sua função distintiva na palavra *coração*, uma vez que a realização aberta ou fechada não gera mudança de significado. Nesse caso, o que ocorre é um fenômeno chamado neutralização, ou seja, dois fonemas, /o/ (timbre fechado, como em “avô”) e /ɔ/ (timbre aberto, como em “avó”), distintos entre si (a prova de que são fonemas distintos da língua é a presença de pares mínimos como *avô/avó*), acabam perdendo suas características distintivas, e as duas realizações acabam sendo apenas alofones naquele contexto específico. Nesse caso, o traço *raiz de língua avançada* passa a ser um traço impertinente, ainda que no par mínimo *avô/avó* ele seja pertinente. Interessante, não?

Ora, se entendemos que o fonema é um conceito de abstração de duas realizações sonoras (fones), quando ocorre neutralização teremos uma abstração ainda maior, referente a dois fonemas. Neste caso, teremos o que chamamos de arquifonema. Os arquifonemas representam as neutralizações de fonemas e é comum que sejam representados entre barras verticais | |, quando representados isoladamente, e com letras maiúsculas.

Assim, no caso da palavra “coração”, podemos registrar da seguinte forma o contexto em que ocorre neutralização:

- **c|O|ração**, em que |O| representa a neutralização do traço distintivo de /o/ e /ɔ/.

A neutralização é um fenômeno comum ainda em outros contextos consonantais e vocálicos no PB. Cite-se o caso do |S| em posição de coda silábica (final de sílaba), em que a realização pode ser bastante variada, conforme explanado a seguir:

- [s] na fala mineira para “dois” ou “dois pares”.
- [z] na fala mineira para “dois meses” ou quando falamos “dois amigos”, independente da variante sociolinguística, devido à junção das duas palavras na pronúncia, fenômeno estudado mais adiante.

- [ʃ] na fala carioca para “dois” ou “dois pares”.
- [ʒ] na fala carioca para “dois meses”, em que o “s” assume a mesma sonoridade que a consoante de “já”. E, até mesmo,
- [x] em ocorrências como “mermo” ou
- Ø devido ao apagamento de marcas de plural, como em “Os carro”.

Se observarmos, [s], [ʃ], [z], [ʒ] e [x] são fonemas distintos da língua, já que podemos encontrar inúmeros pares mínimos que evidenciam a presença de tais fonemas na língua, tais como *Sá* e *chá*, *chá* e *já*, *Zé* e *ré*, *cio* e *rio* etc.

Tais fonemas, porém, ao se apresentarem em posição final de sílaba, perdem suas propriedades distintivas, tendo seus traços distintivos neutralizados, e passam a ser possíveis alofones naquele contexto.

Em se tratando das vogais, que estudaremos em detalhes mais tarde, é possível adiantar, em relação à neutralização, que

Quanto maior o grau de atonicidade, maior o alcance da neutralização: nas sílabas átonas finais, de atonicidade máxima, desaparece a oposição entre as três vogais da série anterior e as três da série posterior, ficando o sistema reduzido a três vogais /ɪ/, /a/, /u/: *fac*[i], *faç*[u], *faça*; *pont*[i], *pont*[u], *ponta*, etc. (CALLOU; MORAIS; LEITE, 2013, p. 78).

Atividade 4

Atende aos Objetivos 4 e 5

1. Identifique, nos casos de neutralização a seguir, qual traço é perdido:

a) pepino > p[ɪ]pino ou p[ə]pino: _____

b) dois > doi[s] ou doi[ʃ]: _____

2. Assinale a alternativa correta:

- (a) Arquifonemas são unidades abstratas e contrastivas.
- (b) Alofones são realizações distintas de um único arquifonema.
- (c) Arquifonemas representam a neutralização de diferentes traços distintivos.
- (d) Arquifonemas costumam ser representados por letras maiúsculas entre barras oblíquas / /.

Respostas Comentadas

1. No item *pepino*, o traço que se perde é o que distingue a altura das vogais, já que ambas são anteriores, mas /e/ é [– alta, – baixa] e /i/ é [+ alta] e, nesse contexto, esses traços tornam-se impertinentes. Já em *dois* o traço que se perde é o da anterioridade, já que /s/ é [+ anterior] e /ʃ/ não é e, nesse contexto, tal diferença é irrelevante.

2. Letra c.

Comentário: a) são os fonemas que são unidades abstratas e contrastivas. b) alofones são realizações distintas de um único fonema; d) arquifonemas costumam ser representados entre barras verticais | |.



Conclusão

Nesta aula, pudemos entender novos conceitos, como os de traços distintivos, traços pertinentes/traços impertinentes, classes naturais, neutralização e arquifonema. Vimos que os fonemas podem ser estudados em sua constituição, a partir dos traços que os caracterizam. Estudamos que essas características permitem agrupá-los em classes, sobre as quais ocorrem fenômenos que veremos mais tarde (os chamados processos fonológicos), e vimos ainda que, em alguns contextos, as características distintivas entre diferentes fonemas da língua se perdem.

Atividade Final

Atende aos Objetivos 1, 2, 3, 4 e 5

Defina e exemplifique os principais conceitos aprendidos nesta aula:

a) Traços distintivos

b) Classe natural

c) Neutralização e arquifonema

Resposta Comentada

Os traços distintivos são propriedades mínimas referentes aos processos articulatório e acústico envolvidos na produção de um som. Os sons devem se diferenciar, pelo menos, em um traço. Por exemplo, o par [p] e [b] apresenta os seguintes traços distintivos:

[p]	[b]
+ consonantal	+ consonantal
+ anterior	+ anterior
– vozeado	+ vozeado

Como você pode constatar, o par [p] e [b] se diferencia apenas pelo traço sonoridade.

Uma classe natural de sons é um conjunto de segmentos que compartilha traços semelhantes e sofre regras fonológicas junto. O conjunto [p, b, t, d, k, g] forma uma classe natural, porque compartilha os seguintes traços: + consonantal, – distribuído, – contínuo, – metástase retardada, – nasal e – lateral.

d) A neutralização se caracteriza pela perda do contraste fonêmico entre fonemas em contextos específicos. Por exemplo, no português brasileiro, os fonemas /s, z, ʃ, ʒ/, quando ocorrem em final de sílaba, deixam de ser distintivos, ou seja, a substituição de um som pelo outro, nesse contexto, não altera o significado da palavra. Exemplo: ['kaspɑ] ou ['kaʃpɑ]. Nesse exemplo, a substituição de [s] por [ʃ] não altera o significado da palavra *caspa*. O arquifonema é o resultado dessa neutralização e é representado, na transcrição fonológica, com símbolo em maiúsculo. A neutralização dos fonemas /s, z, ʃ, ʒ/, em final de sílaba, tem como resultado o arquifonema /S/, assim, a transcrição fonológica da palavra *caspa* é /'kaSpɑ/



Resumo

Vimos que o fonema não é indivisível, uma vez que ele se caracteriza por ser um grupo de traços organizados hierarquicamente. Desse modo, não é o fonema que distingue dois signos numa língua, mas seus traços. Traços distintivos são propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatório, como nasalidade, sonoridade, labialidade, coronalidade, que, de forma coocorrente, constituem os sons das línguas. Classes naturais são grupos de segmentos que compartilham os mesmos traços. Vogais constituem uma classe natural; consoantes, outra; obstruintes, outra etc. Processos e regras fonológicas podem ser aplicados a classes naturais, não apenas a segmentos isolados. Os traços distintivos são a unidade mínima da chamada terceira articulação.

Os traços distintivos apresentados pela proposta de Chomsky e Halle, com a publicação do SPE, são de classe principal (consonantais, silábicos e soantes), de ponto de articulação (coronal, anterior, labial, distribuído, alto, baixo, posterior, arredondado, tenso, raiz de língua avançada), de modo de articulação (contínuo, metástase retardada, nasal, lateral), laringal (vozeado) e prosódicos (acento e *pitch*). Existem traços pertinentes e traços impertinentes.

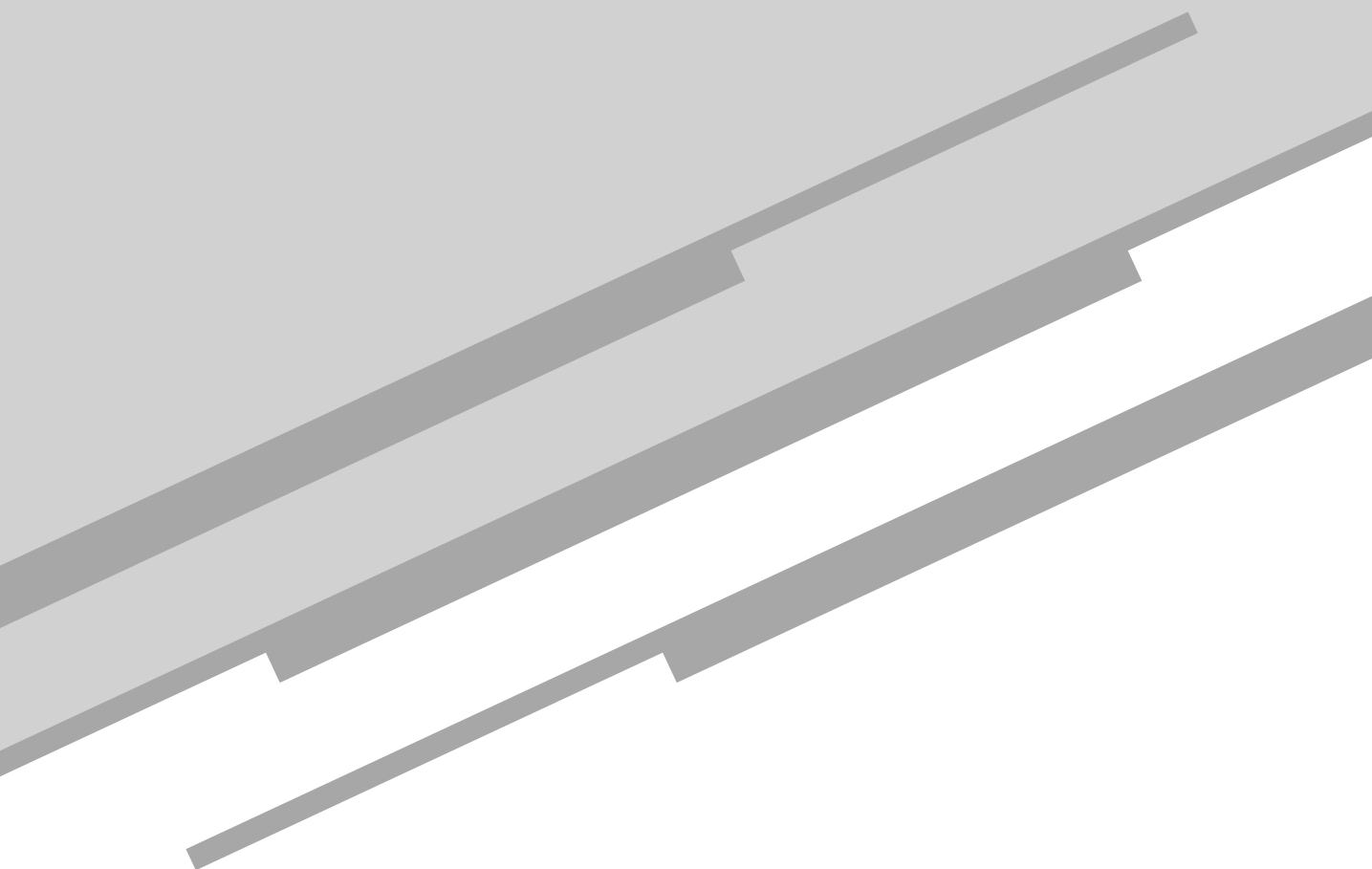
Pudemos, ainda, estudar que neutralização é o fenômeno de perda das características distintivas de fonemas de uma língua, gerando realizações que constituem apenas variações fonéticas em determinados contextos. O arquifonema, por sua vez, é uma entidade ainda mais abstrata que o fonema, representativa do processo de neutralização.

Informação sobre a próxima aula

A próxima aula explorará os diferentes tipos de transcrição (fonética e fonológica), de modo que possamos exercitar os conceitos e representações até aqui estudados e praticar a formalização linguística das transcrições nos estudos fonético-fonológicos.

Aula 7

Transcrição fonética e fonológica



Marli Hermenegilda Pereira
Mikaela Roberto
Ricardo Stavola Cavaliere

Meta da aula

Esta aula tem como meta explicar dois tipos distintos de transcrição: a fonológica e a fonética.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. estar familiarizado com o alfabeto fonético internacional, especificamente os símbolos relativos às transcrições do português do Brasil;
2. diferenciar uma transcrição fonológica de uma transcrição fonética, distinguindo, também, seus propósitos;
3. conscientizar-se da variação existente no meio científico em relação ao assunto, quanto à adoção de símbolos e fenômenos presentes nas transcrições;
4. saber transcrever palavras frequentes do léxico do português do Brasil.

Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula, você precisará ter claros os conceitos explorados nas aulas anteriores, no que diz respeito às noções de fone, fonema, arquifonema, neutralização, alofonia/variação, vogais e consoantes.

Introdução

Nas aulas anteriores, você já viu as principais noções pertinentes à fonética e à fonologia, bem como a classificação articulatória das vogais e das consoantes e seus símbolos fonéticos correspondentes. Pois bem, vamos aqui retomar todas as noções exploradas até agora – essenciais para os estudos de transcrição.

O que é transcrição? E qual sua função? Nos nossos estudos, interessam-nos dois tipos de transcrição: a transcrição fonológica e a transcrição fonética.

Transcrição fonética e fonológica

Uma das dificuldades mais flagrantes da língua escrita está na representação gráfica dos fonemas, fato que ocorre em praticamente todos os sistemas ortográficos de línguas cuja ortografia é **fonorrepresentativa**. Por exemplo, o fonema /s/ em português pode ser representado pelas letras *s* (*seda*), *c* (*cedo*), *x* (*máximo*), *ç* (*ação*), além dos dígrafos *sc* (*nascer*), *xç* (*exceção*), *sx* (*exsudar*). Já a letra *x* pode representar tanto a consoante /s/ como na palavra *máximo*, ou o grupo consonantal /ks/, presente na palavra *axioma*. Em alguns idiomas, como o francês, o sistema ortográfico tem forte influência etimológica, isto é, busca-se através da escrita denunciar a origem da palavra. Eis por que os termos de origem grega grafam-se nessa língua com o dígrafo *th*, uma alusão histórica ao *θ* (*anthologie*, *arthritis* etc.).

Como os estudos fonéticos e fonológicos requerem uma *representação gráfica biunívoca* do fonema, isto é, na qual cada fonema corresponde apenas a um grafema e um grafema corresponde apenas a um fonema, surgiu a necessidade de se criar um *alfabeto fonético*. Assim, o alfabeto fonético resume-se numa série de símbolos convencionais que se utilizam para representar graficamente os sons da língua. Denominamos *transcrição fonética* o ato de registrar os sons linguísticos mediante uso do alfabeto fonético.

Fonorrepresentativa

A escrita procura representar aquilo que é funcionalmente significativo, ou seja, os fonemas.



Para quem deseja conhecer melhor a origem e a evolução da escrita e a natureza da nossa ortografia, recomendamos a obra: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de Mary Kato, da editora Ática.

A utilidade da transcrição fonética é bastante expressiva não só nos estudos linguísticos, como também na didática das línguas modernas. Na Linguística, a transcrição possibilita uma referência acurada ao som sob estudo, de tal sorte que não seja confundido com sons semelhantes ou de proximidade articulatória. Na Didática, a transcrição informa, por exemplo, ao aluno de qualquer língua estrangeira a pronúncia exata de uma dada palavra, bem como as variações que essa palavra pode sofrer em determinada área geolinguística, visto que sua acuidade inclui a fidedigna expressão dos alofones e marcas prosódicas.

Embora tenha função uniformizadora, o próprio alfabeto fonético pode variar, de acordo com a escola linguística que trata do assunto. Por tal motivo, existem alguns símbolos distintos, denominados *símbolos concorrentes*, que representam o mesmo som. Por exemplo, tanto o símbolo t̪ quanto o símbolo t̺ representam a consoante africada alveolar desvozeada que aparece na pronúncia da palavra *tia*, segundo a variante do Rio de Janeiro.

Por norma, transcreve-se o som linguístico usando-se o respectivo símbolo entre barras, por exemplo $/a/$, $/t/$, $/\text{ʌ}/$ etc. Transcreve-se o fone (ou alofones) entre colchetes, por exemplo $[\text{t̪}]$ e $[\text{t̺}]$ são alofones do fonema $/t/$. Essa norma, entretanto, também não é rígida, de tal sorte que muitos estudos usam as barras ou os colchetes para ambos os fins.

Com o uso disseminado do computador na redação de textos científicos, dispomos hoje de famílias de símbolos, denominados “fontes” na linguagem da informática, para a tarefa de transcrição fonética. A mais completa, disponível para o grande público na internet e elaborada com base no alfabeto fonético internacional, denomina-se *SILDoulos*, disponível gratuitamente em vários *sites* especializados.

O alfabeto fonético elaborado pela Associação Internacional de Fonética (em inglês, usa-se a sigla IPA) pretende oferecer opções de registro fonético para todas as línguas conhecidas.

Como se percebe, o alfabeto fonético internacional é um conjunto de símbolos que representam fones, ou seja, as unidades sonoras que podem constar em todas as línguas conhecidas em seu aspecto material. Definir se tais unidades são fonemas ou não em dada língua é tarefa da fonologia.

A transcrição fonética tem por objetivo ser fiel a uma determinada ocorrência, real, concreta. Daí, por exemplo, ela dar conta de indicar uma pronúncia como “m[ɪ]nin[u]” (menino).

A transcrição fonológica, por sua vez, tem um caráter mais teórico, de formalizar o registro de uma representação abstrata das possíveis realizações orais da língua. É usada quando se deseja representar uma expressão adotada em uma comunidade linguística, de modo geral, como, por exemplo, se quisermos mencionar como se fala a palavra *menino* no português, sem levar em consideração as diferentes possibilidades de pronúncia. Nas transcrições fonológicas, registramos os fonemas (isto é, as unidades distintivas em seu aspecto abstrato) e, quando há neutralizações, os arquifonemas vêm sempre entre barras / /, como que numa tentativa de representar uma realização *standard*, daí abstrata. A bem da verdade, o arquifonema, quando transcrito sozinho, deve vir entre barras verticais | |.

Considerando que estudamos simultaneamente a fonética e a fonologia do português em nível elementar, você verá que há fonemas que se realizam foneticamente em *apenas um fone* (isto é, a realização material do fonema) e outros que têm *alofones* (isto é, variantes de um mesmo fonema). Isto significa que a transcrição fonética de uma dada palavra poderá ser variada em face dos alofones que o falante efetivamente pronuncia.

As referências aos alofones usam a nomenclatura do IPA. Observe que, quando dizemos que um alofone é típico do Rio de Janeiro ou do Sul, não descartamos que ele ocorra também em outras regiões do país. Igualmente, quando dizemos que dado alofone é típico de sílabas tônicas ou átonas, não descartamos sua ocorrência em sílabas distintas.

Por fim, podemos sintetizar a diferença entre transcrição fonética e transcrição fonológica da seguinte forma: se desejamos transcrever a pronúncia exata de dado falante, nosso trabalho é de caráter fonético, razão por que devemos especificar os alofones típicos da pronúncia desse

falante. Se desejamos transcrever a palavra levando em conta o som em plano abstrato, nosso trabalho é de caráter fonológico, motivo pelo qual lançamos mão apenas dos símbolos dos fonemas. Assim, a palavra *teoria*, no plano fonético, poderá ser transcrita como [tɛɔ'riə], [teo'riə], [tɪo'riə], [tʃɪo'riə] e tantas outras possibilidades quantas forem as pronúncias verificadas. Já no plano fonológico, apenas transcrevemos /teo'ria/.



A transcrição fonológica também é conhecida como transcrição fonêmica.

As transcrições fonológica e fonética exigem o conhecimento de muitas convenções, além de atenção especial a detalhes relativos ao universo sonoro e que, por vezes, podem ser dificultados pela familiaridade do estudante com o sistema convencional de escrita. Como vimos, em português, temos vários casos de palavras que geram dúvida quanto à escrita. É com “g” ou “j”? É com “x” ou “ch”? É com “ss” ou “ç”? Diferentemente do que ocorre com a escrita convencional, as transcrições têm uma relação mais transparente entre fonema/fone e símbolo gráfico, o que facilita o registro, desde que os símbolos todos sejam de conhecimento de quem faz a transcrição. Neste capítulo, vamos rever esse conjunto de símbolos, já vistos nas Aulas 3 e 4.

Vamos, então, começar nossos estudos?

Transcrevendo...

Começemos com uma palavra simples: *batata*. A palavra *batata* é trissílaba, paroxítona de estrutura CV (consoante + vogal), padrão silábico frequente na língua. As consoantes presentes na palavra não costumam apresentar variação na pronúncia, ao menos não costumam quando combinadas com a vogal /a/, que, por sua vez, é importante que você perceba, varia em cada sílaba. Podemos dizer que o /a/ da sílaba tônica é mais forte (o que chega a soar redundante, dada a noção de tonicida-

de) e que o /a/ da sílaba postônica (sílaba átona final) é o mais débil, ficando o /a/ da sílaba pretônica (sílaba anterior à sílaba tônica) em segundo lugar no grau de acentuação. Até aqui, tudo bem? Fale a palavra e constate essa característica. Observe, entretanto, que, embora haja variações na realização, trata-se de uma única vogal: /a/. Daí a transcrição fonológica adotar um único símbolo para a vogal nas três sílabas: /ba'ta.ta/. Os símbolos relativos às consoantes coincidem com as letras da escrita ortográfica, não gerando dificuldade para a transcrição.



Observe o apóstrofo na transcrição. Ele sinaliza a sílaba tônica e é sempre registrado imediatamente antes dela nas palavras transcritas.

Na transcrição fonética, por sua vez, a variação do /a/ deverá ser registrada, especialmente na sílaba átona final, de caráter mais reduzido que na pretônica. Observe as seguintes transcrições fonéticas: [ba'tatə] e [ba'tatɐ]. O fonema /a/ da última sílaba é representado foneticamente por [ə] ou [ɐ] (um “e” e um “a” virados). Na verdade, se você for conferir o quadro de vogais do IPA, verá que os símbolos estão muito próximos, sendo um apenas um pouco mais alto que o outro. Isso significa que ambas as realizações são possíveis em variações fonéticas do PB em posição átona.

Embora a pretônica também possa ser realizada de forma reduzida, não é tão frequente tal registro nas transcrições fonéticas da vogal /a/.

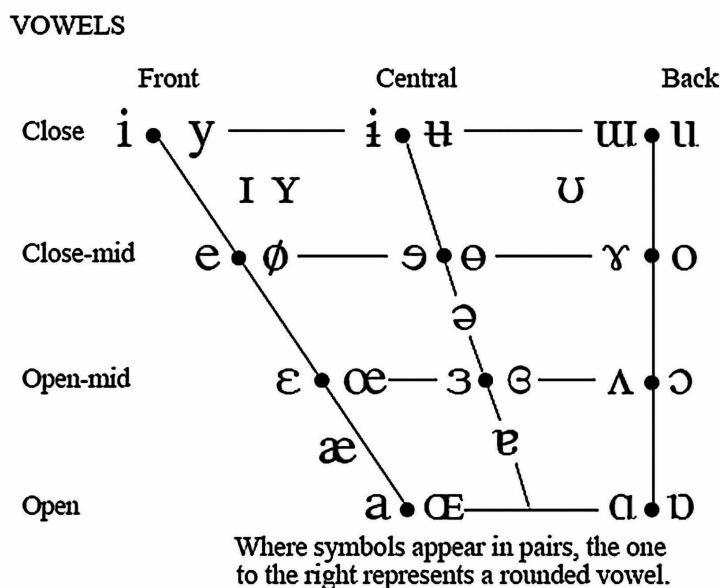


Figura 7.1: Quadro de vogais do Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

Vamos agora estudar a palavra *copo*. Embora a escrita apresente duas letras idênticas para a representação das vogais, oralmente trata-se de duas vogais distintas, certo? Observe a transcrição fonológica: /'kopo/. A primeira corresponde à vogal posterior média-baixa, enquanto a segunda corresponde à vogal posterior média-alta. A escrita ortográfica do PB nem sempre dá conta de distinguir essas duas vogais, mas, para as transcrições, tal distinção é imprescindível, portanto, fique atento, pois cada uma tem seu símbolo próprio!

Observe agora duas possíveis transcrições fonéticas para a palavra *copo*: ['kopo] e ['kopu]. Apesar de a primeira transcrição fonética ser idêntica à transcrição fonológica, ela não representa a maioria das realizações no PB. É porque, em palavras terminadas com /o/ átono final, é comum ocorrer um fenômeno chamado “alçamento”, que nada mais é do que a sua substituição por outro segmento vocálico mais alto, no caso o [u]. Poucos falantes produzem a média-baixa nesse contexto. Em algumas regiões do Paraná e do interior de São Paulo e Rio Grande do Sul é possível evidenciar essa realização, mas a maioria dos falantes brasileiros realizará a posterior átona final como alta reduzida [u].

Se você consultar o quadro vocálico do IPA, constatará que [u] está muito próximo da vogal /u/, sendo apenas um pouco mais baixo e ante-

rior. O [u] não constitui um fonema do PB, apenas uma possibilidade de realização fonética. Trata-se, portanto, de um simples caso de alofonia, presente nas palavras grafadas com “o” final, quando átono, não devendo ser confundido com neutralização.

O mesmo alçamento ocorre com palavras terminadas com “e” átono final, como *pele*, *cabide* ou *carne*. A pronúncia, nesses casos, pode até ser [e] em algumas variantes, mas costuma ser predominantemente [ɪ], no Brasil, um equivalente reduzido do /i/. Silva (2003, p. 74) chama a atenção para a diferença na força de emissão dessas vogais átonas finais e para a consequente representação por meio de outros símbolos. “As vogais [ɪ] e [u] diferem das vogais [i] e [u] pelo fato de as primeiras serem levemente mais centralizadas e articuladas com menor esforço muscular. As vogais [i, u] são denominadas vogais tensas e as vogais [ɪ, ʊ] são denominadas vogais frouxas (ou lax).”

Atividade 1

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Registre adequadamente a transcrição fonológica e a transcrição fonética das vogais átonas finais das palavras que seguem:

	Transcrição fonológica	Transcrição fonética
a) capa	cap/ /	cap[]
b) chave	chav/ /	chav[]
c) jogo	jog/ /	jog[]
d) janela	janel/ /	janel[]
e) pote	pot/ /	pot[]
f) bloco	bloc/ /	bloc[]
g) boca	boc/ /	boc[]
h) crime	crim/ /	crim[]
i) barro	barr/ /	barr[]

Resposta Comentada

Observe que a transcrição fonológica registra o fonema em si. Neste caso, temos três fonemas vocálicos em posição átona final: /a/, /e/ e /o/. Já a transcrição fonética registra as variantes reduzidas desses mesmos fonemas, que são, respectivamente [ə], [ɪ] e [ʊ]. Assim, as respostas ficam como segue:

- a) /a/ e [ə]
- b) /e/ e [ɪ]
- c) /o/ e [ʊ]
- d) /a/ e [ə]
- e) /e/ e [ɪ]
- f) /o/ e [ʊ]
- g) /a/ e [ə]
- h) /e/ e [ɪ]
- i) /o/ e [ʊ]

Feitas as considerações sobre as vogais átonas finais, cabe destacar a consoante inicial da palavra *copo*, em que o símbolo da transcrição não coincide com o da escrita ortográfica, requerendo atenção, principalmente porque, nesse caso, a letra *c* ora corresponderá ao fonema /k/ (*casa*) e ora corresponderá ao fonema /s/ (*cela*), dependendo do contexto no qual se encontra. Algumas palavras do português evidenciam a ocorrência desses dois fonemas grafados com a letra *c* em uma mesma palavra, tal é o caso, por exemplo, de *cerca* e *cancela*.

Observe, agora, a palavra *fivela*. Assim como ocorreu com a palavra *copo*, a escrita da palavra *fivela* não revela o timbre da vogal média. Dessa forma, precisamos conhecer as palavras para realizar adequadamente a vogal representada pela letra *e* em casos como *pele*, *alegre*, *letra*, etc. A transcrição fonológica de *fivela* é /f i 'vɛ l a/, enquanto sua transcrição fonética dará conta de representar a variação da átona final: [f i 'vɛ l ə]. As consoantes dessa palavra também não costumam sofrer variação nos contextos apresentados.

Vamos exercitar, agora, as devidas transcrições das vogais médias do PB:

Atividade 2

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Registre adequadamente a transcrição fonológica e a transcrição fonética das vogais médias das palavras que seguem:

	Transcrição fonológica	Transcrição fonética
a) pele	p/ /le/	p[]le
b) jovem	j/ /vem	j[]vem
c) letra	l/ /tra	l[]tra
d) corpo	c/ /rpo	c[]rpo
e) copo	c/ /po	c[]po
f) nobre	n/ /bre	n[]bre
g) neve	n/ /ve	n[]ve
h) ametista	am/ /tista	am[]tista
i) anedota	an/ /dota	an[]dota
j) bodas	b/ /das	b[]das
k) lote	l/ /te	l[]te

Resposta Comentada

Observe que as transcrições fonológica e fonética não sofreram alteração em relação ao registro das vogais médias alta e baixa. Confira as respostas:

- a) /ɛ/ e [ɛ]
- b) /ɔ/ e [ɔ]
- c) /e/ e [e]
- d) /o/ e [o]
- e) /ɔ/ e [ɔ]
- f) /ɔ/ e [ɔ]
- g) /ɛ/ e [ɛ]
- h) /e/ e [e]
- i) /e/ e [e]

j) /o/ e [o]

k) /ɔ/ e [ɔ].

Vamos continuar as nossas transcrições. A palavra *casa*, transcrita fonologicamente como /'kaza/, requer atenção em sua transcrição, devido a possíveis confusões na escolha dos símbolos de transcrição decorrentes da influência da escrita ortográfica da palavra, que apresenta grafemas com valores variados, dependendo do contexto em que aparecem. Começemos pela primeira consoante, a oclusiva velar /k/, registrada ortograficamente como *c*, diante das vogais baixa e anteriores média e alta e pelo dígrafo *qu*. No entanto, a letra *c* diante das vogais anteriores médias e alta, como nas palavras *cela*, *centro* e *cinto*, corresponde à sibilante /s/. Vamos exercitar?

Atividade 3

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Observe as palavras a seguir e transcreva adequadamente os fonemas oclusivos velares e os sibilantes correspondentes à letra *c*:

	Transcrição fonológica
a) Carlos	/ /arlos
b) Célia	/ /élia
c) acerola	a/ /erola
d) calor	/ /alor
e) acácia	A/ /á/ /ia
f) coceira	/ /o/ /eira
g) cuca	/ /u/ /a
h) Cícero	/ /í/ /ero
i) cocada	/ /o/ /ada
j) ciúme	/ /iúme
k) Cacilda	/ /a/ /ilda

Resposta Comentada

Observe que, conforme estudamos, diante das vogais anteriores médias e alta, a letra *c* corresponde à sibilante /s/, enquanto, nos demais contextos, corresponde à oclusiva velar /k/. Assim, seguem as respostas corretas:

- a) /k/arlos
- b) /s/élia
- c) a/s/erola
- d) /k/alor
- e) A/k/á/s/ia
- f) /k/o/s/eira
- g) /k/u/k/a
- h) /s/i/s/ero
- i) /k/o/k/ada
- j) /s/iúme
- k) /k/a/s/ilda

Retomando a palavra *casa*, cabe estar atento ao fonema /z/, que corresponde ao valor do *s* grafêmico entre vogais. É importante não se deixar influenciar pela escrita, uma vez que a mesma letra, em início de palavra, corresponderá a outro fonema: /s/. Vamos exercitar para não confundir?

ATIVIDADE 4

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Observe as palavras a seguir e transcreva adequadamente os fonemas correspondentes à letra *s*:

	Transcrição fonológica
a) salsa	/ /al/ /a
b) Sousa	/ /ou/ /a
c) asinha	a/ /inha
d) usado	u/ /ado
e) liso	li/ /o
f) Susana	/ /u/ /ana
g) solução	/ /oluço
h) caso	ca/ /o
i) suco	/ /uco
j) soma	/ /oma

Resposta Comentada

Observe que a letra *s* pode representar o fonema /s/ ou o fonema /z/. Em início de palavra, corresponderá sempre ao fonema /s/. Entre fonemas vocálicos, sempre corresponderá a /z/. Assim, seguem as respostas corretas:

- a) /s/al/s/a
- b) /s/ou/z/a
- c) a/z/inha
- d) u/z/ado
- e) li/z/o
- f) /s/u/z/ana
- g) /s/oluço
- h) ca/z/o

- i) /s/uco
- j) /s/oma

No registro ortográfico da palavra *cheque*, ocorrem dois dígrafos, certo? Saber disso é importante, pois a transcrição dependerá do reconhecimento de que o *u* presente em *qu* não é pronunciado, por exemplo, e de que *ch* corresponde ao fonema /ʃ/. Pois bem, então, temos /'ʃɛkɐ/, com transcrição fonética geralmente manifestando alçamento na vogal final: [ˈʃɛkɪ].

Quando o *u* é pronunciado no grupo *qu* ou *gu*, as transcrições representam essa realização de forma sobrescrita, juntamente à consoante, interpretada fonologicamente como consoante complexa: /sɛˈkʷɛla/ ou /ˈaɡʷa/, por exemplo. Vamos exercitar, então!

Você viu, até aqui, alguns aspectos importantes concernentes às transcrições fonética e fonológica dos sons do português brasileiro. Nas próximas aulas, trabalharemos, mais detalhadamente, a transcrição das vogais e das consoantes do português, contemplando, na medida do possível, os diversos dialetos.

É bom que você tenha consciência de que o domínio da transcrição fonética só se obtém com muito exercício. Procure resolvê-los e tirar suas dúvidas antes de avançar no estudo, pois saber ler e transcrever é importante para o entendimento dos textos acadêmicos e para a elaboração de trabalhos neste ramo de estudo.

Conclusão

Nesta aula, pudemos estudar as transcrições fonológicas e fonéticas, suas características e distinções, o que nos permitiu familiarizarmo-nos com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), mais especificamente os símbolos adotados nas transcrições do português do Brasil. Os diferentes propósitos das transcrições permitiu-nos conhecer o registro fonético e fonológico de palavras frequentes do léxico de nossa língua e introduzir os estudos sobre diferentes fenômenos e processos comuns a esse nível de estrutura linguística.

Uma conclusão importante é a de que *há tantas transcrições fonéticas de uma palavra quantas forem suas realizações materiais válidas*, motivo pelo qual ordinariamente haverá mais de uma transcrição para dada palavra.

===== **Atividade Final** =====

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Observe as palavras a seguir e faça a devida transcrição fonética, com base na realização ou não do /u/ presente nos grupos *gu/qu* a seguir:

	Transcrição fonética
a) queijo	[]eijo
b) guitarra	[]itarra
c) sequência	se[]ência
d) aguentar	a[]entar
e) guerra	[]erra
f) aquilo	a[]ilo
g) aquoso	a[]oso
h) aquele	a[]ele
i) bilíngue	bilín[]e
j) aquífero	a[]ífero

Resposta Comentada

Observe que a realização ou não do /u/ alterará a transcrição:

- a) [k]eijo, pois há dígrafo na palavra.
- b) [g]itarra, pois há dígrafo na palavra.
- c) se[k^w]ência, pois não há dígrafo, sendo o /u/ realizado.
- d) a[g^w]entar, pois não há dígrafo, sendo o /u/ realizado.
- e) [g]erra, pois há dígrafo na palavra.
- f) a[k]ilo, pois há dígrafo na palavra.
- g) a[k^w]oso, pois não há dígrafo, sendo o /u/ realizado.

- h) a[k]ele, pois há dígrafo na palavra.
- i) bilín[g^w]e, pois não há dígrafo, sendo o /u/ realizado.
- j) a[k^w]ífero, pois não há dígrafo, sendo o /u/ realizado.

Resumo

Nesta aula, pudemos estudar os diferentes tipos de transcrição adotados nos estudos fonético-fonológicos. Vimos que a transcrição fonológica dá conta de registrar sistematicamente os sons da língua em suas possíveis combinações, em um âmbito mais abstrato, sem que estejam especificadas variações diversas, enquanto a transcrição fonética, por sua vez, é fiel ao registro das variações ocorrentes na língua, permitindo diferentes níveis de especificação. Por tal motivo, a transcrição fonética se faz no plano dos fones e alofones, ao passo que a transcrição fonológica se faz no plano dos fonemas. Na primeira, registramos fones e alofones entre colchetes [] e, na segunda, fonemas, sempre entre barras / /.

Vimos que as vogais átonas finais sofrem o que chamamos de redução, fenômeno no qual há uma produção mais “frouxa”, gerando variação. O fonema /a/, em contexto postônico final, por exemplo, realiza-se como [ə], e os fonemas /e/ e /o/ apresentam o que chamamos de alçamento, realizando-se, geralmente, como [ɪ] e [ʊ], respectivamente.

Estudamos, ainda, que a ortografia oficial da língua não dá conta de registrar de forma biunívoca e transparente todos os fonemas da língua, sendo comum que dois fonemas sejam representados por um único grafema, o que ocorre, por exemplo, com as vogais médias-altas e baixas /e/ e /ɛ/, representadas por *e*, e /o/ e /ɔ/, representadas por *o*, gerando dúvidas quanto à realização fonêmica em muitos contextos e exigindo que se atente ao devido registro nas transcrições.

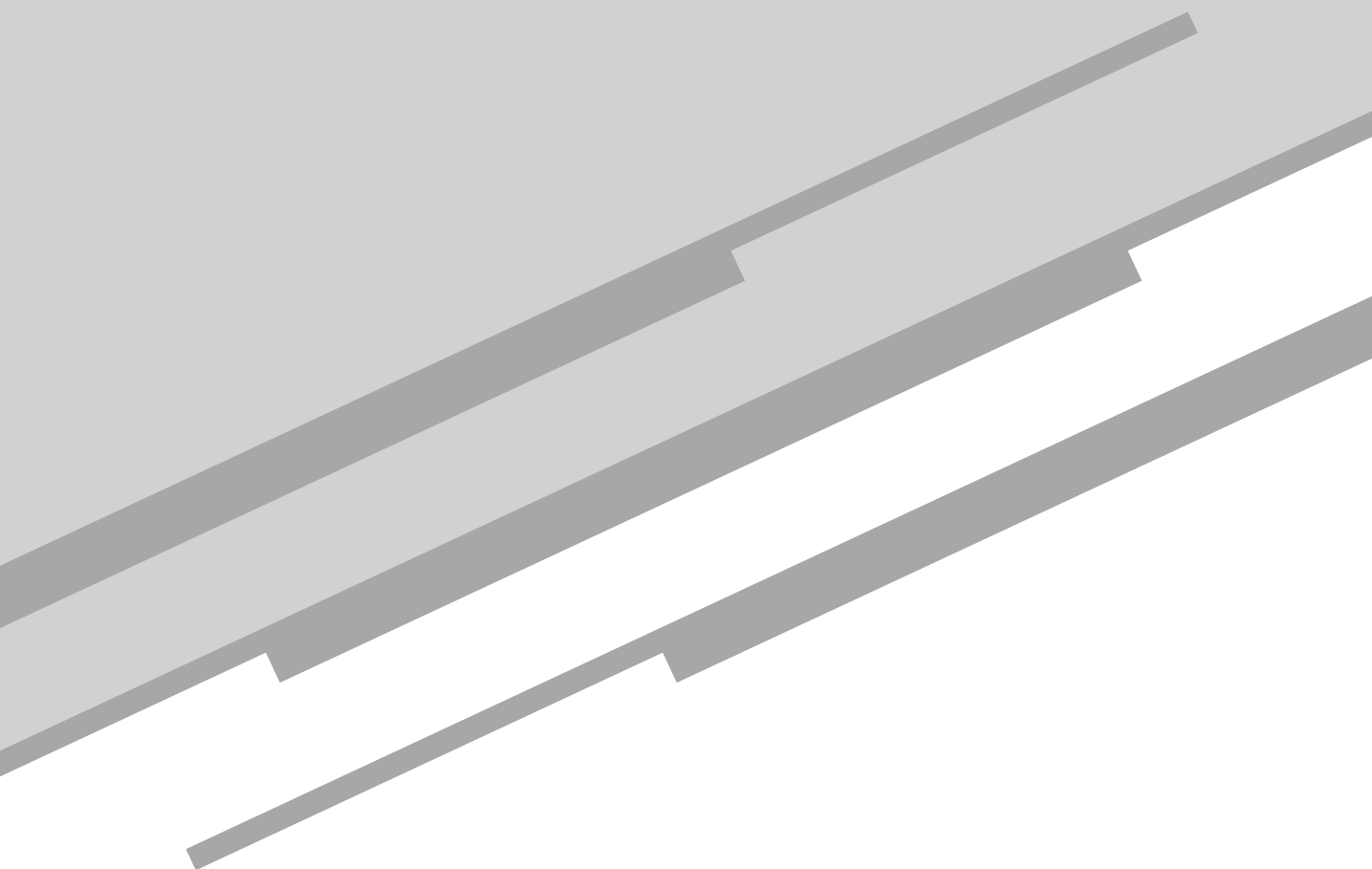
Outros casos em que não há uma correspondência direta entre grafema/fonema: 1) a transcrição dos fonemas oclusivos velares e os sibilantes correspondentes à letra *c*: letra *c* → *a*, *o*, *u* = /k/; letra *c* → *e*, *i* = /s/; 2) o grafema *s* pode corresponder ao fonema /z/ quando vem entre duas vogais e ao fonema /s/ em início de palavra; e 3) os dígrafos *ch*, *qu*, *gu* correspondem, respectivamente, aos fonemas /ʃ/ e /k/.

Informação sobre a próxima aula

A próxima aula tratará sobre a sílaba. Nela, você ficará ciente de como a sílaba se estrutura nas palavras de nossa língua, conhecerá os padrões frequentes e compreenderá fenômenos associados à estrutura silábica.

Aula 8

A sílaba: conceito e estrutura



Mikaela Roberto
Marli Hermenegilda Pereira

Meta

A meta desta aula é explorar a sílaba como unidade fonológica, a partir de seu conceito e estrutura.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. explicar o que caracteriza uma sílaba;
2. identificar a estrutura silábica do português do Brasil (PB);
3. reconhecer os padrões silábicos do PB;
4. reconhecer o acento como fonema suprasegmental.

Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula, você precisará ter noções básicas de vogal e consoante, exploradas nas Aulas 3 e 4.

Introdução

Ao estudarmos sincronicamente temas de Fonologia, um dos assuntos em pauta na atualidade dos debates é a noção de sílaba. Como já exploramos os sons vocálicos e consonantais do PB, cabe, aqui, estudarmos especificamente a sílaba e o que a caracteriza.

Iniciemos, então, nossos estudos silábicos com a definição proposta por Dubois et al. (1999):

Chama-se sílaba a estrutura fundamental, na base de todo o agrupamento de fonemas da cadeia da fala. Esta estrutura se fundamenta sobre o contraste entre os fonemas tradicionalmente chamados de vogais e consoantes. A estrutura fonemática da sílaba é determinada por uma [sic] conjunto de regras que variam de língua para língua. (DUBOIS et al., 1999, p. 547).



Sendo a sílaba a menor unidade percebida pelos falantes, uma pessoa analfabeta não consegue compreender a noção de fonema, pois é o sistema alfabético que nos permite abstrair da sílaba as unidades que a constituem. Chineses, por exemplo, que aprendem um sistema de escrita predominantemente silábico (no qual cada grafema corresponde a uma sílaba, e não a um fonema), não conseguem entender o que é um fonema. É a essa consciência de como se estrutura a língua oral que chamamos consciência fonológica, importante para a alfabetização, sendo construída simultaneamente ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Muito teríamos a estudar sobre a sílaba. Aliás, apenas o conteúdo desta aula poderia ser a ementa de um curso inteiro. Cada língua se organiza silabicamente de maneira distinta. Alguns fonemas que, no PB, não podem assumir pico silábico, ou seja, posição central, são núcleos de sílaba em outras línguas, como o que acontece com a consoante líquida do inglês, presente na palavra *little*. Oralmente temos /'l i . t l/, uma palavra dissílaba, ou seja, composta por duas sílabas, em que a segunda

não possui vogal, mas outra soante (a líquida) que assume pico silábico (não confunda com a escrita, em que aparece a letra *e*. Na pronúncia, ela não se manifesta). O /l/ não pode ser centro de sílaba no PB, mas pode no inglês.



O ponto na transcrição de *little* serve apenas como indicativo didático da separação silábica da palavra, não sendo oficialmente um registro fonético.

Os fonemas costumam se combinar em padrões que se repetem, caracterizando a estrutura silábica de cada língua. Não é à toa que, ao ouvirmos determinadas palavras desconhecidas, logo pressupomos tratar-se de uma determinada língua, que não a nossa. Isso ocorre porque já temos algum conhecimento da organização fonológica daquela língua (ainda que esse conhecimento seja intuitivo). Existe até uma brincadeira comumente feita por crianças a partir de algumas estruturas frasais em português que lembram o padrão fonológico de outras línguas. Experimente falar sem pausa, por exemplo, a seguinte frase: “O a tem som de u”. Parece inglês, não? Experimente, agora, falar: “As aftas ardem”. Não lembra o alemão? Curioso, não é mesmo?

A noção de sílaba é essencial para os estudos fonológicos. A sílaba representa um ou mais fonemas emitidos de uma só vez e constitui a unidade mínima percebida pelos falantes. Há duas grandes linhas teóricas que dão conta de explicar a estrutura silábica: a autosegmental e a métrica. Segundo Collischonn (1999, p. 92), “as duas teorias fazem previsões diferentes a respeito do relacionamento entre elementos no interior da sílaba”. As diferentes concepções representam maneiras distintas de interpretar como as regras fonológicas interferem na sílaba ou em parte dela.

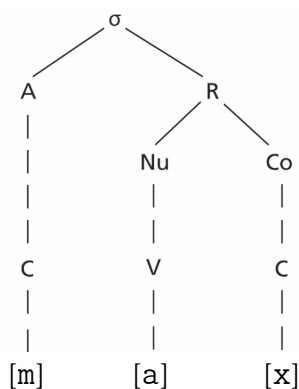
Vamos assumir, aqui, a concepção métrica adotada por Selkirk (1982), com base nas propostas feitas por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969). De acordo com tal concepção, “Uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia.” (COLLISCHONN, 1999, p. 92).

O ataque corresponde ao(s) fonema(s) do início da sílaba – antes da vogal, que é o núcleo – e a coda corresponde ao(s) fonema(s) do final, quando houver segmentos além da vogal na sílaba. A coda e o núcleo da sílaba formam a rima. Nem toda sílaba terá coda (por exemplo, *pá*) e nem toda sílaba terá ataque (por exemplo, *ui*), mas o núcleo é obrigatório (a vogal é obrigatória em toda sílaba).



Lembre-se: uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R). A rima consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). A rima pode se constituir apenas pelo núcleo, ou seja, somente pela vogal. Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia, ou seja, pode não ocorrer.

A letra grega $[\sigma]$ (*sigma*, que corresponde ao *s* latino) representa a sílaba. Observe, no esquema a seguir, os elementos silábicos:



Como você pode observar no esquema, σ é a sílaba. No caso do exemplo dado, é a palavra inteira, pois a palavra é monossílaba: *mar*. A sílaba *mar* é composta por três segmentos:

► [m] + [a] + [x]

A vogal /a/ constitui o núcleo silábico. A consoante /m/ constitui o ataque da sílaba e o **rótico** constitui a coda silábica, junto ao núcleo na rima da sílaba.

Rótico

Róticos são todas as possíveis realizações correspondentes aos *r* ou *rr* gráficos.

É conveniente, aqui, ajudar você a refletir novamente sobre a diferença entre o que aprende e o que ensina. Por favor, não vá para a sala de aula ensinar coda, ataque e rima a seus alunos! Como traduzir esse conhecimento a uma linguagem simples, então? Fácil! Eles precisam saber que a vogal sempre será o núcleo silábico. Eles precisam compreender que algumas sílabas terão um ou mais elementos em posição inicial, antes da vogal nuclear. E eles precisam saber que algumas sílabas, após a vogal nuclear, terão um ou mais elementos em posição final. Esse conhecimento vai auxiliá-los a compreender como se organizam certas estruturas nos nossos sistemas oral e ortográfico. Simples, não? É isso que estamos estudando aqui, mas com a devida linguagem técnica.

===== **Atividade 1** =====

Atende aos Objetivos 1 e 2

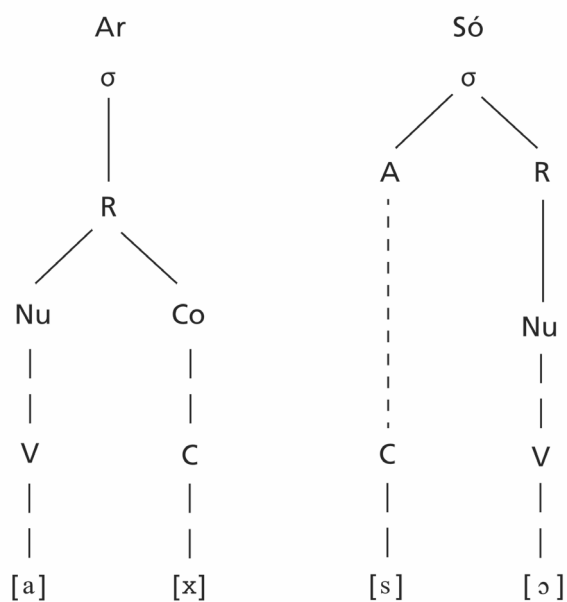
A partir do exemplo dado (*mar*), formalize a estrutura silábica dos monossílabos a seguir. Isso ajudará você a se familiarizar com as noções recém-aprendidas. Basta seguir o padrão e identificar cada categoria nos exemplos que seguem. O primeiro serve de modelo para você. Nas demais estruturas, você só precisa identificar cada segmento da sílaba, observando que cada sílaba tem uma estrutura diferente (com ou sem ataque, com ou sem coda, por exemplo):

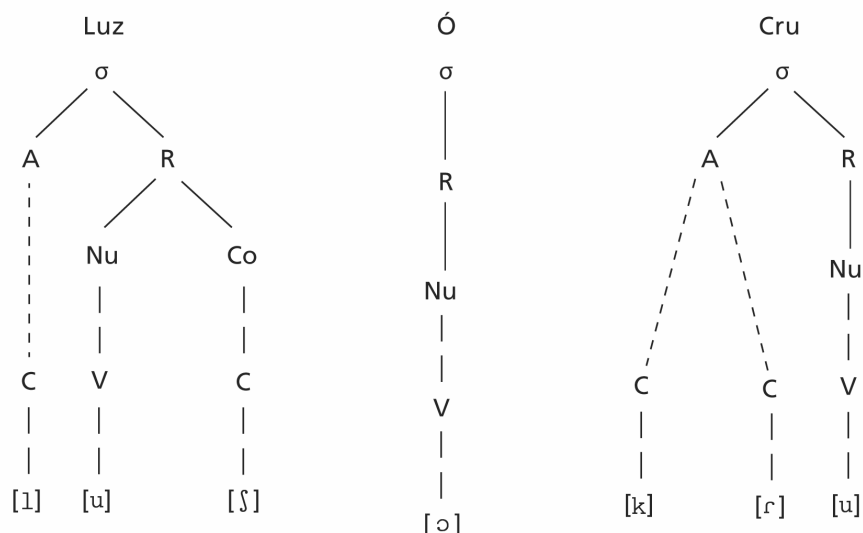
É	Ar	Só
<div>σ R Nu V /ε/</div>		

Luz	Ó	Cru

Resposta Comentada

A seguir, você pode conferir as estruturas de cada monossílabo proposto na atividade.





Ar: observe que a sílaba possui elemento em posição de coda, além do núcleo.

Só: observe que a sílaba possui elemento em posição de ataque, além do núcleo.

Luz: observe que a sílaba possui elemento em posição de ataque e em posição de coda.

Ó: observe que a sílaba só possui núcleo. A rima, neste caso, é constituída somente por ele, pois não há coda.

Cru: observe que a sílaba possui ataque ramificado, com dois elementos.

O molde silábico do PB

O número de segmentos presentes em cada constituinte silábico varia de língua para língua. O molde silábico, segundo Collischonn (1999, p. 98), é “[...] uma afirmação geral a respeito da estrutura possível de sílabas numa determinada língua”. Esse padrão costuma ser obtido por meio dos monossílabos dessa língua. Não há consenso entre os estudiosos quanto ao molde silábico do PB e isso ocorre devido a diferentes concepções teóricas para os estudos fonológicos da língua. Assim, há quem considere que os monossílabos *é* e *um* correspondam a uma vogal: V. Há quem os considere diferentes, sendo *é* V e *um* VC (sílabas fechadas).

por uma consoante nasal em posição de coda, nos moldes da teoria de Mattoso Câmara Jr., de 1970). Há, ainda, quem registre igualmente vogais e semivogais como V. Há quem as distinga, sendo vogal V e semivogal V'.

Diferentes concepções implicarão variação no número de padrões silábicos da língua. O importante é atentar para as seguintes informações, apontadas por Bisol (2013a):

- I. A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória.
- II. A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal, e a coda é uma soante ou /S/.
- III. O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não nasal. (BISOL, 2013a, p. 23)

O que existe em comum a todos os padrões, independentemente da teoria que se adote, é a presença de uma vogal (V). A posição de ataque e coda terá diferentes possibilidades de preenchimento, conforme será visto a seguir.

Núcleo silábico

De acordo com os estudos fonológicos, a sílaba apresenta uma crescente sonoridade que vai do ataque silábico em direção ao núcleo, resultando no pico silábico – a vogal – e uma decrescente sonoridade a partir dele, em direção à coda.

Há estudiosos que defendem que as semivogais ocupam a posição central da sílaba, junto à vogal, enquanto outros defendem que, no lugar de um *núcleo ramificado*, há uma *rima ramificada*, com a semivogal preenchendo posição de coda. Daí advém a defesa de que no PB os verdadeiros ditongos são os decrescentes, em que a semivogal vem após a vogal (na coda silábica, já que a semivogal caracteriza-se por ser assilábica e não poder assumir núcleo de sílaba). Um forte argumento, entretanto, a favor do núcleo ramificado é que o tepe /ɾ/ nunca se realiza após sílabas travadas (que têm elemento em posição de coda). Assim, palavras como *euro*, *Cairo*, *Mauro* etc. mostram que o ditongo está todo contido no núcleo, não havendo preenchimento da coda silábica, o que viabiliza a realização do tepe, diferentemente do que ocorre com as vogais nasais, como em *honra*, por exemplo.



Em um *núcleo ramificado*, teremos dois elementos na posição central da sílaba, sem que haja coda. Em uma *rima ramificada*, teremos apenas um elemento vocálico na posição de núcleo e outro elemento na posição de coda. Como você pode perceber, o tema é polêmico! Estudaremos, contudo, os encontros vocálicos numa aula específica, não se preocupe!

Ataque silábico (*onset*)

A posição de ataque silábico, também chamado de *onset* silábico, pode estar vazia, conforme já vimos no início desta aula, pode ser preenchida por uma consoante (ataque simples) ou por duas consoantes (ataque complexo), conforme a palavra *cru*, analisada na Atividade 1.

Alguns padrões são bastante produtivos, podendo-se manifestar tanto em posição inicial de palavra como em posição medial (interna), como, por exemplo, *pr* nas palavras *prato*, *aprontar*, *capricho*. Conforme afirmam Hora e Pedrosa (2012), algumas sílabas com ataque simples são mais frequentes que outras, e a baixa produtividade de alguns segmentos tem influência de fatores históricos, não de eventuais problemas de formação no início de palavras.

Outros padrões, porém, costumam ocorrer apenas em posição medial, como é o caso de sílabas iniciadas com as consoantes /ɲ, ʎ, ʀ/, como em *ninho*, *ilha* e *caro*.



Há alguns casos nos quais as consoantes /ɲ, ʎ/ aparecem em sílabas iniciais, como as palavras *nhoque*, *lhasa*, *lhama*... mas tais palavras constituem empréstimos linguísticos, portanto, exceções, não regra. O tepe /ʀ/ pode também se manifestar em sílabas iniciais em algumas variantes sociolinguísticas, como ocorre em algumas regiões do interior de Santa Catarina, em que a fala sofre forte influência da colonização italiana, na qual os róticos são sempre realizados como tepe /ʀ/.

Quanto ao ataque complexo, apenas as líquidas /r/ e /l/ ocorrem em posição C₂ no PB. Ex.: *prato, placa, abrir, aplauso*. Há, contudo, algumas restrições, como apontam Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes (2011, p. 96): “Em sílabas localizadas em início de palavra, não há ocorrência dos encontros consonantais *tl*, *dl* ou *vr*. Já em sílabas localizadas no interior de palavras, não aparecem os encontros *dl* e *vl*.” Ou seja, a combinação *dl* nunca vai acontecer no PB, enquanto *tl*, *vl* e *vr* ocorrem em contextos específicos, sendo pouco frequentes.

Coda silábica

A posição final de sílaba, conhecida como coda silábica, também pode apresentar-se vazia ou preenchida, tendo um (coda simples) ou dois elementos (coda complexa). Se no ataque silábico há várias combinações possíveis, a posição de coda silábica é bastante restritiva quanto ao seu preenchimento.

Os padrões silábicos VC e CVC aceitam apenas quatro consoantes em posição de coda, a saber: /l, R, N, S/. Ex.: *sol, mar, tem, mês*. Observe, nesses casos, que as letras maiúsculas representam arquifonemas possíveis nessa posição. Não iremos aprofundar o comportamento desses segmentos consonantais em final de sílaba, porque, na próxima aula, trataremos esse tema mais detalhadamente.



Hora e Pedrosa (2012) alertam para a dificuldade que alguns estudantes têm com a escrita de palavras novas, uma vez que a realização da semivogal [w] leva, muitas vezes, ao registro gráfico de um *u* no lugar do *l*, o que, segundo os autores, pode ser minimizado com a exploração das derivações:

- *papel* – *papelaria* (*papeuaria**)
- *jornal* – *jornaleiro* (*jornaueiro**)

Por fim, cabe mencionar que tanto os róticos quanto a fricativa [S], bem como palavras estrangeiras terminadas em outras consoantes e incorporadas ao léxico, sofrem processo de ressilabação quando em posição final de palavra seguidas de vogal. Pronuncie, por exemplo, as palavras *mar* e *azul* dando uma pausa entre elas. O que você observou? A consoante final *r* da palavra *mar* é um elemento constituinte dessa palavra monossílaba (CVC). No entanto, experimente pronunciar as palavras *mar* e *azul*, em sequência, sem pausa entre elas, e veja o que acontece. A consoante final *r* da palavra *mar* deixa de compor o monossílabo e, junto com a vogal *a* inicial da palavra *azul*, forma uma nova sílaba (CV): ma. ra. zul.

Atividade 2

Atende ao Objetivo 3

Forneça dois exemplos de palavras que apresentem as seguintes configurações silábicas (não se esqueça de marcar a sílaba em questão):

a) Sílabas que comecem com uma consoante.

b) Sílabas que comecem com duas consoantes.

c) Sílabas que comecem com uma vogal.

d) Sílabas só com uma vogal.

e) Sílabas que terminem com uma consoante.

f) Sílabas que terminem por uma semivogal (*i*, *u*).

Resposta Comentada

Nesta atividade, você deve ter percebido que a língua portuguesa apresenta diversos padrões silábicos, no entanto, em todas as sílabas temos sempre a presença de uma vogal. Isso fica evidente nos casos de palavras como *advogado*, *psicologia*, em que, ortograficamente, tem-se uma organização silábica (ad-vo-ga-do/psi-co-logi-a), mas, foneticamente, tem-se outra organização silábica (a-di-vo-ga-do/pi-si-co-lo-gi-a). Listamos

algumas palavras que exemplificam as organizações silábicas pedidas no exercício: a) casa (**ca-sa**); abelha (a-**be-lha**); massa (ma-**ssa**); carro (ca-**rro**); b) cravo (**cra**-vo); atleta (a-**tle**-ta); flecha (**fle**-cha); bicicleta (bi-ci-**cle**-ta); fraco (**fra**-co); c) árvore (**ar**-vo-re); sairdes (sa-**ir**-des); horta (**hor**-ta); erva (**er**-va); d) água (**a**-gua); abelha (**a**-be-lha); baú (ba-**u**); saída (sa-**i**-da); hematoma (**he**-ma-to-ma); e) torta (**tor**-ta); pesca (**pes**-ca); campo (**cam**-po); canção (**can**-ção); balde (**bal**-de); faz (**faz**); f) beijo (**bei**-jo); Europa (**eu**-ro-pa);

Os exemplos dados merecem alguns comentários: primeiro, os dígrafos (duas letras que correspondem apenas a um fonema) *ch* (chave), *lh* (abelha), *nh* (ninho), *gu* (guerra), *qu* (aquilo), *rr* (arroz), *ss* (passado), *sc* (piscina), *xc* (exceção) correspondem a uma única consoante; segundo, as letras *i* e *u* podem representar tanto uma vogal quanto uma semivogal. Quando essas duas letras correspondem a uma vogal, elas são núcleo de sílaba como no caso de *baú* e *saída*. No entanto, se essas duas letras vierem apoiadas em outra vogal, numa mesma sílaba (ditongo), elas funcionam como semivogal como nas palavras *beijo* e *Europa*. Terceiro, a letra *h* quando vem no início da palavra não corresponde a nenhum fonema, simplesmente, porque ela não é pronunciada em português como nas palavras *horta* e *hematoma*. Quarto, a letra *l*, quando vem no final da sílaba, como no caso de *bal-de*, sofre variação e, na maioria dos estados brasileiros, é pronunciada como uma semivogal *u* cujo símbolo fonético correspondente é [w]. No entanto, fonologicamente, esse som é uma consoante lateral /l/. E, por último, a separação silábica apresentada entre parênteses não segue as regras ortográficas, mas tenta reproduzir a fala, como no caso de *massa* e *carro*. De acordo com as normas ortográficas, na divisão silábica de dígrafos com letras iguais *rr* e *ss* as letras ficam em sílabas separadas (mas-sa) e (car-ro).

O acento na sílaba em português

Diferentes teorias dão conta de explicar e formalizar os estudos sobre o acento em português, mas nossa abordagem introdutória não permite que as exploremos a fundo. Vamos aqui ver alguns pontos essenciais desse estudo.

No clássico exemplo *sábia*, *sabia* e *sabiá*, constatamos que, apesar de haver distinção na escrita (em decorrência do sinal gráfico), os três vo-

cábulos possuem os mesmos fonemas numa mesma sequência. O que os diferencia é a posição da sílaba tônica, ou seja, o acento. São inúmeros os pares mínimos que podem ilustrar a diferença de acento no PB: *bambo/bambu*, *pia/piá*, *amaram/amarão* etc. Isso levou muitos estudiosos a se perguntarem: “Seria o acento um fonema?” A resposta é afirmativa, embora o acento seja um fonema de outra categoria. Ele não se manifesta linearmente na cadeia sonora, mas é algo que se sobrepõe aos demais fonemas. Por esse motivo, ele é chamado de *suprasegmental*, pois está acima dos segmentos da cadeia sonora.

No português, o acento só pode cair sobre uma das três últimas sílabas da palavra. Quando cai na última sílaba, diz-se que a palavra é oxítônica (aguda). Ex.: *bambu*, *café*. Quando cai na penúltima sílaba, diz-se que a palavra é paroxítônica (grave). Ex.: *escola*, *vírus*. Quando cai na antepenúltima sílaba, diz-se que a palavra é proparoxítônica (esdrúxula). Ex.: *lâmpada*.

A maioria absoluta de palavras do português, o que inclui grande parte de palavras de diferentes classes gramaticais, é formada por paroxítonas. O grupo das proparoxítonas, por sua vez, embora tenha muitas palavras de uso frequente, constitui o menor grupo. Ele é formado basicamente por empréstimos do latim e do grego. Prova disso é o processo de regularização do acento para a posição paroxítona em muitos vocábulos, a partir do apagamento da penúltima sílaba em algumas variantes.

Ex.: *árvore* > *árvri*

fósforo > *fósfru*

xícara > *xicra*.

Como afirma Collischonn (1999, p. 133), “Podemos considerar que o acento proparoxítono é marcado, no sentido de que é o menos usual. É um acento especial, contrário à tendência geral de acentuar a penúltima sílaba”. Vem daí o fato de todas as palavras proparoxítonas em português serem graficamente sinalizadas com o acento agudo ou circunflexo. O sinal gráfico evidencia o que é diferente da regra, o que foge ao padrão. Sendo o grupo das proparoxítonas o mais diferente, todo ele é registrado com o sinal, sem exceção.

Quanto ao grupo das oxítonas, cabe dizer que ele se divide em dois subgrupos: o das palavras terminadas por consoante e o das palavras terminadas por vogal. Podemos dizer que há uma preferência pelo acento na última sílaba quando a palavra termina por consoante. Isso ocorre porque sílabas terminadas em consoante atraem o acento, o que é evidenciado em várias línguas do mundo, como aponta Collischonn (1999, p. 135).

Sendo assim, uma palavra como *revolver* estaria dentro do padrão de acentuação natural, enquanto a paroxítona *revólver* seria a forma marcada (daí receber o acento gráfico). Essa informação é valiosa no estudo do padrão de acentuação gráfica do PB.

Outra informação valiosa sobre as sílabas é sobre a existência de sílabas leves e pesadas. Tal distinção refletirá diretamente na distribuição do acento. Conforme aponta Collischonn (1999, p. 95), “Rimas constituídas somente por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas”. Assim, o ataque pode ser ramificado e não interferirá no peso silábico, como ocorre em *cru* (sílabas leves), mas se a rima é ramificada, ou seja, se há algum elemento em posição de coda silábica, como ocorre em *par, mar*, ou em casos de ditongos, como ocorre em *dei, pau*, a sílaba passa a ser pesada. Alguns teóricos vão atribuir essa diferença de peso à quantidade de **moras** presentes em cada sílaba, embora não seja comum a aplicação da noção de mora à fonologia do português.

Em uma explicação bastante simplificada, o ataque silábico não contém moras, enquanto o núcleo da sílaba terá uma mora se houver uma vogal breve, e duas moras se houver uma vogal longa ou um ditongo. A coda silábica conterá também uma mora. Assim, sílabas com ditongos ou coda silábica terão duas moras, sendo consideradas sílabas pesadas. Como o acento é sensível ao peso da sílaba, sílabas pesadas tendem a atrair o acento para elas. É o que se pode constatar, por exemplo, no português, com as palavras terminadas por consoante, em que quase 80% delas são oxítonas. Obviamente, não é apenas o peso que interfere na distribuição do acento nas línguas naturais. A interferência de sufixos e a não interferência de alguns morfemas, como o *-s* plural, por exemplo, são casos que merecem atenção no estudo das regularidades de acentuação do PB.

Mora

Unidade prosódica maior que o segmento fonêmico e inferior à sílaba, que significa “período de tempo”.

Atividade 3

Atende ao Objetivo 4

Nos exemplos a seguir, aponte a alternativa em que todos os pares se distinguem pelo acento.

- (a) *para* e *Pará*; *sábio* e *sábia*; *come* e *fome*.
- (b) *acento* e *assento*; *Pará* e *parar*; *dorme* e *dormi*.
- (c) *para* e *Pará*; *sabiá* e *sábia*; *teme* e *temi*.
- (d) *sabia* e *sabiá*; *caia* e *Caio*; *roubo* e *robô*.

Resposta Comentada

Na letra *c*, todos os pares se distinguem pelo acento. O primeiro par (*para* × *Pará*) apresenta a distinção paroxítona × oxítona; o segundo par (*sabiá* × *sábia*) apresenta a distinção oxítona × paroxítona e o último par (*teme* × *temi*) apresenta a distinção paroxítona × oxítona. Quanto às demais alternativas, podemos tecer o seguinte comentário: na opção *a*, o segundo par mínimo (*sábio* × *sábia*) se distingue pelos fonemas /o/ e /a/, enquanto o terceiro par mínimo (*come* × *fome*) se distingue pelos fonemas /k/ e /f/. Na opção *b*, há homofonia no primeiro exemplo (*acento* × *assento*), além de um fonema *a* mais num dos itens do segundo exemplo, /R/, em algumas realizações. Como não há transcrição fonética no exercício, há de se prever a realização com a consoante. No terceiro exemplo (*dorme* × *dormi*), além da alternância de acento (paroxítona e oxítona, respectivamente), há alternância de timbre /ɔ/ e /o/. Na opção *d*, o segundo par mínimo (*caia* × *Caio*) se distingue pelos fonemas /a/ e /o/, e no último exemplo, mesmo que se considere a realização monotongada do substantivo *roubo* como *robo*, há ainda outros elementos que os distinguem, como a variação do acento (*roubo*/“robo” - paroxítona; *robô* - oxítona) e a alternância de vogal alta e média em posição final. Ou seja, em *roubo* a vogal final pode ser pronunciada como /u/ ou /o/, já em *robô* só se admite /o/.

Conclusão

Nesta aula, pudemos estudar a estrutura da sílaba, o que nos permitiu conhecer as possíveis combinações entre os fonemas dentro do padrão silábico do PB. Conhecemos as possíveis organizações na estrutura da sílaba, o que nos deu ferramentas para identificar combinações não aceitas no padrão silábico da língua portuguesa.

Atividade final

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Distribua a sílaba inicial das palavras conforme o padrão silábico apresentado. Utilizamos C (consoante), V (vogal) e V' (semivogal).

sabão - travesseiro - poste - frouxo - charuto - arroz - frevo - falta
 reinado - ervilha - céu - esperto - ilha - cruz - moita - dramático
 folha - ontem - fel - égua - tristeza - montanha - gilete - clamor - flor
 ator - tombo - pleura - trombada - touca - hora - harpa - troia

CV	VC	V	CCV	CVC	CW'	CCVC	CCW'

Resposta Comentada

CV	VC	V	CCV	CVC	CW'	CCVC	CCW'
sabão	ervilha	arroz	travesseiro	poste	reinado	cruz	frouxo
charuto	esperto	ilha	frevo	falta	céu	tristeza	pleura
folha	ontem	égua	dramático	fel	moita	flor	troia
gilete	harpa	ator	clamor	montanha	touca	trombada	
		hora		tombo			

Você pode observar que, em muitos casos, nem sempre o padrão silábico no âmbito fonético coincide com a divisão silábica ortográfica. No caso dos dígrafos, por exemplo, a escrita apresenta duas letras que correspondem apenas a um som, por isso, na estrutura silábica se conta apenas como uma consoante: em *charuto*, a sílaba inicial é CV; na palavra *harpa*, como a letra *h* não é pronunciada, o padrão silábico é VC; em *arroz*, a sílaba inicial é V, embora a divisão silábica ortográfica seja *ar-roz*. Isso ocorre porque, na ortografia, dígrafos com letras iguais se separam.

Resumo

Estudamos a sílaba. Vimos que ela representa um ou mais fonemas emitidos de uma só vez e constitui a unidade mínima percebida pelos falantes. Vimos que a sílaba é formada por um ataque (A), que pode ser vazio, simples ou ramificado, e por uma rima (R). A rima, por sua vez, constitui-se em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co), a qual também pode ser vazia, simples ou ramificada. O núcleo é o único lugar sempre preenchido na sílaba, por uma vogal e, de acordo com algumas correntes, por uma semivogal (há quem entenda que a semivogal posiciona-se na coda silábica).

O molde silábico apresenta as possíveis estruturas silábicas de uma língua. Devido a divergências em relação ao *status* das nasais e das semivogais, a definição do molde silábico do PB não é consenso entre os estudiosos. O padrão silábico canônico do português é CV, ou seja, consoante + vogal.

Vimos que o preenchimento da posição de ataque silábico é bastante flexível no PB, tanto em sílaba inicial de palavra quanto em sílaba medial. Apenas a combinação *dl* não ocorre na língua, enquanto *tl*, *vl* e *vr* só ocorrem em contextos específicos, sendo pouco frequentes.

Já em posição de coda, vimos que o PB aceita apenas quatro consoantes, a saber: /l, R, N, S/. Todas sofrem significativa variação, daí estarem representadas por seus respectivos arquifonemas ou fonema, como no caso da lateral /l/.

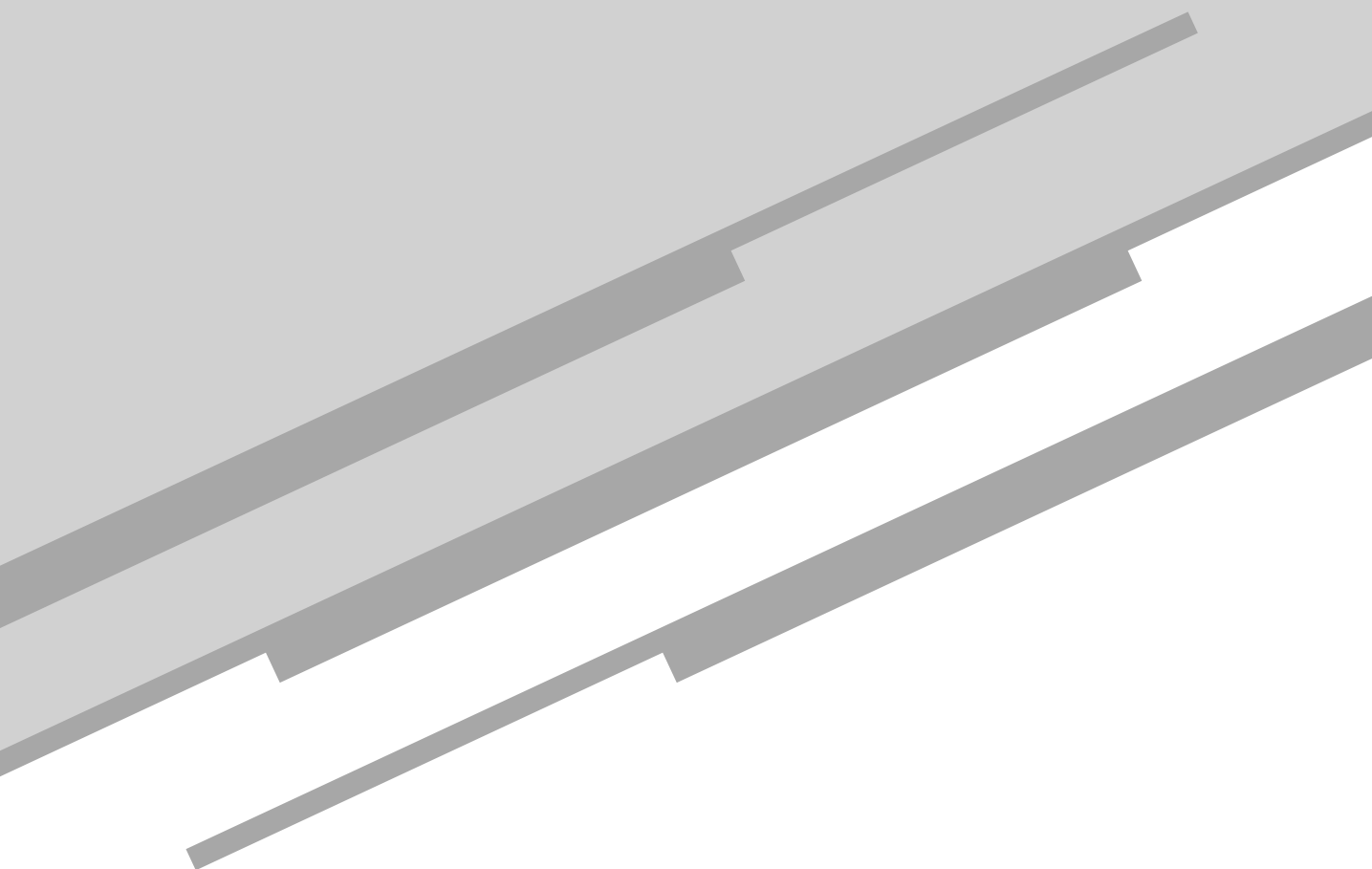
Por fim, estudamos o acento como fonema suprasegmental, já que estabelece distinção na língua. Vimos que no português o acento só recai sobre uma das três sílabas da palavra. Quando cai na última sílaba, diz-se que a palavra é oxítona (aguda). Quando cai na penúltima sílaba, diz-se que a palavra é paroxítona (grave), sendo este o grupo com maior quantidade de palavras da língua. Quando cai na antepenúltima sílaba, diz-se que a palavra é proparoxítona (esdrúxula), sendo este o grupo com menos palavras da língua.

Informações sobre a próxima aula

As duas próximas aulas são fundamentais para o nosso curso, pois, nelas, vocês aprenderão a fazer as transcrições fonética e fonológica das vogais e das consoantes do português do Brasil

Aula 9

A descrição dos segmentos vocálicos



Marli Hermenegilda Pereira

Meta

Apresentar as vogais do português do Brasil.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. descrever o sistema vocálico do português brasileiro em relação ao acento tônico;
2. transcrever, fonética e fonologicamente, as vogais do português.

Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula, você precisa ter noções básicas de vogal (Aula 4), de transcrição fonética e fonológica (Aula 7) e de sílaba (Aula 8).

Introdução

Na Aula 4, você aprendeu os parâmetros articulatórios para a classificação das vogais orais do português e conheceu os símbolos fonéticos do alfabeto fonético internacional, o IPA, utilizados para representar esses segmentos vocálicos. Nesta aula, você irá aprender a distribuição vocálica em relação ao acento tônico e a fazer a transcrição fonética e fonológica dessas unidades sonoras. Como já visto na Aula 8, em relação ao acento, as sílabas podem ser tônicas ou átonas. As sílabas tônicas são aquelas que recebem o acento primário, mais forte; e as sílabas átonas são consideradas mais fracas. Nesta mesma aula, você viu que as vogais são o pico (núcleo) das sílabas e, por isso, o acento recai sobre elas. Assim, de forma similar às sílabas, as vogais orais do português também podem ser tônicas e átonas. As tônicas são aquelas que recebem o acento primário, mais forte; e as átonas, por sua vez, são as mais fracas.

É comum ouvirmos que as vogais em português são cinco, confundindo-se *letra* com *fonema*. As letras que representam as vogais são *cinco*, mas o número de sons vocálicos varia de acordo com a sua posição na sílaba. Assim, temos:

- **tônicas:** são vogais em que o acento mais forte recai sobre elas – são sete vogais: /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/;
- **átonas pretônicas:** são assim chamadas as vogais que precedem a sílaba tônica. São cinco vogais que apresentam variação dialetal entre as vogais médias: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/ ou /a/, /ɛ/, /i/, /ɔ/, /u/;
- **átonas postônicas mediais:** as vogais que ocupam a posição imediatamente posterior à sílaba tônica. Podem variar de 4 a 5 vogais: /a/, /e/, /i/, /u/ ou /a/, /e/, /i/, /o/, /u/;
- **átonas postônicas finais:** as vogais que seguem a sílaba tônica – são três vogais apenas: /a/, /i/, /u/.

Você deve estar se perguntando: Por que o número de vogal se reduz em algumas posições, em especial, em ambiente postônico final? Isso discutiremos mais à frente.

O quadro a seguir ilustra a distribuição das vogais orais em relação ao acento.

Quadro 9.1: Distribuição das vogais em relação à sílaba tônica

Palavras	Pretônicas	Tônicas	Postônicas	
			Medial	Final
já		já		
mar		mar		
café	ca -	fé		
Amapá	A - ma -	pá		
acusar	a - cu -	sar		
abacaxi	a - ba - ca -	xi		
casa		ca -		sa
cratera	cra -	te -		ra
elasticidade	e - las - ti - ci -	da -		de
repórter	re -	pór -		ter
elástico	e -	lás -	ti -	co
árvore		ár -	vo -	re
mecânico	me -	câ -	ni -	co

Vogais tônicas orais

Como já foi apresentado na Aula 4, as vogais tônicas orais do português são 7 e ocorrem de forma homogênea em todas as variedades do português. O quadro a seguir, reproduzido da Aula 4, apresenta os símbolos fonéticos e a classificação articulatória das vogais orais.

Quadro 9.2: Quadro das vogais tônicas orais do português

	Anterior não-arredondada	Central não-arredondada	Posterior arredondada
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Atividade 1

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Leia, em voz alta, as palavras a seguir e identifique a sílaba tônica: não pronuncie pausadamente a palavra, mas faça de conta que a está chamando, como se estivesse chamando uma pessoa. A sílaba com pronúncia mais alongada é a sílaba tônica:

- a) comida
- b) ator
- c) borboleta
- d) revólver
- e) órgão
- f) tríplice
- g) organismo
- h) cachecol
- i) bêbado
- j) aquarela
- k) tudo
- l) peteca
- m) atitude

2. Transcreva, fonética e fonologicamente, as vogais tônicas das palavras do exercício anterior. Não se esqueça de que a transcrição fonética fica entre colchetes e a transcrição fonológica (fonêmica) fica entre barras transversais. Observe o exemplo:

- a) comida [i] /i/

Resposta Comentada

1. a) **comida**
- b) **ator**
- c) **borboleta**
- d) **revólver**
- e) **órgão**
- f) **tríplice**
- g) **organismo**
- h) **cachecol**
- i) **bêbado**
- j) **quarela**
- k) **tudo**
- l) **peteca**
- m) **atitude**

Como você viu na aula sobre sílaba, as palavras são classificadas em oxítona (sílabo tônica na última sílaba), paroxítona (penúltima sílaba) e proparoxítona (antepenúltima sílaba). Neste exercício, você deve ter observado que as palavras paroxítonas são as mais frequentes, ao passo que o grupo das proparoxítonas é o mais reduzido, o que justifica o fato de todas as palavras proparoxítonas serem acentuadas.

2.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
a) comida	[i]	/i/
b) ator	[o]	/o/
c) borboleta	[e]	/e/
d) revólver	[ɔ]	/ɔ/
e) órgão	[ɔ]	/ɔ/
f) tríplice	[i]	/i/
g) organismo	[i]	/i/
h) cachecol	[ɔ]	/ɔ/
i) bêbado	[e]	/e/

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
j) aquarela	[ɛ]	/ɛ/
k) tudo	[u]	/u/
l) peteca	[ɛ]	/ɛ/
m) atitude	[u]	/u/

É importante observar que as transcrições fonética e fonológica ficam idênticas, isso porque não há variação de pronúncia das vogais tônicas orais.

Vogais pretônicas orais

Diferentemente das vogais tônicas orais, você verá que as vogais em posição átona irão apresentar alofonia e redução de número de fonemas. Nesse contexto, ocorre o fenômeno da neutralização, isto é, “mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois.” (CÂMARA JR., 1999, p. 43).

As vogais átonas pretônicas, portanto, apresentam um comportamento bastante variado, relacionado, em muitos casos, a fatores regionais.

O quadro a seguir lista as vogais pretônicas do português do Brasil:

Quadro 9.3: Quadro das vogais pretônicas orais do português

	Anterior não-arredondada	Central não-arredondada	Posterior arredondada
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa	(ɛ)	(ə)	(ɔ)
Baixa		a	

Fonte: Adaptado de Silva (2003, p. 81).

O quadro de vogais pretônicas necessita de alguns comentários. O primeiro deles é o uso de parênteses em alguns símbolos. Essa notação

indica que essas vogais ocorrem em contextos específicos. Vejamos o caso da vogal média-baixa central, representada pelo símbolo fonético [ə]. De acordo com Silva (2003), a pronúncia típica do *a* ortográfico é [a]: *abacate*. No entanto, em alguns dialetos, como no caso do carioca, ocorre o alofone [ə]. Como se trata de alofonia, a distinção entre [a] e [ə] não é fonêmica. Assim, na transcrição fonológica será usado /a/ para representar esse fonema vocálico.

Outro fenômeno bastante relevante em relação às vogais pretônicas é a neutralização das vogais médias anteriores /ɛ, ɐ/ e das vogais médias posteriores /o, ɔ/. A perda de contraste fonêmico entre essas vogais em posição pretônica reflete uma variação regional, como atestam as palavras de Leite e Callou (2005, p. 39-40): “Para o português do Brasil, as vogais pretônicas, grafadas *e* e *o*, estabelecem a linha divisória entre os falares do Norte, que em geral optam pela realização aberta, e os falares do Sul, que geralmente optam pela realização fechada.” Lembre-se de que os termos *aberta/fechada* são sinônimos de *média-baixa/média-alta*, respectivamente. Assim, os falantes do Norte e do Nordeste produzem vogais pretônicas médias-baixas [ɛ, ɔ], e os falantes do Sul, Centro-Oeste e Sudeste optam pelas vogais pretônicas médias-altas [e, o]. O quadro a seguir ilustra a pronúncia das vogais médias pretônicas para os dialetos de certos falantes do Rio de Janeiro e da Paraíba:

Quadro 9.4: Variação dialetal das vogais médias pretônicas

Ocorrências	Rio de Janeiro	Paraíba
melado	[e]	[ɛ]
pecado	[e]	[ɛ]
moleza	[o]	[ɔ]
covarde	[o]	[ɔ]



Em 1953, Antenor Nascentes, grande filólogo brasileiro, apresenta uma proposta de classificação linguística dos falares brasileiros, reunidos em dois grupos, o do norte e o do sul. Ele subdivide esses falares em seis subfalares. Os do norte são dois: o amazônico e o nordestino. Os do sul são quatro: o baiano, o fluminense,

o mineiro e o sulista. Um dos critérios utilizados pelo estudioso para fazer essa divisão é justamente a pronúncia das vogais pretônicas: vogais abertas, características da região norte, *versus* vogais fechadas, características da região sul. Uma ótima referência para você se aprofundar sobre o modo de falar dos brasileiros é o livro *Como falam os brasileiros*, das autoras Yonne Leite e Dinah Callou, publicado pela Editora Zahar.

Outro fenômeno relacionado às vogais médias pretônicas é o alteamento, ou seja, quando as vogais médias elevam a sua altura e passam a vogais altas [i, u] como, por exemplo, *formiga* [u], *escola* [i], *voar* [u] e *espelho* [i]. Você pode notar que as vogais médias [o/ɔ, e/ɛ] são pronunciadas como vogais altas. É interessante ressaltar que esse processo fonético, alteamento vocálico, é comum em todas as variedades do português brasileiro.

Existe um tipo especial de alteamento vocálico chamado de harmonização vocálica, ou seja, a tendência de harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é alta como nos exemplos: *menino* [i], *pepino* [i], *estudo* [i], *comida* [u], *espuma* [i]. O que você notou de comum nessas palavras? Isso mesmo, todas apresentam vogais altas i/u nas sílabas tônicas e nas sílabas pretônicas. Esse fenômeno é muito comum no dialeto carioca.



As vogais [ɛ, ɔ] ocorrem em posição pretônica, independente do dialeto, em formas derivadas com os sufixos: *-mente*, *-inh*, *-zinh* ou *-íssim* quando o radical do substantivo/adjetivo apresenta as vogais [ɛ, ɔ] em posição tônica, como nos seguintes exemplos: *seriamente* (*séria*) [ɛ], *sobriamente* (*sóbria*) [ɔ], *terrinha* (*terra*) [ɛ], *foquinha* (*foca*) [ɔ], *cafezinho* (*café*) [ɛ], *pozinho* (*pó*) [ɔ], *belíssimo* (*belo*) [ɛ] e *molezinho* (*mole*) [ɔ].

Diante dessa alofonia das vogais médias pretônicas, como fica a transcrição fonológica? Na literatura especializada (CÂMARA JR., [1970], 1999; CALLOU; LEITE, 1995; SILVA, 2003), não há consenso, nem posicionamento claro acerca dessa questão. Em virtude disso, adotaremos, em nosso curso, o seguinte procedimento didático-metodológico: utilizar as vogais médias altas /e, o/ para representar os fonemas vocálicos mediais em posição pretônica. Assim, retomando os exemplos dados, temos as seguintes transcrições fonética e fonológica:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
melado	[e] [ɛ]	/e/
pecado	[e] [ɛ]	/e/
moleza	[o] [ɔ]	/o/
covardia	[o] [ɔ]	/o/
formiga	[o] [ɔ] [u]	/o/
escola	[e] [ɛ] [i]	/e/
voar	[o] [ɔ] [u]	/o/
espelho	[e] [ɛ] [i]	/e/
menino	[e] [ɛ] [i]	/e/
pepino	[e] [ɛ] [i]	/e/
estudo	[e] [ɛ] [i]	/e/
comida	[o] [ɔ] [u]	/o/
espuma	[e] [ɛ] [i]	/e/

Em relação às vogais pretônicas do português, podemos concluir que todos os dialetos apresentam um quadro de cinco vogais que se diferencia na distribuição das vogais médias. Assim, para os falares do sul, temos [i, e, a, o, u]; e para os falares do norte, temos [i, ɛ, a, ɔ, u] em posição pretônica. Agora, vamos exercitar!

Atividade 2

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Com base no dialeto carioca, faça a transcrição fonética e fonológica das vogais médias pretônicas a seguir.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
modelo		
borboleta		
coelho		
tortura		
cobertura		
velhice		
telhado		
mestiço		
querida		
serviço		

2. Identifique, a partir do exercício anterior, as ocorrências que podem sofrer harmonização vocálica.

3. Com base no dialeto carioca, registre os símbolos fonético e fonológico correspondentes à vogal baixa pretônica:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cadeira		
mamadeira		
atacado		
tabuada		
atraso		
bananada		
carpete		

Respostas Comentadas

1.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
modelo	[o] ou [u]	/o/
borboleta	[o] [o] ou [u] [u]	/o/ /o/
coelho	[o] ou [u]	/o/
tortura	[o] ou [u]	/o/
cobertura	[o] ou [u] [e]	/o/ /e/
velhice	[e]	/e/
telhado	[e]	/e/
mestiço	[e] ou [i]	/e/
querida	[e] ou [i]	/e/
serviço	[e] ou [i]	/e/

Você deve ter reparado que, no dialeto carioca, há uma preferência pelo uso das vogais médias-altas pretônicas /e, o/. Além disso, é comum o fenômeno do alteamento vocálico como nos casos de *modelo*, *borboleta*, *coelho*, *tortura*, *cobertura*, *mestiço*, *querida* e *serviço*.

2. Você viu que a harmonização vocálica é um tipo especial de alteamento vocálico e ocorre quando a vogal média pretônica passa à vogal alta nos casos em que a vogal da sílaba tônica for alta. Os casos propensos à harmonização vocálica são: *tortura*, *cobertura*, *mestiço*, *querida* e *serviço*.

3. No dialeto carioca, a vogal baixa /a/ sofre um enfraquecimento e é representada, foneticamente, pelo símbolo [ə]. Assim, para todos os casos, o símbolo fonético utilizado para representar a vogal baixa pretônica é [ə] e o fonema correspondente é /a/.

Vogais postônicas orais

Como você já sabe, as vogais postônicas se dividem em postônica medial (ocorre nas palavras proparoxítonas e se localiza logo após a sílaba tônica) e postônica final. Uma vez que o comportamento das vogais é distinto em cada grupo, trataremos cada um separadamente.

Vogais postônicas finais

As vogais postônicas finais ocorrem em sílabas com maior grau de atonicidade, por isso, na maioria dos dialetos, elas sofrem uma redução drástica resultando em apenas três vogais /a/, /i/, /u/, que correspondem, respectivamente, aos alofones [ə, ɪ, u]. Essas vogais podem ser visualizadas, sem parênteses, no quadro a seguir:

Quadro 9.5: Quadro das vogais postônicas finais do português

	Anterior não-arredondada	Central não-arredondada	Posterior arredondada
Alta	ɪ		u
Média-alta	(e)		(o)
Média-baixa		ə	
Baixa		a	

Fonte: Adaptado de Silva (2003, p. 86).

Os símbolos fonéticos, fora dos parênteses, são utilizados para mostrar o enfraquecimento na pronúncia das vogais átonas finais, assim: [ə] → /a/; [ɪ] → /i/ e [u] → /u/. Exemplos:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cova	[ə]	/a/
lado	[u]	/o/
fale	[ɪ]	/e/

Essa configuração ocorre de norte a sul, no entanto, não é categórica, ou seja, em algumas circunstâncias podem ocorrer as cinco vogais nessa posição /a, e, i, o, u/. De acordo com o estudo de Hora (p. 22), embora haja uma redução do quadro das vogais postônicas finais, é preciso levar em conta fatores dialetais, como distribuição geográfica, e fatores estruturais, como no caso das sílabas átonas travadas, ou seja, sílaba terminada por consoante. Em relação aos fatores dialetais, o estudioso atesta a coexistência de vogais médias-altas e vogais altas em posição átona final no Sul do Brasil: leit[ə]/leit[ɪ]; gat[o]/gat[u]. No caso de sílaba travada, o enfraquecimento da vogal postônica ocorre apenas quando a palavra termina pelas letras *s* ou *x*. Exemplos: *travessuras* [ə], *flores* [ɪ], *frutos* [u],

tórax [ə]. No entanto, se a palavra terminar pela consoante lateral /l/ ou por uma consoante vibrante, representada ortograficamente pela letra *r*, não ocorre o enfraquecimento das vogais átonas finais. Exemplos: *amável* [ə], *repórter* [ə], exceto em casos em que ocorre a queda do *r* final. No caso das sílabas átonas terminadas por uma consoante nasal *m*, como, por exemplo, *cantam* [ã], há a ocorrência de uma vogal nasal, e não oral, marcada na transcrição pelo til (~).



Um fenômeno muito comum no português brasileiro é a queda do fonema /R/ em final de palavra, principalmente o *-r* dos verbos no infinitivo. Exemplos: “amá” (amar), “vendê” (vender), “parti” (partir), “cantô” (cantor). Devido a esse fenômeno, algumas palavras terminadas por *-r* podem apresentar enfraquecimento da vogal postônica, porque esse fonema não é pronunciado. Exemplo: “cadáve/cadávi” (cadáver).

Atividade 3

Atende aos Objetivos 1 e 2

Com base no dialeto carioca, registre adequadamente a transcrição fonética e a transcrição fonológica das vogais postônicas finais das palavras que seguem:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
a) ametista	ametist[]	ametist/ /
b) letra	letr[]	letr/ /
c) anedota	anedot[]	anedot/ /
d) câmara	câmer[]	câmer/ /
e) corpo	corp[]	corp/ /
f) copo	cop[]	cop/ /
g) tombo	tomb[]	tomb/ /

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
h) caderno	cadern[]	cadern/ /
i) gaveteiro	gaveteir[]	gaveteir/ /
j) nobre	nobr[]	nobr/ /
k) neve	nev[]	nev/ /
l) lote	lot[]	lot/ /
m) elefante	elefant[]	elefant/ /
n) júri	júr[]	júr/ /
o) táxi	táx[]	táx/ /
p) bodas	boda[]	bod/ /s
q) ratos	rat[]s	rat/ /s
r) redes	red[]s	red/ /s
s) pesadelos	pesadel[]s	pesadel/ /s
t) neves	nev[]s	nev/ /s
u) revólver	revólv[]r	revólv/ /r
v) almíscar	almísc[]r	almísc/ /r
w) hável	háb[]l	háb/ /l
x) afável	afáv[]l	afáv/ /l
y) Aníbal	Aníb[]l	Aníb/ /l
z) cálix	cál[]x	cál/ /x

Resposta Comentada

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
a) ametista	ametist[ə]	ametist/a/
b) letra	letr[ə]	letr/a/
c) anedota	anedot[ə]	anedot/a/
d) câmera	câmer[ə]	câmer/a/
e) corpo	corp[ʊ]	corp/o/
f) copo	cop[ʊ]	cop/o/
g) tombo	tomb[ʊ]	tomb/o/
h) caderno	cadern[ʊ]	cadern/o/

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
i) gaveteiro	gaveteir[ʊ]	gaveteir/o/
j) nobre	nobr[ɪ]	nobr/e/
k) neve	nev[ɪ]	nev/e/
l) lote	lot[ɪ]	lot/e/
m) elefante	elefant[ɪ]	elefant/e/
n) júri	júr[ɪ]	júr/i/
o) táxi	táx[ɪ]	táx/i/
p) bodas	bod[ə]s	bod/a/s
q) ratos	rat[ʊ]s	rat/o/s
r) redes	red[ɪ]s	red/e/s
s) pesadelos	pesadel[ʊ]s	pesadel/o/s
t) neves	nev[ɪ]s	nev/e/s
u) revólver	revólv[ə]r ou revólv[ɪ]r	revólv/e/r
v) almíscar	almísc[a]r ou almísc[ə]r	almísc/a/r
w) hábil	háb[i]l	háb/i/l
x) afável	afáv[ə]l	afáv/e/l
y) Aníbal	Aníb[a]l	Aníb/a/l
z) cálix	cál[ɪ]x	cál/i/x

Você deve ter constatado que, em posição átona final, há uma redução drástica no quadro de vogais orais, ocorrendo apenas três alofones vocálicos [ə, ɪ, ʊ] que correspondem aos fonemas /a, e, o/, respectivamente. No entanto, no caso das sílabas átonas travadas (sílabas terminadas por consoantes) pelas consoantes grafadas pelas letras *l/r*, não ocorre a redução das vogais átonas, mas se deve prestar atenção ao fenômeno da queda da consoante grafada ortograficamente pela letra *r*. Nesse caso, há redução da vogal átona.

Vogais postônicas mediais

Como você já sabe, as vogais postônicas mediais ocorrem entre a sílaba tônica e a sílaba átona final em palavras proparoxítonas. Exemplos: *lâmpada*, *pêssego*, *tímido*, *átomo*, *lúgubre*.

Esse grupo apresenta grande variação de pronúncia, principalmente influenciada pelo estilo de fala, ou seja, estilo formal, utilizado em situações comunicativas que exigem maior preocupação com o nível de linguagem (palestras, entrevistas) e estilo informal, usado nas mais diversas situações cotidianas que não requerem maior atenção com o estilo de fala (conversas, narração de histórias e piadas).

Em situações formais, a maioria dos dialetos produz as vogais [a, e, i, u, o] na posição postônica medial. De acordo com Silva (2003, p. 87), “Em alguns dialetos, como por exemplo da região Nordeste, as vogais [ɛ, ɔ] ocorrem em posição postônica medial em estilo formal.” O quadro a seguir, ilustra essas duas possibilidades:

Quadro 9.6: Realização das vogais pretônicas mediais

Estilo formal	Dialeto1 [i, e, a, o, u]	Dialeto 2 [i, e, ɛ, a, o, ɔ, u]
tráfico	tráf[i]co	tráf[i]co
sôfrego	sôfr[e]go	sôfr[e]go
número	núm[e]ro	núm[ɛ]ro
sílaba	síl[a]ba	síl[a]ba
êxodo	êx[o]do	êx[o]do
pérola	pér[o]la	pér[ɔ]la
cédula	céd[u]la	céd[u]la

Fonte: Silva (2003, p. 87).

No entanto, em situações informais, a tendência, em todos os dialetos, é produzir apenas três vogais pretônicas mediais, representadas pelos alofones [ə, ɪ, ʊ], que correspondem, respectivamente, aos fonemas /a/, /e, i/ e /o, u/, como ilustram os seguintes exemplos:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
pacífico	[ɪ]	/i/
pêssego	[ɪ]	/e/
anêmona	[ʊ]	/o/
cônjuge	[ʊ]	/u/
tâmara	[ə]	/a/

Atividade 4

Atende aos Objetivos 1 e 2

Com base no estilo de fala, registre adequadamente as transcrições fonética e fonológica das vogais postônicas mediais das palavras que seguem:

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Estilo formal	Estilo informal	
abóbada			
alcoólatra			
álibi			
míope			
ângulo			
anêmona			
húngaro			
íngreme			
pântano			
síndrome			
vermífugo			
vórtice			
metástase			
munícipe			
ágape			
antídoto			
êxodo			
efêmero			

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Estilo formal	Estilo informal	
auréola			
aborígene			
unísson			
ávido			
estereótipo			

Resposta Comentada

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Estilo formal	Estilo informal	
abóbada	[a]	[ə]	/a/
alcoólatra	[a]	[ə]	/a/
álibi	[i]	[ɪ]	/i/
míope	[o]	[ʊ]	/o/
ângulo	[u]	[ʊ]	/u/
anêmona	[o] ou [ɔ]	[ʊ]	/o/
húngaro	[a]	[ə]	/a/
íngreme	[e] ou [ɛ]	[ɪ]	/e/
pântano	[a]	[ə]	/a/
síndrome	[o] ou [ɔ]	[ʊ]	/o/
vermífugo	[u]	[ʊ]	/u/
vórtice	[i]	[ɪ]	/i/
metástase	[a]	[ə]	/a/
municípe	[i]	[ɪ]	/i/
ágape	[a]	[ə]	/a/
antídoto	[o] ou [ɔ]	[ʊ]	/o/
êxodo	[o] ou [ɔ]	[ʊ]	/o/
efêmero	[i] ou [e]	[ɪ]	/e/
auréola	[o] ou [ɔ]	[ʊ]	/o/
aborígene	[i] ou [e]	[ɪ]	/e/
unísson	[o] ou [ɔ]	[ʊ]	/o/

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Estilo formal	Estilo informal	
ávido	[i]	[ɪ]	/i/
estereótipo	[i]	[ɪ]	/i/

Você deve ter observado que, no estilo formal, ocorrem os seguintes alofones vocálicos [a, e/ɛ, i, o/ɔ, u] em posição postônica medial. Dependendo do dialeto, há a alternância entre as vogais médias [e/ɛ] e [o/ɔ]. No entanto, esse quadro se reduz a três alofones [ə, ɪ, u] no estilo informal. Na transcrição fonológica, têm-se os seguintes fonemas /a, e, i, o, u/.



Conclusão

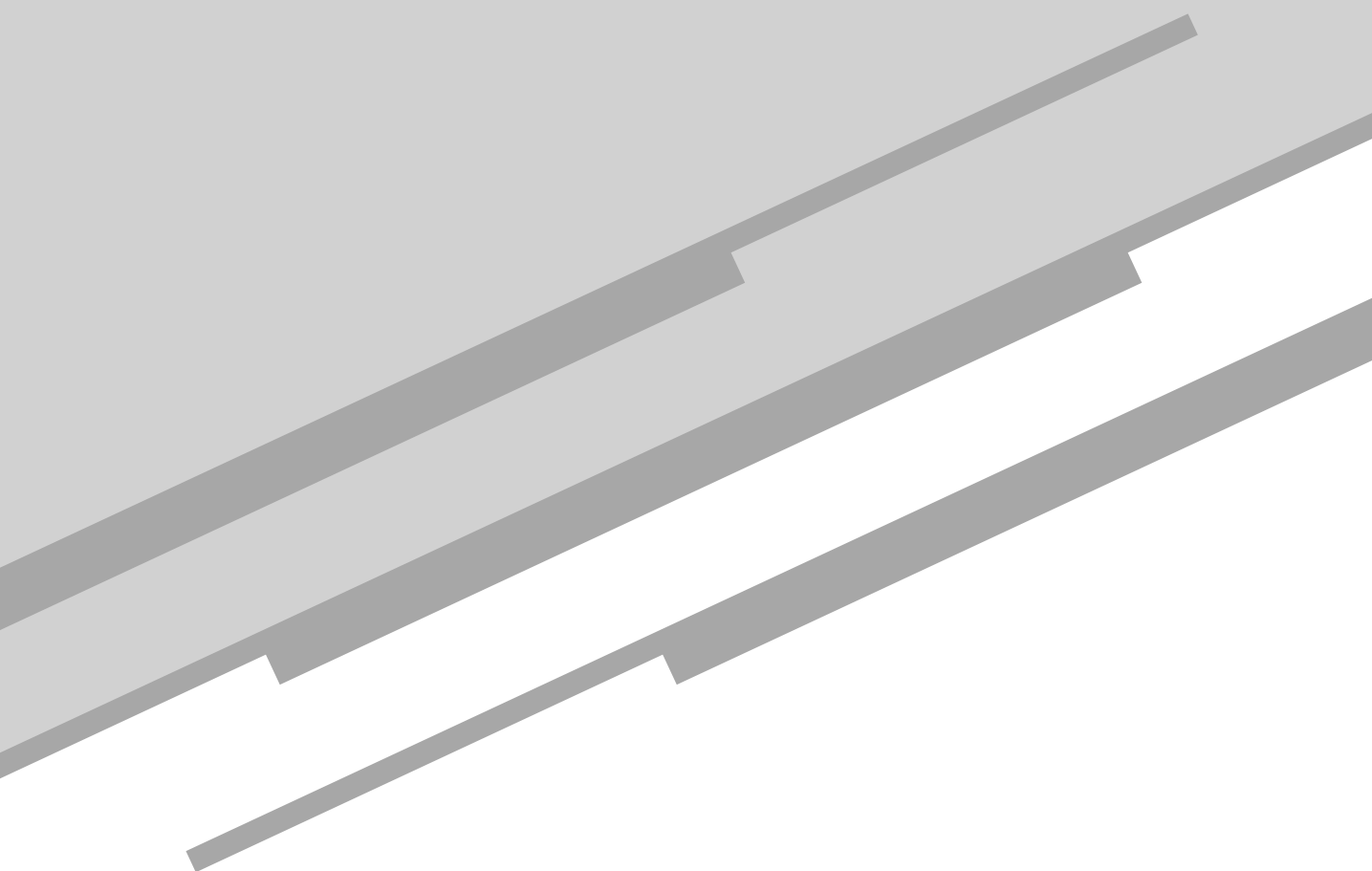
Vimos, nesta aula, que a realização das vogais orais no português do Brasil é influenciada por fatores dialetais (região geográfica), por grau de formalidade discursiva (registro formal e informal) e por pressões estruturais (sílabas tônicas e átonas). Na próxima aula, veremos a realização das consoantes, com base no dialeto carioca, do português.

Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

Com base nesta aula, resuma o comportamento fonético das vogais tônicas, pretônicas e postônicas.

Referências



Aula 1

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Fonología española*. Madrid: Gredos, 1954.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRUBETZKOY, Nicolai. *Principes de Phonologie*. Paris: Klincksieck, 1986.

Aula 2

LYONS, John. *Linguagem e linguística*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

PIKE, Kenneth. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

SILVA, Thaïs Cristófano. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Aula 3

SILVA, Thaïs Cristófano. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Aula 4

TRUBETZKOY, Nikolai. *Grundzüge der Phonologie*. Göttingen: Vandenhoeck; Ruprecht, 1939.

Aula 5

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1999.

HORA, Dermeval da. Fonologia: fonema, traços e processos. In: _____; PEDROSA, Juliene L. R. *Introdução à fonologia do português brasileiro*. João Pessoa: Editora Universitária, 2012. p. 33-66.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 11. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

Aula 6

CABRAL, Leonor Scliar. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de; LEITE, Yonne. As vogais orais: um estudo acústico-variacionista. In: ABAURRE, Maria Bernadete (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 75-93.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. *The Internal Organization of Speech Sounds*. Unpublished Ms. University of Cornell, 1993.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1999.

GARCIA, Tania Mikaela. *Reciclagem neuronal: o espelhamento de grafemas na leitura de um silabário*. 2008. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 77-81. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91373>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

HERNANDORENA, Carmen L. Matzenauer. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

_____. Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 91-110, dez. 1995. Edição especial, n. 102.

HORA, Dermeval da. Fonologia: fonema, traços e processos. In: _____; PEDROSA, Juliene L. R. *Introdução à fonologia do português brasileiro*. João Pessoa: Editora Universitária, 2012, p. 33-66.

JAKOBSON, Roman; FANT, Carl Gunnar M.; HALLE, Morris. *Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates*. Cambridge/MA: MIT Press, 1951.

MARTINET, André. *Arbitraire Linguistique et Double Articulation*. In: HAMP, Eric P.; HOUSEHOLDER, Fred W.; AUSTERLITZ, Robert. (Ed.). *Readings in Linguistics II*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1966. p. 371-378.

CABRAL, Leonor Sciar. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

Aula 7

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Aula 8

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: ABAURRE, Maria Bernadete (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 21-52.

_____. Sândi vocálico externo. In: ABAURRE, Maria Bernadete (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 53-72.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. p. 91-124.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1999.

FUDGE, Erik C. Syllables. *Journal of Linguistics*, Cambridge, n. 5, p. 254-287, 1969.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R. *Introdução à fonologia do português brasileiro*. João Pessoa: Editora Universitária, 2012.

MONARETTO, Valéria de O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1992.

PIKE, Kenneth; PIKE, Eunice. Immediate constituents of Mazateco syllables. *International Journal of Applied Linguistics*, n. 13, p. 78-91, 1947.

SEARA, Izabel Christine; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane; NUNES, Vanessa Gonzaga. *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, Harry; SMITH, Van der (Org.). *The structure of phonological representations* (part II). Foris, Dordrecht, 1982. p. 337-383.

Aula 9

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HORA, Dermeval. *Fonética e fonologia*. Disponível em: <portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wp-content/.../Fonetica_e_Fonologia.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2014.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

